THEATRO COMICO
ORTUGUEZ,
OU
COLLECÇÃO
AS OPERAS
PORTUGUEZAS,

se representárão nas Casas dos Theatros
públicos do Bairro Alto, e Mouraria,

OFFERECIDAS

A' MUITO NOBRE SENHORA
ECUNIA ARGENTINA

Por * * *

TOMO QUARTO

ntém { Filinto
Encantos de Circe.
Semiramis.
Encantos de Merlim.

LISBOA:

Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. 1792.

*Licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros*

Vende-se na mesma Officina.

Foi taxado este Livro em papel a tre
e vinte reis. Meza 29 de Outubro de 17

Com tres rubricas

FILINTO

[PE]RSEGUIDO, E EXALTADO.

[Op]era que se representou na Casa do Theatro público da Mouraria.

ARGUMENTO.

[P]Olicrates Rei dos Samios, Pai de Filinto [e] Adastro, por ser mais amante deste, que do [o]utro, o pretendia collocar no Real Throno, [n]ão obstante ser filho segundo: o que não levan[do] a bem Filinto, não quiz estar pelo juramen[t]o, e por isso julgado por desobediente, era [a]borrecido do Pai. Elle amava a Irene, Princeza [d]a Persia, que no mesmo Palacio assistia em ha[b]itos de homem, e com o nome de Carpio; para [t]er melhor occasião de matar a Policrates, o que [s]empre Filinto embaraçava, noticiando a ElRei, [q]ue guardasse a vida, por haver traidor occulto; [e] ElRei julgando pela passada desobediencia ser [o] mesmo filho o traidor, o mandou prender, e [u]ltimamente matar; do que se livrou por con[sp]iração da plebe, que o acclamou Rei dos Sa[m]ios. Tudo o mais se verá da contextura da [m]esma Obra.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Templo com Ara, e Simulacro do*
II. *Camera com hum bofete.*
III. *Gabinete.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Parque Real.*
II. *Sala Regia com cadeiras.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Jardim.*
II. *Carcere.*
III. *Praça Real com apparato para a coroa*

A Scena se representa em Seleucia, Pro cia sujeita ao Imperio da Persia.

INTERLOCUTORES.

Policrates, *Rey dos Samios, amante de Estella.*

Filinto, *Primogenito de ElRey, amante de Irene.*

Adastro, *Filho segundo de ElRey.*

Alicandro, *General das Armas, e amigo de Filinto.*

Irene, *Princeza da Persia, em habito de homem, com o nome de Carpio.*

Estella, *Irmã de Alicandro, e amante de Filinto.*

Pedreneira, *Criada de Estella.*

Desenfado, *Gracioso, Criado de Irene.*

Macaco, *Sevandija de Palacio.*

Soldados.

ACTO

ACTO I.

SCENA I.

Perspectiva de Templo consagrado ao Sol com Ara, e Simulacro do mesmo, no qual estará ElRei, e Filinto, Adastro, Desenfado, e Macaco.

CORO.

Do throno a eleição
Examine Febo,
E as luzes inspire
Para os acertos.

Rey. Filhos bem sabeis, que deste Reino não sou menos Pai do que vosso. A vós vos devo o affecto, e o Reino hum justo successor, que seja digno Athlante desta Monarquia. Hoje he o destinado termo da minha eleição.

Mac. Se Vossa Magestade quer fazer eleição, ahi tem já dous irmãos.

Des. E se forem precisos mais para a meza, aqui estou eu.

Adast. Do teu querer, Senhor, só pende a minha sórte.

Mac.

Mac. Ora esperem: eu cuidava, que isto era por eleição, mas já vejo que he por sorte.

Filint. E a qual de nós approva o teu affecto?

Rey. Estão tão conformes os vossos meritos, que não divisa preferencias o meu exame. Dissimularei o amor de Adastro. *á part.* Mas para que consiga a minha eleição o effeito, quero, por evitar discordias, que ambos jureis neste dia guardar constante fé, e rendida vassallagem a quem for o feliz objecto dos meus votos. Esta he a Ara, aonde a vossa obediencia seja o desempenho do meu gosto; e este o Numen, que será testemunha dos vossos protestos.

Des. Ui, senhores, nós somos as testemunhas, e elles são os que jurão? *Para Mac.*

Mac. Sim, senhor; querem que vejamos, para não jurarmos falso. *Para Desenf.*

Filint. Eu, que do Throno sou primogenito; dar juramento tal não consinto. *á part*

Adast. Seja, Senhor, a minha promptidão abono da minha obediencia. Sem duvida ao Throno hoje o seu amor me eleva. *á part.*

Ajoelha diante da Ara do Sol, e canta o seguinte.

RECITADO.

Nas tuas aras, sagrado Numen,
Protesta Adastro, e jura de consagrar
Ao futuro Monarca rendimento, e fé;

E quando falte ao que promette,
Se lhes transformem em opacas trévas
Os raios, que luminoso gyras. *Levanta-se.*

Des. Arre como jura!

Rey. Amado filho, chega aos meus braços: e tu, Filinto, examina na obediencia de teu menor irmão a satisfação cabal do meu desejo. *Abraça a Adastro.*

Mac. He muito bom ensino de Pai, ver peccar o filho, e dar-lhe os amães! Se elle lhe dera a mão para o levantar da culpa, lá tinha desculpa. *á part.*

Adast. Duvidoso se calla. *á part.*

Rey. Que vacillas? Não cumpres o meu mando? Em que te demoras? *Para Filint.*

Des. Antes por elle cumprir com os mandamentos, he que não jura. *á part.*

Filint. Senhor. . . . . eu . . . . não . . . .

Mac. Parece que não affina. Este sim, que guarda os preceitos á risca, o primeiro faça o que quizer; mas o segundo não jurarás. *á p.*

Rey. Promptamente obedece.

Filint. Em fim, Senhor, queres que eu jure? E dize-me, com que razão espira ao Solio Adastro? Ignoras por ventura, que ficão os seus annos inferiores á minha idade? Não sabes os triunfos que deve a tua Coroa á minha espada? Em que te servio Adastro, para lograr comigo os privilegios da competencia? Lograr *os teus* agrados, pódem sim fazello

mais

mais venturoso, mas não mais benemerito; que as honras do destino não devem tirar a gloria á heroicidade. Pois se nada ignora a tua intelligencia, superfluo imagino o juramento.

Mac. Quando elle não tivesse outro jus, bastava-lhe o de *jure jurando*, *juxta textum in lege*.... mas não vai a ostentar.

Rey. Não só, ingrato, vive na minha memoria impresso o que me narras, mas ainda na esféra da lembrança estão mais vivos outros cuidados. Lembra-me que a inimiga Irene amaste; lembrão-me os suspiros, que exhalaste, quando da minha mão a sua morte viste: e julgo que se ainda hoje vivêra, faltáras ao meu decoro; sómente por satisfazer aos teus affectos.

Des. Pois que vai? ElRei cuida que minha Ama está morta; que faria, se soubesse que anda em Palacio feita homem. *á part.*

Mac. Eu supponho que os dous vem conjurados. *á part.*

Filint. Apague, Senhor, o teu poder, apague esse amoroso incendio, que te inflamma no peito Adastro: sejão os teus affectos degráos por onde suba ao Throno. Mas eu farei que a plebe....

Rey. Como, atrevido, tens temeridade para os ameaços?

Des. Isto parece-me que não pára aqui; mas com effeito não quero ver no que topa: vou-me esgueirando a contar á machafemea de

de minha Ama o que se passa; pois quiz fazer-me nesta eleição andador de novas.

Mac. Ah Senhor, espere, que poderá servir para testemunha; que isto sempre parará em morte. *Para Desenfado.*

Adast. Rei, Pai, e Senhor, suspende as iras: seja de Filinto o Reino, que eu para timbre da minha gloria muito consigo no favor que logro.

Rey. Não: para castigo do seu atrevimento farei que neste dia te veja a ti só constituido Monarca do meu Reino, por ver se póde collocallo a plebe á eminencia de que o priva a minha graça. *Vai-se.*

Des. Eu supponho que ElRei quer tirar os olhos ao Principe; pois dizer-lhe que neste dia o ha de ver só Monarca, he certo que o quer cegar; mas eu vou dizer a minha Ama, que venha evitar esta cegueira. *Vai-se.*

Filint. Em fim, temerario, podes, sem que te embargue o pejo, ainda ser objecto da minha vista.

Adast. Assim fallas, soberbo, com o teu Monarca? Não sabes que dos meus decretos vive pendente a brevidade da tua morte? Procura pois no silencio os privilegios á tua vida; ou a minha espada.... *Empunha.*

Mac. Tenha mão. Ui, Senhor, Vossa Alteza mais pequena quer ser Principe, ou Rei de armas?

Filint. Que intentas, traidor? Ainda na tua

tren-

frente não assentou a tyrannia a Coroa. Muito ufano te tem a idéa de huma esperança; mas considera que na tua escolha ainda ha o prazo de hum dia para o arrependimento.

Mac. Sim, senhor, elle já está arrependido, senão aqui estou eu por elle, que todos somos peccadores.

Sabe Irene em trage de homem com o nome de Carpio, e Desenfado.

Des. Senhor Carpio Irenico, he isto que lhe digo: ElRei está muito assanhado, e quer cegar ao Senhor Filinto; se não se oppõem a esta desgraça, ficará sem a menina dos seus olhos.

Iren. Calla-te, não manifestes quem sou. *a Desenfado.* Principes, cesse o vosso enfado; que não he justo offusque a Seleucia os jubilos, que hoje goza esse apaixonado certamen, que em vós se encerra.

Des. Ahi vai minha Ama apregoar as pazes. *á part.*

Adast. Dissimularei. *á part.* Esse sómente he o meu designio; porém não devo á sorte essa ventura.

Filint. Que fingida modestia! *á part.*

Mac. Não, o Senhor Adastro por si he hum coitadinho: o outro he que he mais traquinas.

Filint. Que dizes, atrevido?

Mac. Digo, que Vossa Alteza he mais resingueiro, e o seu manito he mais medroso. *Adast.*

Adast. Calla-te, ou te matarei.

Mac. Ainda que me mate, verá se não fallo.

Iren. Patente he á minha experiencia a decorosa humildade de Adastro.

Filint. Ai, caro amigo, e como ignoras que he rebuço da traição aquella caricia!

Adast. Ouves aquelles écos? Pois julga pelas chammas que no semblante atêa, o irado lume que no peito guarda.

Des. Ainda não ha de estar escaldado. *á part.*

Iren. Basta, Principe: parte deste lugar: não faças, que a impaciencia chegue a romper os decoros á tua soberania.

Adast. Satisfaço o teu gosto; mas peço-te, que lhe intimes as veras, com que extremoso o adoro: dize-lhe, que nelle reconheço o meu Monarca, e que venturoso lhe obedeço como Soberano. *Vai-se.*

Des. Ora vá-se andando so falsinha.

Mac. Bello era este Adastro para ser mulher; porque tinha o essencial que he ser mudavel. Quem visse as furias, com que elle estava, havia cuidar que elle era alguma cousa por esses ares; no cabo he hum pateta. Ora vamos chegando pera palacio. Se serão já horas? Ah Senhor, isto será já tarde? *Para Desenfado.*

Des. Não: porque, vossa mercê não vê alli o Sol? *Apontando para o Simulacro.*

Mac. Ah, sim, já vejo que he tarde.

Des. Porque.?

Mac.

Mac. Porque aquillo he Sol posto.
Des. E vossa mercê vê isso?
Mac. Sim, senhor.
Des. Então não ha mais ir á India.
Mac. Pois, Senhor, regale-se, e adeos.
Des. Vossa mercê quer companhia?
Mac. Não, senhor, porque eu não sou Capitão. *Vai-se.*
Des. Sim: mas alvora como hum Sargento.
Filint. Bella, e adorada Irene....
Iren. Suspende a voz: calla o meu nome, e chama-me Carpio, que não quero communicar ainda ás paredes deste Palacio aquelle arcano, de cuja ignorancia só estão livres os nossos peitos.
Filint. Ninguem nos ouve, mais que esse Criado, cuja fé serve de deposito a este segredo. Sabes, querida Irene, que intenta meu Pai usurpar-me o merecido Solio?
Iren. Já Desenfado me deu essa noticia. Mas dize-me; que obstaculo intentas á sua tyrannia?
Des. Ainda mais? Disse que lhe havia arrancar os olhos fóra, só para que não visse o outro feito Monarca.
Filint. E que posso eu fazer?
Iren. O que? Quanto aspirar o teu desejo. Ancioso te venera o povo: elle póde na correcção deste delicto dar satisfação a duas queixas, á minha vingança, e á tua ustiça.
Filint. Ai meu bem, e que me pedes!
Des. Se ella lhe dá o remedio, pede-lhe a apaga.

Iren. Sabes quem sou?

Filint. Venturoso não ignoro que és a melhor parte da minha alma.

Des. Sim, que esta Irene he os seus peccados. *á part.*

Filint. Sei que da Persia és a soberana Princeza.

Iren. Sabes que do violento impulso de Policrates foi meu Pai despojo? Sabes que avarento do meu sangue, desprezando os trofeos do meu Reino, quiz fazer alvo das suas tyrannias o meu peito?

Des. Eis-alli o que he ter os peitos brancos, que logo todos querem atirar ao alvo. *á part.*

Iren. Pois sabe, que o traje que observo, he hum dissimulado para o seu estrago: hoje renderá o aleivoso alento, que respira.

Filint. Deoses, que escuto! Meu Pai! He possivel, que quando es o extremoso mimo dos seus agrados, recompenses com huma tyrannia tantos affectos?

Des. Não fora elle mulher. *á part.*

Iren. Gratifico-lhe as honras como Carpio, e aborreço o tyranno como Irene.

Filint. Ai infeliz! Em fim que determinas?

Des. Ella he determinada. *á part.*

Iren. Se intentas com amoroso vinculo unir a minha alma aos teus affectos, tu mesmo has de ser o defensor da minha injuria; a ElRei has de dar a morte.

Filit. A meu Pai? Em vão o intentas.

Iren. Pois, ingrato, se o teu braço me nega

o desempenho da vingança, outro tenho já na minha defensa, a cujo extremo gostosa recompenso com a minha máo: tu perderás sem remedio neste dia hum Pai tyranno, e huma esposa amante.

Filint. Ah falsa, são estas as finezas, que me protestastes? Para que me disseste, que á minha presença te conduzia amor, se, a pezar da experiencia, só em ti examino odio?

Iren. Em quanto foi justo, ElRei occultava o odio; mas quando o vejo para comtigo ingrato, rompe os laços a desesperação.

Filint. Eu Parricida! He premio este para quem te adora?

Iren. Basta de adular-me, que já sei me não amas.

Filint. Que dizes? Não és tu o idolo que idolatro?

Des. He bem herege! *á part.*

Iren. Aqui se encaminha Estella; e pois os teus favores logra, ella te responderá.

Filint. Não he amor o agrado, que a Estella mostro: sei que meu Pai a adora; e na attenção, que lhe guarda, a hum inimigo lisongeo.

Sahem Estella, e Pederneira.

Iren. Oh que ditosa foi, Senhora, a tua vinda, pois eximiste de hum damno a quem na tua ausencia só vive dos suspiros!

Estel. Quando Carpio o affirma, será o meu credito mais divida, que jactancia.

Des.

Des. Ai, ai, que lá vem Pedernèira fuzilando como hum raio! *á part.*

Ped. Oh, cá está o meu Desenfado muito divertido. *á part.*

Iren. Filinto, que te idolatra, melhor saberá dizer-te o que padece.

Filint. Piedosos Ceos! Que violento estilo he este de matarme? *á part.*

Estel. Em fim, Senhor, pôde na luta dos affectos conseguir o meu amor os rendimentos? He possivel, que no teu peito estão memorias minhas? *Para Filinto.*

Iren. Só tu és o enleio gostoso dos seus cuidados.

Filint. Quem? Estella? *Para Irene.*

Iren. Calla-te, perjuro. *Para Filinto.*

Ped. E como estará minha Ama sofa! *á part.*

Des. Ah Pedemeira, quem te tocará a fogo! *á part.*

Estel. Oh, como no silencio, que inculca, desapprova os suspiros, que me exaggeras! *Para Iren.*

Iren. Sabe que de teus raios he amante gyrasol Filinto, e aquella mudez, que argues, he mais abono de que te idolatra. Não sabes, que a formosura ao tempo que anima, tambem suspende? Deixa que negue agora ás suas vozes o gosto que entrega á sua elevação.

Des. Muito empenhada está minha Ama nestes amores. *á part.*

Estel. Por mais que as tuas expressões queirão

cortar os fios á minha duvida, o desvio dos seus olhos he manifesto indicio para o meu cuidado.

Iren. Esse retiro he preciso effeito do seu pejo; talvez que a minha ausencia lhe estrague a cobardia.

Ped. Sim, aquillo nelle he vergonha, que eu bem lha conheço.

Filint. Ai, meu bem, e como he falso o que proferes! *Para Irene.*

Iren. Tudo he verdade, traidor. *á part.* Não duvides pois, Senhora, dos seus rendimentos, quando eu sou fiel testemunha dos seus cuidados; e para que te desenganes, eu me ausento, e verás se não leva a sua fineza muitos excessos á minha intimativa.

Estel. Oh, e como temo, que me desengane!

Iren. Não quero criminar-te esse receio, por te não usurpar a prova de que a Filinto estimas; mas sabe, que á minha experiencia sobra o conhecimento da sua constancia.

ARIA.

A fé de todo o amante
He sempre mal segura;
Chora, promette, e jura;
Mas logo o seu querer,
Se he facil em morrer,
Se guia a enganar,
Depois diz, quando ingrato
Já de adorar se cança:

Não

Não he huma mudança
Defeito no adorar. *Vai-se.*

Desf. Ora minha Pederneira até logo.

Ped. Vai-se? Mas diga-me, aonde quer que nos vejamos?

Desf. Eu te procurarei na caixa da isca. *Vai-se.*

Estel. Agora, amado bem, que a falta de Carpio concede com mais desafogo o indulto ás tuas vozes, falla, não te suspendas: declara-me esse gostoso incendio em que te abrazas.

Ped. Senhora, não tens que fazer com elle, que eu sei, que tem muita vergonha; mais repara-lhe tu nos beiços, e verás como estão encarnados.

Filint. Que importuna! Estella, se amante o meu descanço estimas, no esquecimenro desse amor, que dizes, acharás o antidoto ao meu tormento; vê que simulacro és aos cultos de Policrates; e se soubesse que nas tuas aras aceitavas outra victima, talvez que na pyra de seu peito as chammas amorosas se trasladassem em iradas labaredas para a vingança; e assim.....

Estel. Embarga o susto; fia do meu cuidado essa incumbencia; e verás como a gloria, a que aspiro, não passa os foros do nosso segredro.

Filint. Sim; porém Carpio....

Estel. Carpio he fiel, e approva o nosso amor.

Filint. Muitas vezes differe o coração dos labios, e se não temêra....

Ped. Ei-lo-ahi, como he tão perfeito, por força havia de ter algum senão.

Estel. Se outro embaraço não tens para adorar-m
já podes concede-me a gloria, que solicit
Filint. Ainda outro obstaculo he remora d
meus desejos. . . . Estella adeos.
Estel. Espera, relata-me qual seja: porque
não expressas?
Filint. Por te evitar hum enfado, e por n
eximir a hum pejo.
Pe l. Eu apostarei, que he falta de vontade; p
isto de querer he só do que se compõem
mas como elle tem pejo, talvez que o mo
á pa
Estel. E pretendes que fique duvidosa?
Ped. E qual he a duvida.
Filint. Não, não: mas devo ausentar-me.
Estel. Em vão o intentas, sem que primei
dissolvão as minhas duvidas os teus acent
Ped. Ai; Senhora, elle não assenta em co
certa, porque quer que fique a duvida em p
Filint. Em outra occasião. . . .
Estel Superflua he toda a instancia para a escu
Ped. Não tem que fazer; ha de dar-nos
gosto de o ouvirmos.
Filint. Pois já que a tua curiosidade quer ind
gar os intimos archivos de meu peito, sa
que nas luzes de outros raios vivo ama
mariposa; outro norte sigo; não te quer
e já me canço de ouvir-te: a esperança, c
te dou de amar-te, he o desengano de n
querer-te.
Ped. Elle andou como hum negro, mas
não vi fallar mais claro. *á p*

ARIA.

Filint. Se te promette acaso
O meu semblante affecto,
Vê que te mente o aspecto,
Vê que te engana, sim.
Se a outro bem adoro,
A ti só te aborreço;
E se eu de ti me esqueço,
Esquece-te de mim. *Vai se.*

Ped. He bom atrevimento! Ai, Senhora, elle despede-se como quem vai de caminho.

Estel. Soberanos Deoses, que he o que por mim passa! Eu sendo objecto dos desprezos a hum ingrato, que sempre foi a imagem dos meus cultos? Mas que aguardo, que não gasto na vingança o tempo, que permitto á queixa! Morra Filinto no meu peito; farei que o odio de Policrates lhe destrua a máquina da sua soberba; direi que contra o seu decoro solicita os meus affectos; e farei que meu irmão Alicandro se offereça ao partido de Adastro.

Ped. Ai, Senhora, deixa-te de paixões, e dize-lhe que o leve o diabo, e mais quem lhe quer bem.

Estel. Que dizes? Tu não vês, que eu sou quem o idolatra?

Ped. Eu, Senhora, não te rogo as pragas a ti, senão áquelle norte, que elle segue, que *supponho ama tanto a tal menina, que bebe por ella os ventos.*

Estel.

Estel. Calla-te, que supposto que ingrato, he tanto o que lhe quero, que julgo me socegará, se nas aras das minhas queixas rendesse o seu amor por victima do aggravo.

Ped. Oh, pois ella para victima he muito boa rez.

Estel. Porém como me esqueço do seu desprezo? Vença a minha soberania áo meu affecto: morra, torno a dizer, morra Filinto.

Sabe Alicandro.

Alic. Querida irmã, tempo ha que te busca a minha diligencia com algum cuidado.

Estel. He tão opportuna a occasião em que chegas, que supponho a regulaste pelos meus desejos.

Alic. Nunca mais ancioso procurei a tua presença.

Estel. Nem já mais a tua me foi tão necessaria. Sabe pois...

Alic. Escuta: ElRey, cego do amor de Adastro pretende preferillo no Throno a Filinto; a Plebe toda em bandos dividida murmura a injustiça: tu, que de ElRey dominas o alvedrio, pódes compassiva, e justiceira fazer, com que o seu acordo melhore tantos damnos.

Pedr. Sim: lá o vai elle agora acordar. Ora o diacho não tem sono. Não, olhe Senhor Alicandro, dahi dormir.

Alic. Faze pois, Senhora, que seguindo a razão, eleve aõ Solio o soberano Filinto, em cujo heróe sustente o pezo esta Monarquia.

Estel.

Que dizes? Filinto heróe! Hum fober-
, que imagina, que quanto a impulsos do
ino goza, tudo he tributo, que se lhe
a?

Que mudança he esta, que encontro
tuas vozes? E crês....

Creio preciso o seu estrago para o
'o credito.

Faz como mulher honrada. *á part.*

Proxima está a occasião da sua desgra-
não te opponhas tu de alguma sórte á
ruina.

E quem póde, Senhora, mudar o teu
o para tantas iras?

Não te pertence o exame do que callo.

Sim, mas julgaráõ pouca estabilidade
teu genio.

A's vezes he prudencia a variedade.

Se isso fora verdade, ninguem era mais
dente, que as mulheres, porque ninguem
s mudavel, que ellas; mas como a pru-
cia he parte do juizo, não para nós que
as somos humas varias. *á part. Vai-se.*

Vê o que te encommendo, e fio o de-
penho na obrigação do teu sangue. *Vai-se.*

Frustrado he o seu intento contra a mi-
dívida: fiel serei a Filinto; que não
o manchar hum amor tão certo nas con-
gencias de ser, ou não justificada a tua
ixa.

ARIA.

A R I A.

A' onda, que inconſtante
Se move a todo o inſtante;
Ao vento, que ordinario
Tem por firmeza o vario,
Excede na mudança
O feminil ardor.
Ai de quem triſte eſpera
No voſſo amor certeza,
Se tendes ſó firmeza
Em nunca ter amor! *Vai-ſe.*

SCENA II.

Camera de ElRey com bofete. Sahe Deſenfado.

Deſ. ORa vamos ver ſe Pedemeira veio já para caſa; pois como são horas de ferir lume queria petiſcar com ella o meu bocado. Ai negra rapariga, trazes-me tão cego, que te não poſſo ver! Mas como hei de eu ver, ſe me falta a menina dos meus olhos? Mas eſperem: que venho eu cá fazer ſem os traſtes, que ella me pedio? Vamos andando, antes que ella por ahi venha: mas não, eſperemos, que para tudo haverá deſculpas; em a gente tendo fazenda, logo tem muito remedio. Mas aqui ſinto paſſos, ſe ſerá ella? E's tu minha....

Sah

abe Filinto com huma carta na mão.

. Qu'm está aqui! Porém que vejo o criado
Irene! Alguma traição receio *á part.*
Ai desgraçado de mim! Lá vai o meu
dito com o diacho. Elle certamente cuida,
e eu vinha dormir com seu Pai, pois na
camera não tinha mais que fazer; mas
ulpa tem Pederneira, que me mandou vir
ste quarto, para agora me fazerem a cama.
á part.
. Não respondes? A que entraste neste
)?
Quem dera disso para hum empenho.
r. Que dizes?
Os trastes de Pederneira que.....
!. Não te entendo.
Pois he hum asno. *á part.*
!. E dize-me, (Ai de mim! Se será cou-
de Irene? *á part.*) tu vieste só?
Sim, Senhor, eu sou só o cáqui.
!. Aparta-te pois deste lugar.
Qual, não me vou: se eu quero esperar
ella: assim era eu asno, que perdesse
lá.
'. Vai-te, ou te matarei.
Ui, Senhor, se eu tenho necessidade de
r aqui, hei de cá vir sem fazer meus
os?
!. Já a impaciencia.....
Ora tenha *mão*: eu me vou, mas saiba
me ausento porque me manda, senão,
não

não lhe havia obedecer. (*Retira-se ao Bastidor.*) Mas daqui verei o que faz, que supponho quererá esperar por Pederneira; quê a tolice foi dizer-lhe eu ao que vinha. *á part.* Ah Senhor do arame, puxe-me aqui para este bastidor. *Esconde-se.*

Filint. Sem offender ao bem, que adoro, venho cumprir com as obrigações do sangue. Nos mudos caracteres deste papel (*Tira hum papel*) veja meu Pai o perigo, a que está exposto: o damno lhe communico, mas que he Irene o author lhe occulto. Aqui pois..... Mas que vejo? ElRei se encaminha á sua habitação: que farei? Se chega a ver-me, sabe que o aviso he meu, e ha de constrangerme a declarar-lhe o réo: aqui me occultarei.

Põem o papel sobre o bofete, retira-se ao bastidor, e sahe Desenfado.

Des. Ai, que historia he esta? Sua Alteza jogando as cartas só! Se será ella fradinho da mão furada? Ora vamos ver, que tratada he esta, que talvez me sirva de alguma cousa. (*Sabe*) Ah não me enganei, aqui estão letras, então já posso comprar a Pederneira o que ella quizer. Mas aqui vem ElRei, verei se me quer rebater a divida. *Pega nos papeis.*

Filint. Que vejo? Sahirei a castigar-lhe a ousadia: mas ElRey... *Faz que sahe, e retira-se, á part.*

Sa-

Sabe ElRei, sem ver a Desenfado.

. Que pertenda hum filho ingrato pôr su-
:içoes aos meus decretos ! Não sei como a
npaciencia me não mata. *á part.*
. Senhor, aqui está o filho da folha,
Com o papel na mão.

Sabem Estella, e Pederneira.

. Mas que vejo! Que motivo, meu bem,
e obriga a conceder-me a gloria de ver-te nesta
stancia ? *Para Estella.*
el. Agora vinganças. *á part.* O procurar na
ua presença asilo para tanto insulto, que ainda
ão basta neste Palacio conseguir os teus fa-
ores para eximirme de atrevidos aggravos.
. ElRei, como percebeo que isto era cou-
a de letra, faz ouvidos de Mercador. *á part.*
. E quem he o sacrilego, que offende na
ua desatenção o meu respeito? Que delicto
ncontrou em ti a sua barbaridade ?
. Cá está Desenfado, verei se me traz o
ue lhe pedi. *á part.*
l. O delicto, que o move, he a minha
onstancia para os teus affectos.
. Ora vejão minha ama como mente. *á p.*
. Manifesta-me o traidor, e verás no seu
strago o desempenho da minha ira.
l. Hum filho teu procura com repetidas ins-
ncias usurpar o socego ao meu descanço a
olicito amante me persegue, e escuto os
amea-

ameaços da minha morte, quando os meus enfádos dáo a reſpoſta aos ſeus deſvélos.

Filint. Deoſes, que ouço! *á part.*

Ped. Ai Senhor, hontem eſtava elle de ſorte, que punha os olhos em alvo. *Para ElRey.*

Deſ. E a ti nada te paſſa em claro.

Rey. Do meu querido Alitro náo póde ſer a offenſa: Filinto he o falſo.

Eſtel. Náo ſe enganou, Senhor, a tua idéa: Filinto he o que importuno amante me ſegue: vê que he Principe, e conſidera o remedio preciſo para táo grande aſſalto.

Deſ. O verdadeiro he deixar-lhe avançar a brecha. *á part.*

Filint. Ai infeliz, tudo ſe conjura contra a minha ſorte. *á part.*

Deſ. Talvez que iſto ſeja alguma Carta de amores, que elle deixaſſe aqui para que ella a viſſe; mas ElRei premiará a minha lealdade. Senhor.... *Para ElRey.*

Rey. Como permittis, ſoberanos Deoſes, tal atrevimento? Suſpende, Senhora, o teu cuidado, que eu darei no ſeu caſtigo ſatisfação a tantas queixas; farei... mas baſta, tu o verás.

Filint. Dura pena! *á part.*

Eſtel. Náo foi a minha induſtria fruſtrada idéa para a minha vingança. *á part.*

Deſ. Senhor, Voſſa Mageſtade náo ouve?

Rey. Ah ingrato filho! Mas quem eſtá aqui? *Para Deſenfado.*

Deſ. Eu Senhor, que eſtou com eſta petição eſperando que Voſſa Mageſtade acabe de

deſ-

achar: aqui verá a minha fé, e os meus
iços.

o papel a ElRey, o qual o lê para si.

Se eu pudera, Senhor, executar o seu
igo.... Mas que mysterioso papel lhe
ada as côres para o semblante, que ao exa-
allo attento, o vejo absorto? *á part.*
Não digo eu? São ciumes; hoje andará
o azul, ainda que elle está-se fazendo
mil cores. *á part.*
Que papel será aquelle? Deve ser algum
afio. E como está desmaiado! Ora não
cousa como o medo, que faz ter cara
homem branco. *á part.*
Piedosos Ceos, ha mais infortunios, que
conspirem contra a minha vida? Ha mais
usto dia?
Olhe, ahi verá o que me deve Vossa
gestade.
Que subito motivo occasiona, Senhor,
teus cuidados?
Vem cá, dize-me, quem te deu este
el? *Para Desenfado.*
Isso he curiosidade minha.

Sahe Adastro.

. Pai, e Senhor: mas que vejo? Tu com
ecto alterado?
Ouve, amado filho, e perde as duvidas
susto. *Lê ElRey a Carta.* Policrates, quem
umes amigo, caviloso arma ciladas á tua

vi-

vida. Neste dia se te prepara o golpe: morrerás, se os que mais amas, não desvias da tua presença: quem te avisa he fiel; crê-o, e vive.

Estel. O horror me pasma!

Des. Ai que estou perdido! *á part.*

Ped. Lá vai Desenfado com a breca! *á part.*

Rey. Dize, traidor, quem me enviou este papel, ou perderás a vida. *Para Desenfado.*

Des. Eu Senhor, vim. . . . peguei no papel. . . . (Ai que hoje me leva o diabo!) *á part.*

Ped. Desenfado está galante papel! *á part.*

Filint. Misero Pai! *á part.*

Adast. Alviçaras, industrias, não percão as minhas traças esta occasião. *á part.* Se queres que te defenda, calla-te. *Para Desenfado.*

Des. Oh lá se quero: sim senhor, mas olhe não me pregue o calo. *Para Adastro.*

Rey. Não falla Adastro? Estella emmudece? E tu traidor te callas?

Estel. A confusão me embarga as vozes *á part.*

Adast. Senhor se até agora callou esse criado, foi por querer com o silencio illustrar a tua fé; e se as minhas vozes te não expressárão logo ser esse papel artificio da minha vigilancia, foi por te occultar o réo, que tanto estimas.

Des. Eis-alli a verdade, e por final que estava sobre aquelle bofete.

Rey. Que dizes?

Adast. Delirio he, Senhor, aquelle do seu susto; que eu sou o author desse aviso, e do seu segredo quiz fiar esta incumbencia.

Filint.

. Ah falso ! Ah mentiroso ! *á part.*
Tu conheces o réo, e ainda negas ás mi-
s iras esse desafogo ?
Agora que estão ás razões, me vou sem
er bulha. *á part. e vai-se.*
Como se foi Desenfado, vou saber da
iha encommenda. *á part. e vai-se.*
. Adorado Pai, seja a tua clemencia cas-
) do imaginado arrojo. *Ajcelba.* Basta
: fique segura a tua vida com o arrependi-
nto de quem buscava a tua morte : não
:iras manchar o teu sangue com a tua es-
la : Filinto he, Senhor, o réo ; vê que
teu filho, e meu irmão. Assim grangea-
a Filinto mais odios de ElRei. *á part.*
:. Pezares, como me não estragais a
:rancia ? *á part.*
Levantà-te, Adastro, e dize-me quem te
nmunicou esse segredo ?
l. O mesmo Filinto. Elle convidando me
r socio para os teus estragos, me descu-
o seu peito ; e vendo que da sua traição
:usava a companhia á minha fidelidade, ju-
u na minha presença a tua morte. Eu lè-
do do susto, e prezo da piedade, quiz nesse
pel noticiar-te o golpe, sem te dizer o braço.

Sabe Filinto.

it. Adastro mente, que esse papel he feito
r Filinto.
ſt. Porém que vejo ? *á part.*
l. *Que examino ?* *á part.*

Rey.

Rey. Filinto occulto no meu quarto? *á part.*
Adast. Importa-me esforçar o engano para conseguir a Coroa. *á part.* Prova he esta, Senhor, do seu delicto.
Filint. Mentes, traidor, que a minha fé só me rege os passos á sua vista: o empenho de salvar-te, foi quem me deteve neste sitio. Vê, Senhor, que hum vassallo, que estimas, procura incessante a tua mortal ruina.

Sahe Irene.

Iren. Quem for traidor ao meu Monarca, achará na resistencia do meu braço hum obstaculo para os seus intentos.
Filint. Só a presença de Irene faltava para o meu martyrio. *á part.*
Rey. Ai caro amigo, vê nesse papel as penas, que o fado me destina.

ElRey dá o papel a Irene, e esta o lê.

Iren. Dissimularei o meu delicto. *á part.* De quem he, Senhor, este aviso? Sabes o author do crime? *Para ElRey.*
Adast. Esta noticia deve Policrates á minha fé.
Filint. Esse falso te engana: eu fui, Carpio, o author daquelle aviso.
Iren. Ah falso! *á part.*
Rey. Pois que te dilatas, que o réo me não publicas?
Filint. Não me permitte a sorte esse privilegio.
Iren. Com essa industria pretendes, fementido, dar desculpas ao teu engano? Em que reparas?

nas? Se o delicto dissesse, para que o author nos occultaste? A fidelidade já está quebrada; dize pois, ou ás minhas mão.... *Ajoelha aos pés de ElRey.* Senhor, desculpa os meus excessos, pois o teu amor me guia os passos, que eu não te aggravo, quando por teu respeito assim me altero. *Levanta-se.*

Estel. Que valor!

Rey. Ai verdadeiro amigo, quanto te devo!

Iren. Oh quanto te enganas na fé, que em mim presumes! *á part.*

Rey. Aprende, ingrato filho, naquelle peito nobre a ser fiel. Elle, sendo estrangeiro, move-o o meu favor; e tu, sendo meu filho, esqueces-te do sangue.

Filint. Oh como ignora, que Irene he o maior inimigo da sua vida! Porém o amor me obriga a que me calle. *á part.*

Adast. Falla: quem tem por asilo a innocencia não emmudece.

Filint. Defender-me não posso; porém sem culpa vivo.

Iren. A minha presença o soffoca. *á part.* Falla traidor. *para Filint.*

Filint. Tambem Irene gosta de matar-me? *á p.*

Rey. Adastro, aquelle silencio he clara confissão do seu delicto.

Adast. Nunca Adastro mente, quando comtigo falla.

Iren. Se hum mentiroso buscas, em Filinto o encontras.

Filint. Muito me supporto. Carpio, basta de apurar-me, tu queres.....

Iren. Quero que ao teu Rei eximas dos cuidados, declarando o agressor de tanto insulto.

Filint. Dize-me, e que posso eu dizer?

Iren. Dirás, tyranno, que eu sou o ingrato contra o meu Rei. Dirás que tu és o fiel, e eu o traidor, exime-te da culpa, e pôem em mim a nota. Não dizes isto?

Rey. Pouco importára, que elle mo dissera, quando a minha experiencia he testemunha da tua fidelidade.

Iren. Oh se o coração de Filinto fora tão sincéro!

Rey. Traidor o reconheço, pois nem risca a suspeita, nem o perdão me roga.

Filint. Defender-me não posso; porém sem culpa vivo.

Adast. Vive sem culpa, quem nega a hum Pai a obediencia para o juramento?

Estel. Não te crimina a ousadia de perseguir-me amante?

Rey. Ver-te no meu quarto occulto não he indicio da tua traição?

Iren. Não te accusa escrever hum papel, e callar-te absorto, quando agressor te inquiro?

Filent. Todos me arguis de traidor, e a resposta que tenho, he o sentimento com que lido. Sou fiel, e mais não digo.

ARIA.

Tyranna a minha sorte
A minha morte ordena,
Hum falso me condemna,
Hum ímpio, huma inimiga,
Hum Pai: tudo he pezar.
Ao seu rigor violento
Os move tão sómente
O ver-me innocente
Para me ver penar. *Vai-se.*

Rey. Olá, os passos de Filinto se examinem.

Iren. Eu serei, Senhor, quem obedeça aos teus decretos.

Adast. Ainda temes hum ingrato á vista de tanto fidedigno?

Rey. Ainda o traidor está incerto ao meu conhecimento.

Iren. Pódes duvidar da minha fé?

Rey. Não, amigo, antes da tua diligencia fio a exacção de tanta tyrannia: procura tu saber quem me pretende a morte.

Iren. Oh se soubesse, que eu sou quem lhe solicita breves os instantes da sua vida. *á part.* Ninguem com maior ancia será executor dos teus preceitos. *Para ElRey.*

Rey. Não sinto perder hum filho ingrato, a preço de alcançar hum subdito constante. *Vai-se.*

Adast. Póde algum dia, Senhor, chegar á tua idéa a traição de Filinto? *Para Estel.*

Estel. Sempre da sua soberba vaticinei e successo. *Para Adas*

Iren. Suspendei os écos, Adastro, mov: ao silencio ver, que Filinto he teu irn mais velho; e tu, Estella, considera que teu Monarca.

Adast. Que piedade! *á p*

Estel. Que defensa! *á p*

Adast. Náo eras tu até agora quem lhe sejava a morte?

Estel. Pois para que nos argues, quando foste o exemplo das nossas iras?

Iren. Eu posso dizello, e vós deveis callar-v

Adast. Parece que no teu peito só tem lu a inconstancia, pois apenas o suspiravas mo quando logo te empenhas para os seus auxil

Iren. Da vossa fantazia he quimera a minha dança, que eu sempre sou o mesmo Car

Estel. O mesmo? Eu náo te entendo.

Adast. Essas palavras náo sáo verdadeiras i gens de hum só pensamento.

Iren. Se outro julgais que he, bem presu *Va*

Estel. Grande mysterio inclue nas palavras profere!

Adast. E tu dás credito ás suas vozes? Enig sáo as práticas dos validos, e quanto m se explicáo, mais applausos lográo.

Estel. Eu confesso, que o náo comprehen pois em hum só instante o vejo mudar aspecto, e pensamentos. Ai infeliz de m que temo o que ignoro, e ignoro o espero!

ARIA.

Duvido o que espero,
E temo o que ignoro,
Alegro-me, e choro,
Sem saber por que.
O susto me mata,
Mas nesta mudança
A minha esperança
Me alenta o viver. *Vai-se.*

Adast. Coração, não desmaies na empreza: grande gloria devo á ventura das minhas astucias: com este engano lograrei o Sceptro.

OITAVA RECITADA.

Suppra o engenho as faltas do destino,
Que nem sempre a traição he vilania;
Nem devo supportar, ao que imagino,
Attento ao bem alheio, a sorte impia.
Ao regio solio de que o fado indigno
Por menor me privou a tyrannia,
Hoje me eleve, e espero neste empenho
Risque a nota do vil o agudo engenho.

ARIA.

Não tema o peito
Já mais os damnos,
Se os meus enganos
Forem assim.
E quando ao gosto
Falte a victoria,
Ficar-me-há a gloria
Do intento em fim. *Vai-se.*

SCE-

CSENA III.

Vista de Camera. Sabe Pederneira.

Pedern. ORa já me vai tardando o Sen Desenfado: elle depois que lhe pedi os brincos, as meias, os finaes, a fugindo de se encontrar comigo. Eu não melhor modo para a gente se livrar de am tes, do que he pedir-lhe, que elles poi só dão suspiros, e ais. Verdade he que t bem de nós só recebem parolas. Tomára já me trouxera esta tolá para me pega outro; que nós somos como pessas de leil que vamos para quem dá mais. Cuidão e basbaques que em nos dar muito, que go nos cativão; mas não se enganão, que só nos vendemos, quando a poder de din ro somos compradas. *Batem dentro.* Mas sinto gente, supponho que será elle. Q he?

Vai abrir a porta, e sabe Macaco.

Mac. Quem ha de ser, bella Pederneira, quem a minha cara de asso tira tantas cas, que cada hum *contempta magnum tavit incendium.* Quem ha de ser, senã teu Macaco, que prezo nas correntes de olhos anda sempre amarrado ao polido do teu nariz.

Pedern. Ora, Senhor Macaco, vá bugiar

ão seja atrevido vir desinquietar ao seu quar-
o huma donzella.
c. Ai menina, eu não cuidei que era des-
redito hir aos quartos em que morão as don-
ellas: ainda que nisto me parece que fallas
om encarecimento: mas sabe que eu vinha...
rn. Ao que vinha? Diga, ao que vinha
o meu quarto?
c. A fazer horas.
rn. Pois va-se andando, que não estou pa-
a ouvir as suas badaladas, e macaquices.
c. Ora vejão a bugia, tu cuidas que eu sou
gum mono.
rn. Senhor Nico, faça o que lhe digo,
a-se andando, que estou esperando por gente.
c. Já entendo: supponho que he algum sala-
ario, que vem petiscar em Pedermeira. *á p.*
ois Senhora, eu não me vou.
rn. Porque não?
c. Porque? Eu não sou capaz de appare-
er diante de gente?
rn. Eu estou em minha casa, e posso le-
antar-me ás maiores com vossê.
c. Espera não te levantes comigo. Ah Se-
hores tão máo sou eu, se que levantão as
edras contra mim? E pergunto, eu não
osso saber o que esse sujeito cá vem fazer?
rn. Não, Senhor, que cada qual vem ao
u negocio.
c. Pois eu não só sou capaz de fallar em
egocios, mas de *untar* as mãos com humas
oas *luvas.*

Pedern.

Pedern. Que ouço! Este sim, que he bom para amante, que logo promette do pé para a mão. *á part.* Pois se v. m. quer ficar, esta casa está muito ás suas ordens. Mas que me ha de v. m. dar de estar aqui?

Mac. Darte-hei quanto tu quizeres.

Pedern. Pois eu o que quero são huns brincos; humas meias, e huns sinaes.

Mac. Ui!! isso não he nada para quem tanto deseja fazer-te a vontade. Mas eu tambem quero.....

Pedern. Que quer?

Mac. Eu quero fazer comtigo hum ajuste.

Pedern. Primeiro me ha de passar para cá o sinal.

Mac. Sim, no sinal não haverá duvida.

Pedern. Ora diga, diga o que quer?

Mac. Eu quero fazer com vossè hum ajuste: quanto me dá, e prometto ser seus amores?

Chega Desenfado ao bastidor.

Des. Parece-me que ouço cá fallar: antes que entre verei o que se diz. Mas ai, ai meus peccados, cá está o Sevandija mór! Tomára saber que confiança tem para cá entrar este Sevandija? Vejamos o que diz. *á part.*

Pedern. He boa historia! Com que eu he que lhe hei de dar? V. m. pede como quem se despede.

Mac. Pois não diz o que me dá?

Pedern. Dar-lhe-hei muita pancada.

Sabe Desenfado aos murros a Macaco.

Des. Eu vou emparelhado nesse ajuste: mas que contratos são estes? *Daibe.*

Mac. Ah que delRei. Ah Senhora, o Senhor he seu marido?

Pedern. Não, mas estamos ajustados.

Mac. Então visto estarem ajustados, não os quero estorvar. *Faz que se vai.*

Des. Ah Senhor Sevandija, venha cá, a que entrou v. m. aqui?

Mac. Eu sim.... fui.... e vim.... mais ella.... porém paciencia. *Faz que se vai.*

Pedern. Espere: Ui tão feio he este homem, que lhe mete medo? Não quero que Desenfado desconfie de mim, e ao depois me não dê os trastes. *á part.* Diga ao que veio, e não se assuste.

Mac. O que hei de eu dizer? mas já me occorre. *á part.* Eu, Senhor, tive noticia que esta menina tinha necessidade de huns trastes para seu uso, vinha a trazer-lhos, e no tempo do ajuste succedeo v. m. vir á pancada.

Des. Isto he verdade, porque ella me tinha a mim feito a mesma encommenda. *á part.* Mas diga-me; e como soube v. m. que esta rapariga necessitava disso?

Mac. Cá por certos sinaes.

Des. Não ha duvida que ella mos tinha pedido. *á part.* E diga-me tralos ahi?

Mac. Aqui só tenho os sinaes das pancadas que v. m. me deu.

Des.

Des. Ora pois vá buscar essas cousas.

Mac. Sim, Senhor, mas por quem hei de perguntar quando cá vier?

Des. Porque? v. m. não me conhece que estivemos acolá no Templo?

Mac. Sim, mas não lhe sei o seu nome.

Des. Olhe quando cá vier pergunte por Desenfado Pederneiro. E se v. m. tardar, por quem hei de inquirir?

Mac. Se eu tardar, não tem mais que perguntar por mim.

Des. Pergunto, como he o seu epitheto?

Mac. O meu nome he que supponho quer saber?

Des. Sim, Senhor.

Mac. Pois eu chamo-me Bonecro.

Des. Aonde assiste?

Mac. Aqui entre os bastidores; porque v. m. não vê as luzes que estou espalhando?

Des. Deve de ser alguma véla de sebo.

Mac. Mas fallando como gente, com perdão de v. m. eu chamo-me Macaco Gonçalves Barulho, sou aqui Criado delRei, e muito amigo do Senhor seu Amo, e de seu Pai, que está gozando do inferno.

Des. Bom he ter amigos, que huns puxão pepelos outros. Pois Senhor Macaco Gonçalves Barulho, aqui estou para lhe obedecer.

Mac. Aos pés do Senhor Desenfado Pederneiro. *Vai-se.*

Des. Muito bons çapatos e muito boas meias! Ora minha Pederneira....

Pedren. Primeiro que tudo saibamos se me

traz

maz ós trastes, quando não póde-se hir safando.

Des. Eis-ahi porque eu não trago comigo trastes.

Pedern. Porque?

Des. Por me não safar.

Pedern. Pois não mos comprou?

Des. Não, mas andei trastejando tódo o dia para os achar.

Pedern. E então o que fez?

Des. Eu posso mais que fazer-me em pedaços por ti.

Pedern. Assim o supponho, que vossê já quebrou comigo.

Des. Como quabrei, se nós ainda não fizemos os nossos contratos?

Pedern. Diga, porque me não trouxe os brincos?

Des. Porque são difficultosos a achar; se tu quizeres cadeados isso a cada porta.

Pedern. E as meias tambem as não achou?

Des. Eu sim achei algumas meias feitas, mas quero deixallas acabar.

Pedern. Arre lá co'desmazello! nada acha.

Des. Tomára-me eu achar, que ando bem perdido por ti.

Pedern. E os sinaes? He capaz de dizer-me na minha cara, que os não ha.

Des. Não, nos sinaes não foi o descuido, o diabo foi esquecerem-me.

Pedern. Ora pois vá já, e logo buscallos.

Des. Primeiro temos nós que fazer.

Pedern. O que?

Des. *Quero buscar hum* pé de cantiga para *te socegar.*

Pedern.

Pedern. Agora que estou com pressa he se quer pôr de re, mi, fa, sol?

Des. Ora faça alguma cousa, Senhora Il Macáo.

Pedern. Lá vai, Senhor Joáo Gomes.

DUETO.

Des. Se eu morrer enfeitiçado,
Choro, lambo, meu feitiço.
Pedern. Vá-se embora dezastrado,
Ha de ser para mor disso.
Des. Isso mesmo, e porque?
Pedern. Ha de ser para mor disso.
Des. Venha cá.
Pedern. Náo, náo quero.
Ambos. Ora vá, vá bugiar.
Des. Ai minha Isabel náo fujas.
Pedern. Passa fóra.
Des. Ai, ai, agora.
Pedern. Passa fóra.
Vá-se, vá-se.
Des. Náo, náo quero.
Ambos. Ora vá, vá bugiar

ACTO II.

SCENA I.

Vista de Parque Real. Sabe Estella.

Estel. OH que funesto allivio he o de huma vingança! e quantas vezes me tem assaltado o arrependimento, pois temo sinta Filinto com os meus enganos os seus estragos!

Sabe Filinto.

Filint. Em fim, tyranna Estella, estás satisfeita já com a minha ruina?

Estel. Amado Principe, Senhor..... O pejo me soffoca. *à part.*

Filint. Em fim tiveste coração para ultrajar-me?

Estel. O teu desprezo foi, Principe, o motivo do meu cego arrojo; porém agora aos teus pés satisfarei com as minhas lagrimas a tua offensa: perdoa-me o aggravo: eu direi a Policrates a minha culpa, e a tua innocencia: saberá que eu fui.....

Filint. O meu estrago, e a tua ruina: nada executes, que poderá ser maior prova essa piedade: antes estimo a nota que padeço, do que ver em meu Pai a suspeita de que me adoras, e que da paixão movida nos disfarces *da tua culpa* queres amante eximir-me a *hum precipicio.*

Estel.

Estel. Quanto para o teu perdão me intimar o teu preceito, será empenho da minha obediencia: manda, ordena quanto quizeres, que nunca em mim verás a repugnancia; porém has de esquecer o meu delicto.

Filint. Se tanto queres obedecer-me, seja recompensa do teu crime o não amar-me.

Estel. Tyrenna sentença! Ai, e como hei de deixar de querer-te?

Filint. Esta satisfação só peço á tua culpa.

A R I A.

Estel. Callando sentirei
O meu destino avaro:
Mas que te não ame, oh caro,
Difficil me será.
Em que te offende ingrato
O meu amante peito?
Não basta estar sujeito?
Pois que lhe queres mais? *Vai-se*

Filint. Oh quem pudéra conseguir em Irene piedade, como em Estella logro os rendimentos. *Quer hir-se*

Sahe Irene.

Iren. Suspende o passo, infame.

Filint. Ainda me persegues, falsa?

Iren. Ainda não está satisfeita a minha ira.

Filint. Vás por ventura a duplicar infamias a minha innocencia?

Iren. Vens por ventura a decifrar naquelle papel o aggressor do crime?

Filin

Filint. Em que te offendeo aquelle papel com o seu aviso, se eu só consegui os creditos de delinquente? Vê que me reporto, e baste.

Iren. E eu em que te aggravei, se os meus excessos só forão para acreditar a minha lealdade?

Filint. Pois se ainda na tua lembrança conservas alguns sinaes do meu amor, só te peço, que a morte, que intentas contra meu Pai, a traslades compassiva para o meu peito.

Iren. Eu, Filinto, não sei confundir aggravos com amores: eu amo ao filho, e aborreço ao Pai, e desta sórte satisfaço a meu Pai defunto.

Filint. Se tu procuras satisfação a hum insulto commettido, eu pretendo os desvios a hum golpe destinado, e mais razão tem a minha defensa, do que a tua vingança.

Iren. Pois ingrato, já que he táo diminuto o teu affecto, que cedem as suas vehemencias a alheias desgraças, segue os teus intentos, que os meus serão desde hoje transferir em odio, quanto o carinho soube grangear affecto: desde hoje serão os nossos desvelos sómente para os males: tu dirás a ElRei, que eu sou o traidor, e eu com as minhas astucias, esforçando o engano do teu crime, farei que as minhas industrias superem as tuas verdades.

Filint. Meu bem, suspende as iras.

Iren. Sofóca as vozes: não pertencem a quem te busca os damnos, esses epithetos.

Filint. E o meu amor?

Iren.

Iren. Se queres que te escute, deixa o amor; e falla-me em vingança.

Filint. Pois eu devo.....

Iren. Esquecer-te de Irene.

Filint. Pois Irene adeos: e já que he tanta a tua tyrannia, hirei buscar na morte huma piedade: a ElRei direi que sou o réo, e acabarei na vingança, que de mim tome, a infeliz vida, que tanto me maltrata. *Faz que se vai.*

Iren. Espera, não te ausentes.

Filint. Deixa, Senhora, apressar os meus passos para a minha morte.

Iren. Ouve: esse arrojo que intentas, nem a ElRei exime da minha furia, nem a ti de huma ruina.

Filin. Basta-me para gloria huma innocencia; mas já que de outra sórte não cedem as tuas iras aos meus desgostos, saberá ElRei que tu és o traidor.

Iren. Vai falso, vai perjuro, solicita os meus damnos, que acharás em mim a mesma recompensa, e verás se a minha fé não te usurpa das veias o fementido sangue. *Faz que se vai.*

Filint. Espera ingrata: se o meu sangue intentas, victima aos teus olhos farei desta innocente vida.

Tira de hum punhal para ferir-se, e sahe ElRey.

Rey. Suspende traidor o arrojo

Iren. Oh Deoses!

Rey. Ingrato contra hum amigo que tanto quero, procuras nesse ferro a sua morte? Nega ago-

igora o teu crime, dize que he falso, mas os
neus olhos serão testemunhas do teu arrojo.
int. Verdade he, Senhor, o meu delicto;
u sou quem te aggrava, e a Carpio offende,
: só a minha morte satisfará tantas injurias.
u. Soberanos Deoses, não desampareis aquella
nnocente vida. *á part.*
y. Olá da minha guarda, levai a Filinto, e
nunca da sua presença falteis hum só instante.

Sahem alguns Soldados.

u. Senhor, Filinto não queria a minha offensa;
cégo da sua pena quiz fazer o proprio
peito alvo dos seus ameaços.
y. Em vão intentas com piedoso engano eximillo
aos meus furores. Dize-me pois, porque
te retiravas?
m. Não era cobardia o meu desvio.
lint. Até na compaixão que mostras indicas
que me aborreces. Se intentas com essa piedade
accumular instantes á minha vida, sabe
que he tyrannia estorvar a minha morte.
y. Satisfarás esse desejo: poucos instantes terão
os teus alentos falsos.
m. Ai infeliz! *á part.* Senhor, modéra a chólera,
pois no seu castigo com mais vehemencia
cresce a tua ruina. Filinto ainda não
declarou o réo, e póde ser que este não execute
o golpe, por ver que Filinto o sabe. Se
a morte lhe dás, poderá com menos susto
executar o traidor os seus intentos.
y. Bem te occorreo o meu perigo. Oh quan-

to te devo! Nunca, querido amigo, te ti
do meu lado.

Filint. Talvez que nessa vigilancia cumpras
leis ao fado. Dize-me, Senhor, não pó
ser Carpio quem te offenda?

Iren. Eu traidor?

Filint. Em qualquer póde occultar-se o inimi
Senhor, da tua cautella só fia a tua vida.

Rey. Calla-te, infame, e parte.

A R I A.

Filint. Infame me julgas?
Que pena tyranna!
Vê bem quem te engana:
Que pena he callar!
Sou filho, e tu Pai,
Usurpa-me a vida;
Mas vê que a ferida
Na falta que faço
Te póde matar. *Vai-se com os S*

Iren. Vacilante está ElRei. *á p*

Rey. Muitas são as provas da traição de Fili
á pa

Iren. Se estará ElRei por ventura fazendo
flexão nas palavras daquelle ingrato. *á p*

Rey. Carpio traidor? porque motivo? *á p*

Iren. Se a sua desconfiança se encaminha á
nha suspeita, perco todos os meios para
meus designios; porém agora que a occa
me segura a felicidade com não ter teste
nhas do delicto.... *á part.* *Tira a esp*

R

Rey. Filinto para se eximir da culpa, impõem a Carpio a nota. *á part.*

Iren. Seja a sua vida victima nos altares da minha vingança. *á part.*

Vai a ferir ElRey por detraz, e sabe Adastro.

Adast. Senhor.

Iren. Oh Deoses, que infeliz acaso! *á part.*

Adast. De que te servia, Carpio, o mortal instrumento, que na mão empunhavas?

Iren. Valha-me a industria. *á parte.* Para depollo como troféo ás plantas d'ElRei meu Senhor; que póde haver quem caviloso quiz manchar com escrupulos a minha fé; e primeiro está a minha honra do que a minha vida. Eu traidor! oh Deoses! Não podia o tyranno Filinto pôr mais injuriosa mácula á minha alma. Aos teus pés. (*ajoelha.*) Soberano Monarca, offerece Carpio a espada, e a liberdade, e só pede a restituição, quando no conhecimento do traidor fique despersuadida a suspeita da sua infidelidade.

Rey. Que fiel offrenda! Levanta-te, e recebe a tua espada.

Iren. Soccorro astucias. *á part.* Senhor, a minha obediencia agora não he devida.

Rey. Eu to peço, e ElRei to manda.

Iren. Pois dessa sorte executo o teu gosto, e cumpro o teu preceito, e já, Senhor, que a tua benevolencia procura restituir-me o credito, permitte ao menos que de Palacio me ausente, por eximir-me á insolencia de que segunda vez me ultrajem.

Rey. Não, antes quero que tu sejas a escolta da minha vida.

Iren. Eu, Senhor?

Rey. Sim.

Iren. E quem me segura a fé de quantos se conjurão contra a tua vida? Se eu fosse só....

Rey. Tu só has de ser quem me assista: procura das minhas guardas as que mais fieis te forem, e busca o traidor.

Iren. A minha obediencia desempenhará o teu preceito. Alviçaras fortuna, he chegada a minha dita ao porto da minha esperança.
á parte. e Vai-se.

Adast. Não he pouca ventura, Senhor, tanta fé em hum estrangeiro vassallo, mas repara que he preciza muita cautella contra o teu destino.

Rey. Hoje subirás comigo ao throno, e não se opporá tanta traição facilmente contra dous Monarcas.

Adast. Mais nesse intento ao traidor incitas. Alterado tem Filinto a plebe, e se a raiz não cortas a tantos damnos, cresceráõ os seus designios: o remedio he facil, posto que penoso; se Filinto deste tumulto he cabeça, cortada esta cessaráõ os membros.

Rey. Eu não me animo.

Adast. Dissimula, coração: até eu de imaginallo tremo. *á part.* Outro remedio tambem te fica: rende-lhe voluntariamente o solio, e de mim te esquece; e quando isto não baste para segurança da tua vida, aqui está o meu sangue; que feliz victoria alcanço, se a preço da minha vida te restitua a tua paz.

Rey.

Rey. Os parpados sinto inundar de pranto: oh venturoso Pai, que tal filho logras! *á part.* Não, a tua vida estimo ainda mais que os meus alentos.

A R I A.

Adast. Viverei se a minha vida
For amparo á sua sorte:
Morrerei, se a minha morte
For allivio a tanto mal.
Em seguir os teus preceitos
Alcanço a melhor victoria,
Nem pretendo melhor gloria,
Que sorte sempre leal. *Vai-se.*

Rey. Não erão as minhas conjecturas, Filinto he o falso; morra, ainda no meio de tanto aggravo me embaraça as iras o paternal affecto. *Vai se.*

S C E N A II.

Sala regia com cadeira, sabe Irene.

Iren. NO fogo da vingança, e nas chammas do affecto arde o meu coração: ai infausto Filinto, desculpa os meus excessos, que o amor os não dicta, quando a paixão sómente os insinúa; não he possivel despojar da vida ao barbaro Policrates, mas se a minha diligencia não conseguir o intento, antes renderei á Parca a vida, que estar vendo o motor da minha injuria.

Des.

Sabe Desenfado.

Des. Graças a Deos, que já appareceo a menina perdida,

Iren. Desenfado.

Des. Tudo he Desenfado, e assim se passa o tempo: Senhora, que fazes que não he possivel achar-te; o certo he que tu andas muito perdida.

Iren. Que dizes, estás louco?

Des. Pois não he assim, huma Princeza, que não he lá muito feia, andar sempre mettida entre homens.

Iren. Como sempre ao lado de ElRei me obriga assistir á minha occupação, esse o motivo porque não me encontras.

Des. Eu, Senhora, não quero andar aos encontrões comtigo, basta-me que tenhas a gloria de saber de mim.

Iren. Deixa loucuras, e dize-me; o que fazes?

Des. Sim, agora he que me perguntas o que faço, bem póde a gente morrer, e a ti dasse-te bem disso; mas olha que se te morrer o Desenfado, que póde ser que andes mais afflicta; mas tu fias-te de mim porque sabes que homem morto não falla.

Iren. Pois tu que tens?

Def Ai Senhora, huma cousa que não deixa a ninguem ter nada de seu; sinto hum mal procedido de hum bem, tenho cá humas taes cosegas no coração, que parece hum rato que me está sempre a roer.

Iren.

Iren. Eu não te entendo.

Des. Verdade he, Senhora, que elle mal se entende, mas olha isto he huma cousa doce, que ao depois bem se amarga, he huma mania de tal sorte, que choro tanto, que ás vezes me vem as lagrimas aos olhos: ora elle está bem claro.

Iren. Eu não te comprehendo, vê bem o que dizes.

Des. Ai, Senhora, como hei de ver se eu ando cego?

Iren. Que dizes, tu cego?

Des. Sim, Senhora, que me atirou a desgraça com huma Pederneira á minha vista, e como não deitava fogo, veio tirar-me o lume dos olhos.

Iren. Deixa-te de graças, e explica-te melhor.

Des. Ora eu digo o meu mal por enigma: he huma cousa que não se compra bem que se venda.

Iren. Isso he amor?

Des. Ah, eis-lo ahi, penetraste o fino do meu coração.

Iren. Pois tu padeces essa gostosa pena?

Des. Sim, Senhora, ando mesmo penando de gosto.

Iren. Não póde ser; amor como Rei só tem a sua esféra nos illustres peitos.

Des. Quem amor? o outro he huma criança, sabe lá o que he brio.

Iren. No peito de hum humilde criado, não se encerra amor.

Des. Ui, eu cá sempre fui criado com muito amor.

Iren.

Iren. Deixa loucuras, e adeos; que ElRei me espera. *Quer hir-se.*

Des. Ah Senhora, tenha mão da parte d'ElRei

Iren. Que me queres?

Des. Pois tu não, não desejas saber as minhas inclinações.

Iren. Não.

Des. Ora he a primeira mulher que vejo sem ser curiosa de saber as vidas alheias. *á part.* Pois não hei de dizer-tas, senão olha que ao depois has de ouvir-me.

Iren. Não me permitte mais demora a minha occupação.

Des. Ora ouve, que não gasto mais tempo do que em quanto as digo. Ai Senhora, ai cada vez que fallo nisto de amor, arrepião-se-me as carnes. Has de saber que amo tão cego a huma Pederneira, que ando feito outro Pigmalião adorando as pedras. Eu bem conheço que ella he muito amoruda, mas tambem me faz desconfiar o pedir-me huns trastes, que isso he o diabo.

Iren. Fica-te embora. *Quer hir-se.*

Des. Espere, que agora he o meu empenho.

Iren. Acaba; e mais me não dilates.

Des. Esta tal rapariga he criada ou para melhor dizer luzida estrella deste ceo de Palacio: não te escandalizes, que *nò és comparar bellezas, el referir perfeciones*: e por incurtar razões, quero que tu te empenhes com ElRei para que me faça Capitão, dando-me a companhia da Pedarneira.

Iren.

Ien. Estás louco?

Des. E logo protesto, que não quero mais augmento; porque de nenhuma sorte quero ser Coronel.

Ien. Tu não sabes quem eu sou, atrevido?

Des. Sei, que és huma grande pedreira para ElRei; e assim espero dessa pedreira a minha Pademeira.

Ien. Pois sabe, que a tua loucura te evita os supplicios da tua ousadia.

Des. Não quer que caze com Pedemeira? Pois tambem Vossa Alteza não ha de cazar com Filinto, que *solatium est miseris socios habere penates.* Eu direi a Sua Magestade, que Vossa Alteza he hermafrodito.

Ien. Infame, ás minhas mãos.... *Dá-lhe.*

Des. Ah que d'ElRei, que me mata o hermafrodito de meu Amo! *gritando.*

Sabe Macaco.

Mac. Que gritaria he esta?

Des. Acuda-me, Senhor Macaco Gonçalves Barulho.

Ien. Calla-te, ou te matarei.

Mac. Aqui estou: que me queres, homem?

Des. Ai Macaco, coca nelle, coca nelle.

Ien. Ai de mim! Se me declara este infame, finalizou a esperança da minha idéa. Que farei? Mas lograrei com agrados o que não consigo com violencia. *á part.* Desenfado, fica-te embora, e farei por satisfazer ao teu empenho. *Vai-se.*

Des.

Des. Ora pois, ficamos nisso? Olhe, e veja se lhe póde sacar tambem o dote, que he o principal.

Mac. Que historia era cá esta do Irmão fradinho?

Des. Que ha de ser? He que eu queria fazer meu Amo terceiro cá de certa ordem e..... Eu não sei o que digo. *á part.*

Mac. E que?

Des. Então dizia-lhe que aceitasse, que lho havia agradecer muito meu Irmão fradinho.

Mac. Ah, cuidei, que era alguma cousa de importancia.

Des. E quando fosse, a v. m. que lhe importava?

Mac. A mim nada: mas vamos ao que importa: v. m. não me dará noticias daquella menina, que certamente, olhe certamente.....

Des. Certamente o que?

Mac. Certamente nada.

Des. Pois ella he peixe?

Mac. Não: antes pelas boas carnes he que eu o dizia.

Des. Não seja asno, e saiba que essa rapariga está para ser minha mulher.

Mac. Isso em v. m. he graça; mas olhe, se v. m. se quizesse desfazer della....

Des. Ai meus peccados, que me vem pedir a mulher! Mas verei o que me diz. *á part.* Olhe, verdade he, que se não fora ter-lhe promettido de cazar com ella, tambem a vontade não he grande.

Mac. Pois então deixe-a para mim, que tenho huma forte vontade. *Des.*

Meus ditos, e meus féitos: mas verei se
so tirar a este tolo alguma tolá para com-
: os trastes de Pederneira, senão ella pou-
fará em se mudar para Macaco, e man-
me a mim bugiar. *á part.*
Pois então em que ficamos?
Que remedio tenho eu, senão ser pacien-
Se eu achasse alguem que quizesse cazar
a ella em meu lugar....
Pois que duvída? Aqui está Macaco pa-
supprir o seu lugar.
Sim, hum Macaco lá póde servir de D-
ado; mas não está ahi toda a conta.
Não lhe faz conta?
Se eu tivesse algum dinheiro com que re-
sse o escrito de casamento.....
Ui, essa he a duvida? Quanto quer?
A mim bastava-me dez meias dobras.
Sim, eu lhas darei dobradas.
Pois isso ha de ser depressa; se as não traz
, vá buscallas, ande, que o embarga.
Tenho medo, que v. m. me embargue
asamento. Mas eu vou, e quero pedir-
hum favor.
Diga.
Quizera que v. m. me levasse hum es-
o, para ver se Pederneira com os meus
ndios se desfazia em fogo, em ordem a
ar a mécha dos meus desejos.
Ui! pois não? Primeiro te hei de eu co-
: a isca. *á part.*
Pois eu vou buscar o dinheiro: até lo-

80 à

go; eſpèro da mercê que me faz, que não falte a eſta honra. *Vai-ſe.*

Deſ. Vá certo, que cá o eſpero. Pois que vai? Eu feito terceiro de Macacos! Ora vejão com aquella cára de ſaguim, tambem quer cazar! Mas venha agora a laia, que depois lhe chegarei ao pelo.

A R I A.

Deſ. Senhores, caluda:
Deixem vir Macaco
Que, como tabaco,
A's ventas por brinco
Lhe quero chegar.
Depois que o dinheiro
Nas mãos acolher,
Mandallo-hei beber
Daquillo, daquillo,
Etcetera callar.

Sahe Pederneira.

Pedern. Lindamente! lindamente!

Deſ. Ora eſtimo que tiveſſe eſta occaſião de me ouvir.

Pedern. V. m. cantando? iſſo he ſinal de alegria.

Deſ. Antes quem canta, he porque eſtá triſte.

Pedern. V. m. triſte? Não, quem não tem cuidados ....

Deſ. A'gora não tenho cuidados: já eu hoje fui á rua dos ourives mercar huns brincos.

Pedern. Que diz? Voſſé brinca? E trouxe-os?

Deſ. Não, porque não levava dinheiro.

Pedern.

Pedern. Então que foi lá fazer?

Def. Fui saber-lhe o preço. Olha estavão lá huns bem baratos.

Pedern. Quanto querião por elles?

Def. Erão muito baratos.

Pedern. Pois por quanto os davão?

Def. Eu não sei, porque não lhe fiz o preço.

Pedern. Ora vá-se embora, não seja desavergonhado de me vir lograr outra vez: vá-se, vá-se. (*Sahe Macaco.*) Mas ahi vem Macaco, agora me vingarei, dando-lhe zelos. *á part.* Meu Macaco....

Def. Ai que ella prega-me o mono com Macaco! *á part.*

Mac. Espera, rapariga: bem sei, que queres cazar comigo. *á part.* Senhor Desenfado, aqui está o dinheiro, e faça-me o favor de se retirar.

Def. Cahio na corriola: vou comprar os trastes de Pedemeira, para lhe abrandar a raiva. *á part.* Ah Senhor, e o escrito?

Mac. Já não he precizo: como eu lhe posso fallar, a minha palavra he propria escritura.

Pedern. Meu Macaco, não me respondes?

Mac. Digo, que já cá tem feito com ella que seja minha amiga, que eu bem o vejo no modo de fallar.

Def. Isso sim: pois eu havia descuidar-me? E ella está segura em que v. m. lhe quer bem: he capaz de se fazer grave: fique-se com ella, e adeos *Vai-se.*

Pedern. Foi-se embora, sem fazer caso de mim.

Ago-

Agora se Macaco fora mais de meu gosto; tambem o caracol de Desenfado havia pollo ao sol; mas como he o meu odio, não quero com elle graças. *Faz que se vai.*

Mac. Ella ahi começa com desdens. *á p.* Oh, v. m. quer que a roguem?

Pedern. Que diz?

Mac. Já me disserão, que v. m. se havia fazer toda aquella de manto de seda.

Pedern. Ora não seja asno, vá-se embora.

Mac. Ah Senhores, olhem como se finge! *á part.* Vossé, como sabe que morro em a vendo, por isso he que aquillo...

Pedern. Ora está bem tolo!

Mac. Ora menina, compadece-te de mim.

Pedern. Tomára-o eu ver padecente.

Mac. Visto isso, mandas-me pôr em tres páos? Mas olha que já estou feito em pedaços.

Pedern. Pois eu não quero nada com quebrados.

Mac. Olha a tolla, tomáras tu cazar comigo, que nunca te havia faltar senão tudo, o que houvesses mister.

Pedern. Vá-se, Senhor quebrado, que não serve para marido inteiro.

Mac. Ora não te movem estes requebrados amores?

Pedern. Senhor Macaco, vá-se embora, que já fede.

Mac. Não póde ser, que eu sou o teu Macaquinho de cheiro. Mas já que ella me despreza por bem, quero ver se a levo por mal *á part.* Oh desavergonhada, oh grandissima porcalhona!

Pedern.

n. He bastante atrevimento! tome, tome.
Dá-lhe.

Ora graças a Deos, estava ahi sem me nada. Não ha cousa como por mal: velogo como me deu pancadinhas de amor.
art. Ora vem cá minha esposa consorcia.

A R I A.

n. Passa fóra Macaco,
Ai, ai que me come!
Se tu não és home,
Não tenhas amor.
Vai lá para o mato
Buscar companhia;
Eu sou cá bogia
Para ter de ti dó? *Vai se.*

He forte disfarçar! Ella vai como hum ›, mas todo aquelle fuzilar vem a dar em naria: digo isto, porque já me calmou. uelles enfados he o mesmo que *reñir para s querer.* Vou dar os agradecimentos a senfado, por este passatempo. *Vai-se*

Sahem Filinto, e Alicandro.

Quem recusa hum amparo, justifica o or da sua sorte. Desesperação, e não varią, Principe, he criminar o zelo, que a nha amizade tem conquistado ao vulgo.
. Só a tolerancia desvanece o rigor do o.
Sempre a ventura foi antipoda do merito;

to; não fies pois, Senhor, na tua innocencia a tua vida.

Filint. Bem que efflicta a minha alma, não sente o rigor da injuria, quando conserva os timbres da constancia.

Alic. Sim, mas quando a plebe examina hum supplicio, sempre conjectura antecedente o aggravo.

Filint. Eu satisfaço-me com saber que innocente morro.

Alic. Pois ainda a pezar desse esforço, farei que as mais fieis esquadras te usurpem as violencias de teu injusto Pai.

Filint. Sim; mas essa piedade, he mais traição do que fineza.

A R I A.

Alic. Se não pódes contender
Com o rigor do injusto fado,
Não pretendes desgraçado
Estorvar o meu valor.
Ao furor de hum Pai tyranno
Hei de oppor-me como amigo,
E verás neste perigo
Se he constante o meu amor.

Vai-se.

Sahe Adastro.

Adast. Que vejo! tu estás só?

Filint. Enganas-te, que sempre a desventura he minha companheira.

Adast. Já está segura a tua felicidade: brevemente será ElRei o nuncio desta noticia.

Filint.

Filint. Oh que infeliz sou! Pois na tua presença me ha de fallar ElRei.

Adast. Pois, que querias, soberbo? Que os meus ouvidos não testemunhassem os teus enganos? Querias dever ás tuas lisonjas o que nega a justiça á tua culpa?

Filint. He falsa a tua idéa, que não sabe ter pejo quem vive izento de ter commettido o aggravo. A dor, que tenho de ver-te, he considerar, que o teu sangue ha de ficar desluzido com a minha nota.

Adast. Pouco sinto essa pena, quando ella ha de ser a coroa do meu merecimento, e o merito da tua Coroa.

Sahem ElRey, e Irene, a qual fica ao bastidor.

Rey. Vigia, Carpio, a entrada desta estancia, e nessa mais proxima escute Estella os meus decretos.

Iren. Já te obedeço. *retira-se ao bastidor.*

Rey. Adastro, parte deste sitio.

Adast. Que me ausente? E quem no meu retiro será parte da minha razão?

Rey. Eu a defendo.

Filint. Fique, se quizer.

Rey. Não, comtigo quero estar sómente.

Adast. E fias-te, Senhor, da sua companhia?

Rey. Cumpre o que te ordeno, e cala-te.

Adast. Já te obedeço. Oh como temo que Filinto me entregue. *á part. e vai-se.*

Rey. Filinto, toma assento, e ouve-me. Juiz,

ou Pai venho á tua presença: se Pai me estimas, verás aonde chega o meu affecto; e se Juiz me intentas, executarei comtigo o meu decoro.

Filint. Não te temo Juiz, e Pai te idolatro. *assentão se.*

Rey. Posso esperar da tua obediencia desempenhos a hum meu decreto?

Filint. Eu to prometto.

Rey. Pois em quanto fallo, attenda o teu silencio.

Iren. Que dirá? *á part.*

Rey. Filinto, de mil crimes as minhas èvidencias sabem que tens sido author. A obediencia negaste a hum juramento: hum papel me entregarão, que me avisa de huma traição; e no tempo em que a perplexidade me não dissolvia a duvida, te vi no meu quarto occulto. Que mais indicio? O mesmo Adastro me disse que tu.....

Filint. E julgas ser verdade?.....

Rey. Satisfaze á promessa, ouve-me, e calla.

Iren. Infeliz Principe! *á part.*

Rey. Simulacro és das queixas de Adastro; a Estella pretendes, e ameaças; a Carpio quasi aos meus olhos quizeste dar a morte: tudo te accuza, e por mais que os vassallos rebeldes.....

Filint. Vê, Senhor, que são falsos.....

Rey. Ouve-me, e calla-te. Vè pois quantos ultrajes me tens feito, e quantas obrigações me cercão para o teu castigo; mas trocando

em

em amor a ira, te perdo-o, e nos meus braços te rogo, que confesses o traidor. Não procura hum Pai offendido outra satisfação mais qua fé, e arrependimento.

Iren. Suspenso está Filinto: oh queirão os Deoses, que não declare os meus intentos. *á part.*

Filint. Fallar não posso.

Rey. Se o temes pela vida do réo, eu lhe perdo-o, e seja a minha mão o abono da minha palavra. *Dão as mãos.*

Iren. Ai de mim, que temo se declare! *á part.*

Filint. Pois Senhor, com esse seguro direi...

Sabe Irene.

Iren. Senhor, esqueces-te de que espera Estella as tuas resoluções?

Filint. Oh Deoses! *á part.*

Rey. Não: bem me lembra; ausenta-te.

Iren. E no entanto que direi?

Rey. Dize o que quizeres.

Iren. Já te obedeço. Perfido, não falles. *á part. para Filint. e retira-se.*

Filint. Oh quanto comigo he cruel Irene! *á part.*

Rey. Dize pois, reconcilia em mim aquelles affectos, que a offensa tinha sepultados: explica-te: porém de que te turbas?

Filint. Piedosos Ceos! *á part.*

Rey. Já te penetro: não póde resistir o affecto ao nome de Estella: tambem satisfarei a esse desejo com a sua posse: bem sei que a adoro,

ro, mas será a resistencia propria imagem de Alexandre na mais rica oblação de huma Campaspe: tua espoza será Estella.

Filint. Ao dizer-te o réo talvez que tu não creias. . . . .

Sabe Irene.

Iren. Senhor, importuna Estella queria entrar nesta habitação, e por obstar-lhe o intento, fiz que se retirasse.

Rey. E ausentou-se?

Iren. Sim, Senhor.

Rey. Apressa-te, e procura obviar-lhe os passos.

Iren. Calla-te perjuro. *para Filint. Vai-se.*

Rey. Falla, pois já Estalla he tua, e tudo o que intentares: ainda te suspendes duvidoso?

Filint. A Estella aborreço, e fallar não posso.

Rey. Pois tyranno, morrerás infame, como viveste falso. Que mais queres de mim? O throno? a espoza? o perdão? nada te move? Mas já sei, que sómente aspiras á execução do voto que fizeste: a minha murte queres; aqui tens o meu peito; traspassa-mo, tyranno, pois sem defensa o exponho ás tuas iras.

Sabe Irene.

Iren. Como sem defensa? se o meu braço ha de ser muro, que se exponha aos damnos?

Rey. Parte a conduzir Estella.

Iren. Já te obedeço. *Vai-se.*

Filint. Senhor, se a Estella adoro, permitta o Ceo. . . . .

Rey. Suspende, perjuro, os écos. . . .

Sa-

Sabem Irene, e Estella.

l. Aqui me tens, Senhor, subordinada ao u preceito.

Filinto escuta: esta he a ultima vez, que minha piedade te offerece, ou a conservação, a ruina: se o réo declaras, Estella, e o ieu throno serão premios, que te satisfaio; e se ainda o encobres, o carcere, e a norte serão castigos da tua pertinacia. Eu me tiro, porque o meu respeito não prenda as as vozes: a Carpio o dize. Não desprezes minha resolução; vê que te quer com vida, iem com desengano te falla.

nt. Ai infeliz! Irresoluto me vejo *á part.*

ARIA A 4.

O que negas, filho ingrato,
Faz que eu creia que és traidor.
nt. Se a traição não te recato,
Ser não posso aggressor.
l. Dize o réo, porque se saiba,
Que da culpa livre estás.
Falla, dize-nos qual seja
O traidor, que o crime faz.
nt. Oh Deoses, quem me condemna,
O meu mesmo amor será;
Pois se o digo, he dura pena,
E se o callo, he forte mal.
Barbaro, traidor inhumano.
l. e Iren. Comtigo cruel serás.
nt. *Deixai-me*, crueis tyrannos,

Dei-

Deixai-me Já reſpirar.

Todos. Oh Deoſes, e que tormento

Rey. } { na ira }
Eſtel. Filint. } fomenta { no peito } a dor!
Iren. } { do zelo }

Rey. Reſolve, infiel perjuro,
Meu furor deſenganar.

Eſtel. Attende do Pai a queixa,
E ſocega-lhe o ſeu mal.

Iren. Se o traidor lhe não revellas
Tu ſem duvida o ſerás.

Filin. Para que, ſorte inimiga,
Quiz a vida dilatar?

Todos. Oh que pena na alma ſinto
Com tão perfido furor!

Vai-ſe ElRey

Iren. Venturoſos amantes! Oh quanto o me affecto eſtima os voſſos jubilos! Em zel ardo. *á par*

Filint. Ainda te burlas da minha pena?

Eſtel. Parece que irreſoluto vacilla? *á par*

Iren. Falla: agora emmudeces?

Filint. Oh Deoſes! Deixa-me.

Iren. ElRey me deſtinou para o exame da tu eſcolha, ou a Eſtella, ou a prizão.

Eſtel. Reſolve pois no que determinas.

Filint. Carpio reſolva: a minha vontade h muito que he já ſua: ſeguirei os dictame da ſua reſolução.

Iren. Ah falſo, como de mim te vingas! *á p*
Vê, Principe, que eu não ſei. . . . .

Filint.

Filint. Mais do que atormentar-me. *Vai-se.*
Iren. Deoses, que lhe direi? *á part.*
Estel. Dos teus labios está pendente toda a minha gloria.
Iren. Eu julgo, que Filinto, sem algum reparo aceitaria o teu consorcio.
Estel. Grande fora a ventura, se o meu amor o conseguíra.
Iren. E tu o adoras?
Estel. Amante o idolatro.
Iren. E o pertendes esposo?
Estel. Quando a tua fineza mo confirme.
Iren. Pois he frustrada a tua esperança.
Estel. Porque?
Iren. Valer-me-hei deste engano para não perder a Filinto. *á part.* Posso, Senhora, communicar-te hum segredo?
Estel. Declara-o sem receio.
Iren. Pois sabe (perdoa-me o arrojo) que amante te idolatro.
Estel. A mim? que dizes?
Iren. Sim, Senhora, que fora descredito das luzes o não communicar incendios.
Estel. E dize-me, Carpio, que incentivo te obrigou a tanto excesso?
Iren. A gloria de adorar-te, nasceo em mim de ver-te.
Estel. Pois só de ver-me chegaste a idolatrar-me?
Iren. Sim, Senhora, que a tua vista, e a tua formosura não pódem conceder demoras á idolatria.

Estel. Em fim ver-me, e adorar-me tudo foi ao mesmo instante?

Iren. Pouco prazo precisa amor para os triunfos, se com armas de fogo só executa os tiros. Ora attende.

SONETO.

Da morte o Basilisco cega o raio;
 Este na vista, aquelle nos ardores;
 Hum dispende dos olhos os rigores,
 Outro faz do rigor na vista ensaio.
Para acabar da vida o verde maio
 Qualquer tempo he bastante a seus furores,
 Pois hum n'um abrir de olhos, nos fulgores
 Outro, tudo reduzera a desmaio.
Basilisco he amor, porque da vista
 Me resulta o estrago, a que me entrego;
 He raio, porque cega quanto avista:
E se exemplo és de amor, querido emprego,
 Foi preciso ficar em tal conquista
 Morto a teus olhos, e a teus raios cégo.

Estel. E para que até agora callaste esse affecto?

Irene. Porque o respeito foi remora das minhas vozes.

Estel. Estimo essa fineza, mas já não posso corresponder aos teus extremos.

Iren. Para que, tyranna homicida, me alentas na estimação da minha fineza, se a morte me dás tambem no desengano?

Estel. Carpio, repara que Filinto confiou da tua fé o reparo á sua vida, e assim....

Iren.

Iren. Em vão intentas, que não sou tão barbaro, que haja de ser verdugo do meu proprio gosto.

Estel. Considera, que a Filinto matas, se o contrario intentas.

Iren. He tutelar o Ceo das innocencias.

Estel. Pois em vão procuras na minha constancia mudança para os teus affectos.

Iren. E que te move a tanta tyrannia?

Estel. Essa cruel sentença, que relatas.

Iren Paciencia.

Estel. Sempre serás o objecto dos meus odios.

Iren. Terei ao menos na tua companhia hum refrigerio.

RECITADO.

Ai de mim infeliz!
Na luta de amor, e odio vivo confusa:
Se o odio me incita á morte de Policrates,
O ser do meu Filinto Pai me embaraça as acções
Amo a Filinto, e me arrependo do perigo
Que lhe causo, Deoses valei-me
Em tanta multidão de penas.

ARIA A DUO.

Estel. Ingrato, não me negues
O bem, que tanto adoro.
Iren. As lagrimas, que choro,
Tyranna não desprezes.
Estel. Pois falso } o meu peito
Iren. Pois firme }
Ambos. Cruel acharás

Iren.

Iren. Ai doce homicida,
Suspende a esquivança.
Estel. Se perco a esperança,
A vida aborreço.
Ambos Que a vida sem gloria
He duro penar.

ACTO III.

SCENA I.

Jardim. Sahem Macaco, e Desenfado.

Des. ORa Senhor, dê-me noticia das su fortunas.

Mac. Ai meu amigo, deixe beijar-lhe os p em agradecimento do seu favor.

Des. Pois então o que lhe succedeo?

Mac. O que havia de ser? Começou a Sen ra Pederneira a fazer-se grave ao princip mas ao depois foi dando de si.

Des. Pois fez-lhe algum favor?

Mac. Sim, Senhor, fez-me a fineza de me dous murros. Olhe, aquillo he que he d véras, tudo o mais he graça.

Des. Grande honra! E como ficaria contente!

Mac. Olá, pois não? bastava-me ser co sua mão.

Sim, que *manos blancas nò offeden.* Ora
npre he bem tolo o tal Macaco. *á part.*
. Ora diga-me: ella tem-lhe fallado em mim?
Isso a todo o instante; hoje me deu ella
agradecimentos de lhe dar tão bom noivo.
. Isso he lisonja.
Não, não he.
. Pois parecia-me: mas já vejo que tudo
ereço.
Tambem me disse, que morria por v. m.
lhe, sabe agora o que ha de fazer? he
sprezalla, e não lhe dizer finezas, e verá
mo ella se desfaz toda em amores.
. De véras? Oh meu Desenfado, de ve-
s? Isso he verdade? Ora v. m. saberá,
mo eu me faço grave.
Em ordem a que me não persiga a peque-
, e ainda que ella já esteja bem comigo
los trastes que lhe dei, com tudo mulhe-
s são muito arriscadas. *á part.*
. Ainda não posso crer, que Pederneira
alla por mim.
Sim: mas tu não te livras de alguns
touros. *á part.*
. Ora adeos, que me não posso deter:
ja se lhe presto para alguma cousa, e não
e poupe: bem sabe.... mas adeos *Vai-se.*
Bem sei que he hum asno. Ora vamos
r se o Senhor meu Amo pedio já a ElRei
minha Pederneira, que esta noite faço ten-
o de a render; parece-me que a estou ven-
feita minha marida &c. &c. *Vai-se.*

Sa-

Sahem ElRey, e Alicandro.

Rey. Não, não quero que morra; dilatado privilegio lhe tem concedido a natureza.

Alic. Senhor, quem te segura, que o Povo alterado não procure ao depois punir a tua inclemencia na morte de Filinto?

Rey. Procura tu socegar o vulgo com a tua presença, mas seja dividida dos hombros a cabeça.

Alic. Vê, Senhor, se encontra a tua piedade outro remedio.

Rey. Outro não ha.

Alic. Pois, Senhor, eu devo. . . . .

Rey. Obedecer-me: parte; que he á minha vida precisa a sua morte.

Alic. Penando hirei cumprir os teus preceitos; mas em fim obedecerei aos teus decretos. Bem sei, que a Filinto adoro; mas tambem considero, que sou teu vassallo. Hirei conservar-lhe a vida. *á part.* O Ceo te guarde *Vai-se*

Rey. Ai infeliz de mim! E quantos assaltos t rem meu triste peito! Em quanto a doce p me sustentava o Reino, tudo era gloria mas quando para reparo do meu susto ha preceder de hum filho o estrago, tudo martyrio; e. . . . mas as lagrimas, e a p me usurpão as potencias para o acordo. *Com o lenço nos ol*

Sahem Estella, e Pederneira.

Estel. Rei, e Senhor, que fazes? Em q

as que ao tumulto não corres? A plebe
ao Palacio sobe, e pelo seu Principe
ito exclama.

. Ai Senhora, deixa-o assoar primeiro.

Não terá muita demora o despacho ás
petições; sem dilação lho entregarei,
sem alentos: de hum vassallo amigo a
morte fiei, e julgo, que já agora a sua
liencia terá desempenhado as minhas
ens.

Deoses, que ouço! Senhor, o que fi-
e?

Vingar a Magestade, e o teu repudio.

. Logo a mim me cheirou a luto, quan-
vi a ElRei com choradeiras. *á part.*

Ai infeliz! *á part.* Senhor, revoga os
decretos: Filinto não te offende: o meu
ano, Senhor, he quem te ultraja.

Que dizes!

Eu, Senhor, sou quem a Filinto ama-
e por sentir que os seus repudios nas-
do teu respeito, commovida da inju-
de deixar-me, quiz impôr ao seu peito
meu delicto.

Que dizes? Tambem tu és traidora?

Eu sou, Senhor, quem merece o casti-
da tua indignação: obre na maldade o
ler, não na innocencia: morra Estella,
que Filinto viva.

n. Ora viva, e reviva. *á part.*

Pois não he culpa o solicito desvélo de
iamme? Não he culpa o pretender-te, quan-
do

do sabe que eu vivo de adorar-te? Morrerá ainda a pezar dessa piedade.

Estel. Senhor, suspende as iras: olha que a hum pensamento he grande recompensa a vida de Filinto; e se aos meus rogos não cedes os furores, ficarei confirmando por adulação os teus affectos.

Rey. Como adular-te quem só fazia timbre de querer-te? Em doce hymenêo pertendia elevar-te ao throno; mas já que tambem és infiel, castigarei no meu vencimento as tuas tyrannias.

Pedern. Estou tremendo que se enfade comigo. *á part.*

Estel. Movão-te, Senhor, as minhas supplicas.

Rey. Parte, Estella, que augmentas nesses rogos mais incentivos para os seus estragos.

Pedern. Olhe o negro aquelle! *á part.*

A R I A.

Estel. Se a Tigre hyrcana
Vè que lhe morre
O filho amado,
Ligeira corre
A defendello
Do caçador.
Mas tu violento,
Barbaro exangue
Só no teu sangue
He que executas
O teu furor. *Vai-se, e Pedern.*

Rey.

Rey. Piedósos Ceos, como permittis tantos ultrajes!

Sabem Irene, e Desenfado.

Des. Ou Pederneira, ou digo, que tu és mulher.

Iren. Calla-te infame. *para Desenfado.* Senhor, não te dilates: corre diligente a satisfazer o Povo na entrega de Filinto, a cujo empenho correm innumeraveis turbas aclamando a sua vida em tumultuosos écos.

Des. Isso não he o que nos importa: pois então? declaro, ou pede Pederneira para mim. *a Irene.*

Iren. Ha maior desesperação! *á part.*

Rey. Tanto amparo o soccorre? Pois se por hum breve espaço domar a sua furia, pouco sentirei os seus atrevimentos.

Iren. Porque?

Des. Vamos a isto? *a Iren.*

Rey. Porque já entreguei a incumbencia da sua morte ao braço de Alicandro.

Iren. Que dizes? Ai infeliz! Revoga, (oh Deoses) revoga, Senhor, esse decreto, que eu serei o feliz nuncio dessa piedade.

Rey. Em mim a não solicites, que já me serve o seu damno para o meu seguro.

Des. Palavra de Rei não torna a traz.

Iren. Como, Sobereno Monarca, queres em hum só instante offuscar tanto applauso á tua fama? Melhor lustre he, Senhor, a piedade do que a tyrannia. Mudar em ventu-

ras

ras as felicidades, oſtentação he ſó de ſoberania; pois no que ſe faz, ſe indica o que póde. Maior applauſo conſeguio Tito na piedade, que Nero na inclemencia. Vê pois Senhor...

Rey. Que Filinto he traidor.

Deſ. Que meu Amo he mulher. *á part.*

Iren. Mas conſidera, que Filinto he aquelle amado filho, a quem a tua Coroa confeſſa tantos lauros: vê, que da tua alma he generoſa prenda; não tires inadvertido ao teu Imperio a melhor columna.

Deſ. Tambem tu és muito bom varão. *á part.*

Iren. Vê Senhor.....

Rey. Calla-te, Carpio: ai de mim!

Deſ. Ora pede-lhe já a Pedemeira.

Iren. Como permittes que o mundo te afronte de tyranno? Ai, não ſei como a pena me não mata! *á part.*

Deſ. Iſſo he o que te eu digo? Pois agora verás, Senhor....

Iren. Ai de mim, que eſte infame me entrega! *á part.*

Rey. Que dizes?

Deſ. Saiba Voſſa Mageſtade.

Iren. Ai de mim! Deſenfado, calla-te, que e te faço o que queres. Logo perderás a vid *á pa*

Deſ. Pois então acabemos, ſe não.....

Rey. Que dizias?

Deſ. Iſſo que agora lhe dirá meu Amo.

Iren. Rei, e Senhor, ſe a fé que te conſag póde ſervir de merito.....

D

Des. Forte empenho! ElRei não tem mais remedio, que dar-me a Pederneira. *á part.*

Iren. Esta te empenho na vida de Filinto: vou (resolve Senhor) a dilatar-lhe a vida?

Rey. Sim, Carpio, apressa-te a embaraçar-lhe a morte.

Des. E Pederneira onde fica, Senhora minha Ama?

Rey. Que diz esse Criado? Porém Alicandro! oh Deoses!

Iren. Ah que o aspecto lhe vejo demudado.

Sahe Alicandro.

Des. Aqui vem o Sabastião do Principe, e cedo será o Carrasco de minha Ama.

Iren. Vive o Principe? *a Alicand.*

Alic. Espolio he já da morte.

Des. Rezem-lhe hum minuete pela alma. *á p.*

Rey. Ah filho amado!

Iren. Ah infausto Filinto!

Alic. Ao primeiro golpe rendeo aquella generosa vida, e quasi nos ultimos parocismos balbuciantes articulou estas ultimas vozes: *Vai, e a meu Pai defende*; e ao proseguir lhe embargou as vozes o mortal desmaio.

Des. Tomára eu a alva para firoulas. *á part.*

Rey. Ai infeliz! Querido Carpio, soccorre-me em tanta magoa.

Iren. Tu barbaro, tu ímpio lamentas a sua morte? A quem acumulas as queixas, se tu foste o author da culpa? Vai, tyranno, e em quanto palpita intercadente aquelle cora-

ção, lho arranca. Que te demora, monstro das tyrannias? mais cruel que o mesmo Alecto, e mais barbaro ainda que Megera?

Des. E minha Ama parece-me na furia Tafunize. *á part.*

Rey. Dessa sorte se atreve ao meu decoro, Carpio? Enlouqueceo; ou dissimula com os fingimentos?

Iren. Não finjo, tyranno: até agora he que disfarcei, por ter a gloria de matar-te.

Rey. Em que te offendeo Policrates?

Iren. Ignoras os motivos? Pois sabe que ao meu bem mataste.

Des. Bem morto. *á part.*

Iren. E que a meu infeliz Pai a morte déste, hum Reino adquiriste, e em mim huma inimiga grangeaste. Sabe que sou Irene, que o teu estrago disfarçada busco.

Rey. Que escuto! *á part.*

Alic. Raro successo! *á part.*

Des. Pois que vai? Agora fico eu sem Pederneira, e sem me poder vingar. Valha-te o diabo Desenfado de hum dardo, não podias tu ter ganhado as alviçaras? *á part.*

Rey. Já descifro as cautelas, que Filinto intimava á minha repugnancia.

Iren. E para que seja maior o teu tormento, sabe que Filinto só procurava a defensa á tua vida; elle te deu naquelle papel o aviso dos meus intentos; morreu innocente, e tu ficaste sem reparo ás minhas iras.

Rey. Louco estou!

Des.

Des. Não he porque deixasse de ser bem avisado. *á part.*

Rey. Olá da minha guarda, esta soberba levai da minha vista: e tu Alicandro....

Alic. Já te entendo. Irene rende me essa espada.

Sabem guardas.

Iren. Esta he, Alicandro. E tu, barbaro, muito te enganas, se atemorizar-me intentas.

Des. Antes que me mandem enforcar vou pedir o perdão a ElRey. *á part.* Senhor....

Rey. Quem és tu?

Des. Sou Criado da transfigurada Irene, que...

Rey. Pois seja tambem levado para o carcere, donde sahirá a pagar no supplicio a sua traição.

Des. Ah que d'ElRei, que sou mulher, e não quero hir lá para a enxovia.

Alic. Que dizes? Tu tambem não és homem?

Des. Pois não vê como sou maricas, que tenho medo da morte?

Alic. Pois quem és?

Des. Eu sou a constante Florinda, que ando disfarçada; e mais mande-me examinar, se duvida disto.

Rey. Retiraivos da minha presença, que me desgosta a sua companhia.

Iren. Para vingar-me de que vivas triste, basta-me o teu delicto.

Des. E eu para vingar-me de ti, basta-me a tua morte.

A R I A.

Iren. Como podeste, oh Deoses!
Ingrato, vil, traidor....
Mas ah, que a culpa he minha!
Sinto gelar-me o sangue
No peito a forte dor.
Porque feriste hum peito,
Sem culpa, infiel, porque?
Ah que o meu delicto he
Causa do teu furor!

Vão-se Irene, Desenfado, e os guardas.

Rey. Ai de mim! Aonde estou, que não fou da minha vida tragico despojo?

Alic. Socega-te, Senhor, e agora empenha sómente o teu cuidado na quietação do teu Imperio.

Rey. Os descanços desprézo, e só furioso á morte solicito. Ai amado filho! *Vai-se.*

Alic. Olá guardas, trazei á minha presença esses prisioneiros. Piedosos Ceos, soccorrei os meus intentos. *á part.* Retirai-vos.

Sabem os guardas, Irene, e Desenfado.

Iren. Que pertendes, barbaro Ministro do mal impio Rei?

Des. Está já feita a forca?

Alic. Não te alteres, e sabe, illustre Princeza que o teu Filinto não está morto.

Iren. Que dizes, Alicandro?

Alic. A incumbencia de matallo acceitei par defendello. Des.

Des. Certamente que não parece criado. *á p.*

Iren. E para que occultaste essa fineza a ElRei, se o seu arrependimento te desculpava a desobediencia?

Alic. Não sei se aquella piedade seria fingimento.

Des. Bella occasião tenho para me livar! *á part.* Pois, Senhor Alicandro, ou me solte, ou conto a ElRei todas essas arengas.

Iren. Prosegues em outra teima? Calla-te, ou te matarei.

Des. Mate-me, se puder, porque eu estou obrigado a acudir primeiro á minha vida, do que á minha morte.

Alic. Já estás livre: ausenta-te, e faze com que ElRei te não veja.

Des. Acceito: adeos meus Senhores. *Vai-se.*

Iren. E dize-me, Alicandro, aonde está Filinto?

Alic. Ainda ignorante da minha fé vive no carcere asperando a sua morte.

Iren. Pois ainda o não livraste?

Alic. Como está seguro, ando congraçando os affectos do Povo para o subir ao Solio.

Iren. Vamos pois... Mas ahi vem Adastro.

Alic. Pois eu me ausento; procura tu saber os seus intentos para segurarmos os nosso designios: fia-te de mim, e não temas. *Vai-se.*

Sabe Adastro.

Iren. Fico segura: dissimula coração. *á part.* Senhor, que te molesta? de que estás triste?

Adast.

Adast. Se tudo neste Palacio he confusão queres que me alegre, Carpio?

Iren. Ainda não sabe que sou Irene. *á part.* Pois, Senhor, que esperas que não vamos oppornos ao tumulto desses rebeldès?

Adast. Outro soccorro pede o meu perigo: Filinto vou buscar.

Iren. Examinarei as suas idéas. *á part.* Senhor, a hum aggressor de tanto insulto pretendes libertar?

Adast. Não: vou procurallo para dar-lhe a morte.

Iren. Apurarei a sua traição, *á part.* Pois tu não sabes, que Filinto he já morto?

Adast. Que dizes? e porque braço?

Iren. Não sei: confusa chegou esta noticia aos méus ouvidos.

Adast. Ou vivo, ou morto, importa-me achar a Filinto.

Iren. Eu serei hum executor dessa diligencia. Ah falso como te penetro. *á part. e vai se.*

Adast. Se Filinto me embaraça os passos para o throno, morra: he tyrannia, porém he necessario á minha conveniencia. *Vai-se.*

Sabe Pederneira com huma caixa, na qual taz varios trastes.

Pedern. Ora já o Senhor Desenfado se espontulou com os trastes, que lhe pedi: agora se eu tivesse outro a quem sacar alguma tolá, não era máo. Ora vamos vendo o que vem na tal caixinha; cá vem as meias, e hum leque,

ehe da moda: agora sim que com isto serei o chefe da francezia.

Tira da caixa hum leque da moda, e abanando-da se canta o seguinte

MINUETE.

Ai que ventura
Logro ditosa!
Chinella bordada,
E meia encarnada!
Com leque da moda!
Mui frança hei de ser.
Sinaes na carinha!
Com tantos caprichos
Que bichos, que bichos,
Me hão de fazer!

Mas cá vem Macaco, fingir-me-hei muito sua amiga, por ver se cahe na corriola.

Sahe Macaco.

Mac. Oh cá está Pederneira! Como sei que me quer bem, fingir-me-hei muito grave, que assim me ensinou Desenfado. *á part.*
Pedern. Meu riquinho Macaco.
Mac. Ella comigo; quero fazer-lhe hum desprezo amante. *á parte.* Arre para lá, não seja tola. *a Ped.*
Pedern. *He bem salvage!* Mas vamos à nossa con-

conveniencia. *á part.* Que tens contra mim? que te fiz eu, meu Macaquinho?
com caricias para Macaco.

Mac. Não foi máo desdem; proseguirei na mesma fórma. Ah Senhores, muito devo áquelle Desenfado! Tambem se elle me não contasse tudo, cahia eu agora como hum tolo. *á part.*

Pedern. Não respondes á tua Pederneira, que tanto te quer?

Mac. Pois que vai! Ah Senhores, muito devo a Desenfado. *á part.* Já lhe disse, que não fosse tola. *a Ped.*

Pedern. Elle está impertinente, mas hei de lograllo. *á part.* Pois estás mal comigo, meu Macaquinho?

Mac. Ella está-se desfazendo por instantes; mas a quem não renderão estes meus dengues? Quero-lhe fazer huma meiguice, dando lhe hum boferão. *á part.* Para que não seja impertinente, tome, tome. *Dalhe.*

Pedren. Oh insolente, oh desavergonhado, calle-se, que vossé mo pagará. *Quer bir-se.*

Mac. Venha cá, que estes melindres forão para que vossé visse, que lhe quero a dar-lhe com hum páo.

Pedern. Vá-se embora, que o não quero ver mais.

Mac. Pois então vem cá, que eu te botarei os olhos fóra.

Pedern. Só se vossé me der o que lhe pedir.

Mac. Sim: pede, pede.

Pedern.

Pedern. Promette não faltar?

Mac. Se eu faltar, eu chegue a ser teu marido.

Pedern. Deme cá a sua mão.

Mac. Pois para isso estavas com vergonha? Ah Senhores, muito devo a Desenfado, e vejão a brevidade com que fez que me désse a mão. *á part.* Ora aqui está a minha mão.

Pedern. Pois quero que vossé me compre hum afogador.

Mac. Ui, para isso aqui estou eu, que sou notavel para Carrasco. Mas como nós já estamos cazados. . . . .

Pedern. Que diz, cazados?

Mac. Sim; porque nós não demos as mãos?

Pedern. Ora, he bem tolo; mas seguirei a sua asneira. *á part.* Ah, sim, não me lembrava.

Mac. Ora pois, eu o que quero he muita sizudeza; e dize-me, queres o affogador do pescoço, ou da garganta?

Pedern. Do pescoço; porque, não he tudo o mesmo?

Mac. Não, que ha huns da garganta, outros do collo.

Pedern. Pois traga o que lhe parecer.

Mac. Em quanto ao meu parecer, o melhor era não trazer nenhum; mas por lhe fazer o gosto, eu vou buscallo: ser-me muito sizuda, senão. . . . Ora adeos. *Quer hir-se.*

Sahe Desenfado.

Des. Por onde andará Pederneira? Mas oh, *ella cá está com* Macaco. Ai que isto me *não cheira bem. á part.* Pedern.

Pedern. Importa-me disfarçar; por não perder o affogador. *á part.*

Mac. Oh meu amigo, só vossé sabe ensinar: ella começou com muitos amores, eu dei lhe hum bofetão, ella reguingou, eu chamei-a, ella retrocedeo, e agora estamos muito amiguinhos. *a Desenfado.*

Des. Ai, eu estou perdido! Oh menina, v. m. não me conhece?

Pedern. Eu só para o servir.

Mac. Olhem aquelle proposito: como he já mulher, vejão o respeito que me tem. *á p.* Áh Senhor Desenfado!

Des. Deixe-me so tola. *Dalhe.*

Mac. Irra Senhor Desenfado.

Des. Arre meu Macaco. *aos murros.*

Pedern. Vou-me esgueirando, antes que aquelles carolos me venhão dar na cabeça. *Vai-se.*

Mac. Ah que d'ElRei, que me matão.

Des. Que he de Pederneira? Esgueirou-se? *Olhando para todas as partes.*

Mac. Olhe, olhe, ella alli está. Agora marcho, já que me tocárão a caixa. *Vai-se.*

Des. Espere maganão: foi-se? calle-se que eu o apanharei ás unhas, e a maganeta já se não lembra do que lhe dei? Pois tome.

ARIA.

Des. Eu feito Bezerro!
Arre meu Macaco,
Não cabe no saco
Já tanto aturar.

A

A gente em me vendo,
De medo tremendo,
Julgando-me touro
De mim fugirá.
A moça he velha,
E em meu desabono
Pregando-me o mono,
Hum touro me faz. *Vai-se.*

SCENA II.

Carcere, no qual estará Filinto, e Irene ao bastidor sem espada.

Iren. NÃo mentio Alicandro, quando a este sitio os passos me encaminha: ainda o meu bem vive sem damnos, brevemente com a vinda de Alicandro ficará sem sustos. *á part.*

RECITADO.

Filint. Injustos Deoses,
Desesperado me tem as vossas iras:
De que me serve o não ter culpa?
Assim péza Astrea na balança
As injustiças?
Sem duvida consegue a innocencia
Os mesmos effeitos, que o delicto.

Iren. Para evitar as traições de Adastro, venho ver a Filinto, em quanto para o seu soccorro não chega Alicandro. *á part. e sahe.*

Filint.

Filint. Rigorosa Irene, ainda neste carcere queres augmentar as tuas tyrannias?

Iren. Pois para que saibas quem he Irene....

Sahe Adastro fallando para dentro.

Adast. Não duvideis, Soldados, a minha entrada, que ElRei me envia.

Iren. Que vejo!

Adast. Carpio, tu aqui sem espada para a minha defensa?

Iren. Ao conceder-me faculdade os guardas, que de Alicandro são confidentes, não estivera sem essa prevenção para os teus auxilios.

Filint. Até neste lugar intentas, traidor, insultar-me?

Adast. Suspende as vozes, ou te matarei.

Puxa a espada.

Iren. Ai de mim! *á part.* Senhor, vê que he diminuto castigo esse golpe para o seu merecimento; pois a morte que sente, suaviza na gloria do braço, que lha ameaça. Permitte, que as minhas queixas satisfação ás nossas vinganças: bem sabes que Filinto procurou tirar-me a vida, e assim me pertence a execução da sua morte.

Filint. Deoses, não basta de tormentos! *á part.*

Iren. Ai Alicandro, como te demoras! *á part.*

Filint. Tambem Carpio he traidor?

Adast. Calla-te, ou perderás a vida.

Filint. Dispara o golpe, infiel, usurpa-me com a morte tantos motivos para o meu tormento.

Adast. Morre, tyranno. (*suspende-se*) Mas ai, que o valor me falta. *á part.*

Iren. Soccorro, soberanos Deoses. *á part.*

Filint. Barbaro, que te suspende?

Iren. Muito tarda Alicandro. *á part.*

Adast. Não sei que razão me obriga a supportar as iras. *á part.*

Iren. Senhor, em que vacillas? Dáme essa espada, eu lhe arrancarei aquella falsa vida; eu só basto para terror de hum insolente.

Adast. Toma, Carpio, execute a tua vingança o que não podem conseguir as minhas acções. *Dá a espada a Irene.*

Iren. Agora verás, traidor, se tens algum reparo.

Filint. Que intentas?

Iren Meu bem, toma esta espada para a tua defensa. *Da-lhe a espada.*

Adast. Que fazes? Tu contra mim, Carpio?

Iren. Já não sou Carpio, agora sou Irene.

Adast. Pois, traidores, acudiráõ obedientes as guardas ás minhas vozes, para castigar o vosso atrevimento. Olá.

Filent. Suspende os écos, ou te matarei.

Sabem Alicandro, e os guardas.

Alic. Filinto?

Adast. Ah defende, Alicandro, o teu Principe.

Alic. A Filinto defendo. Senhor, vem com a tua presença satisfazer os alvoroços, com que te espera o vulgo: livre estás: aqui tens estes guardas para a tua defensa, que eu me au-

ausento a procurar mais realces á minha consſtancia. *Vai ſe.*

Adaſt. Piedoſos Céos, tudo ſe conjura contra a minha ſorte.

Iren. Vem, amado bem, ſegue os meus paſſos, que ou hei de acabar a vida, ou levantar-te ao ſolio.

Filint. He poſſivel, querida prenda, que vejo na correſpondencia da tua fidelidade deſvanecidos os temores da minha ſuſpeita? Oh quanto me peza ter-te negado os creditos de firme.

Iren. E póde, Senhor, o teu receio preſumir infamias á minha fé conſtante?

Filint. Não me arguas, Senhora, deſſe delicto, quando ſó a minha deſgraça formava eſſas conjecturas.

A R I A.

Meu bem, não duvides
  Da fé que te guardo;
  Porque Fenix ardo
  Na pyra de amor.
Deſterra o receio,
  Se chegas a ouvir-me;
  Vê bem que ſou firme,
  E deixa o temor. *Vai-ſe.*

Adaſt. Oh quanto me affronta o meu delicto! *á parte.* Sobe, Senhor, ao Throno, que o fado te deſtina, e ſatisfaze no meu peito as minhas ambicioſas culpas: aqui me exponho a receber ſem reſiſtencia o golpe.

Filint.

Filint. Esta he a tua espada: acceita-a, e vive; e nos meus braços te prometto esquecer-me dos teus delictos.

Dá Filinto a espada a Adastro, e depois de o abraçar vai-se com os guardas.

Adast. Oh generoso peito! Vejão agora os meus intentos os desenganos: pouco importa a traição, quando a innocencia tem por patrona dos Deoses a piedade. *Vai-se.*

SCENA III.

Perspectiva de Praça á vista de Palacio Real, com apparato magnifico para a coroação. Sahem alguns Soldados brigando com a guarda Real, a qual fogo, e com ElRei, o qual cahindo sahe Irene de mulher com hum punhal na mão.

Rey. PErfidos, ainda não lograstes o vosso vencimento. *Cahe.*

Iren. Olá Soldados, deixai á minha ira a mais vingança.

Quer ferir a ElRei, e sahe Filinto.

Filint. Suspende-te, Senhora: Irene, que determinas? Pai, e Senhor, nada receies, quando tens ao teu lado proximo a Filinto.

Iren. Impios Ceos, até agora me estorvais as iras? *á part.*

Rey.

Rey. Que vejo! Filinto, he possivel que meus olhos te vem sem damno?

Filint. Graças aos Ceos, que vivo para defensa.

Rey. E a quem devo a fineza da tua vida?

Sabe Alicandro.

Alic. Eu, Senhor, fui quem seguindo as l da minha amizade, faltei aos teus decrete e se te aggrava a innobediencia, a minha m te satisfará a culpa.

Rey. Que heroico delicto!

Sabem Adastro, Estella, e Pederneira.

Adast. Pai.....

Estel. Senhor.....

Adast. Compassivo ou justiceiro te rogo indulto o perdão, ou da morte a pena.

Estel. Eu, Senhor, com a mesma supplica peço o esquecimento da minha offensa.

Mac. Ai, ai, quem me acode! *Dentr*

Pedern. Que gritaria será esta?

Mac. Ah que d'ElRei. *Dentr*

Sabem Macaco, e Desenfado aos murros.

Des. Pois que cuida? que tudo he feme Mas aqui está ElRei macho.

Rey. Suspendei-vos.

Des. Aqui estamos todos suspensos.

Mac. Ai, ai, que me derreou o palaio! E o que tem quem se mete com mulher alheias. *á part*

Adast

Adast. e Estel. Aos teus pés, Senhor... *ajoelhão.*

Rey. Filinto, como aggravado, satisfará aos vossos rogos.

Filint. De tudo se esquece Filinto: e tu, Senhora, ou deixa o odio, ou perde-me o affecto.. *a Iren.*

Iren. Já não póde resistir o meu amor. A' vista da generosa liberdade, com que perdoas, quem haverá que aos teus exemplos fuja? Já da minha memoria á vingança excluo.

Des. Oh cá está já minha Ama sem calções, e eu livre de me ver em calças pardas.

Rey. Para que o meu Throno consiga a maior gloria, sóbe Filinto, e no consorcio de Irene teça Hymenêos tão immortaes os laços, que nem a Parca possa dividir com a separação as vossas almas.

Filint. e Iren. Que ventura! *Dão as mãos.*

Rey. E tu, Adastro, dá a mão de esposo a Estella, que desta sorte lhe satisfaço o muito que lhe quero.

Adast. e Estel. Venturoso já obedeço.

Dão as mãos.

Mac. Ah Senhor Desenfado, v. m. quer alguma cousa desta rapariga? senão peço-a a ElRei.

Des. Passa fóra Macaco. Ingentissimo Policrates, Rei dos Samios, a quem a fama celebra tão ditoso, que morreo enforcado; não te admire, que em dia tão festivo assista na tua presença o Desenfado, e só te empenha em dar-me a Pederneira, para que aos toques

do meu amor tanto se accenda no sympatico fogo, que no muito que arder, possa sahir alguma cousa á luz.

Rey. Eu lo concedo.

Des. Beijo esses fidalgos calcanhares,

Levanta-se.

Mac. Isso he zombação! Ah dinheiro, que me deixaste vendido! *á part.*

Pedern. Vamos a isso, que estou já morrendo por essas cousas. Ora pois, eu por mim aqui estou.

Des. E eu não estou aqui, senão por amor de ti. Ora dame cá essa mão de vaca.

Dão as mãos.

Mac. Se v. m. caza com a vaca, certos são os touros.

Des. Sim; mas v. m. Senhor Macaco, nunca escapará de algum boléo, ainda que seja em pedrouços.

Rey. Sóbe, Filinto, ao merecido Solio.

Sobem ao Throno Filinto, e Irene, e se faz a coroação.

Rey. Invictos Persianos, este he o vosso Monarca, e esta a minha Coroa, que a impulsos do gosto transfiro da minha para a sua frente: applaudi com venturosos cantos este diminuto premio dos seus merecimentos, e os desejados júbilos dos vossos affectos.

CORO.

Ao Throno se eleve
O Heroico Filinto,
Pois que offensas premêa
Com beneficios.

FIM.

OS ENCANTOS DE CIRCE,

Opera que se representou na Casa do Theatro publico da Mouraria.

ARGUMENTO.

Depois de abrazada Troia, naufragando Ulysses por diversos mares, chegou a aportar na Ilha Circea, que era dominada por Circe, grande Magica, a qual com encantos lhe transformou os companheiros em differentes animaes; porém Ulysses soccorrido da Deosa Juno os livrou; e não podendo resistir ao poderoso attractivo da formosura de Circe, se deixou ficar no seu Palacio, com discommodo grande da sua jornada, e de seus companheiros; e sendo por algumas vezes admoestado dos seus, nada o movia mais do que os amores de Circe; até que vendo em certa occasião aos seus pés as armas de Achilles, resoluto, e valoroso se ausenta. O mais constará do contexto da historia.

INTER-

INTERLOCUTORES.

...lles, *I. Galan.*	Juno.
...oro, *II. Galan.*	Venus.
...helão,	Circe.
...hia, *Graciofo.*	Aftrea.
...npanheiros de Ulyffes.	Iris, *Graciofa.*
...ido.	Ninfas de Circe.
...fica.	

SCENAS DO I. ACTO.

Bofques com vifta de mar.
Campos fem vifta de mar.
Campos, e vifta do Palacio de Circe.
Sala.
Sala differente.
Bofques.
Sala.
Jardim como de noite.

SCENAS DO II ACTO.

Campos.
Sala.
Campos.
Ante-Camera.
Jardim.
Bofques.
Sala.
Camera.
Bofques, e mar como no primeiro Acto.

ACTO

ACTO I.

SCENA I.

Bosques, e mar; e huma parte clamores de nauticos, e de outra parte Musica.

Ulyss. JA' que tanto contra nós se mostra o fado, seja a confusão dos clamores triste lenitivo da pena. *Dentro.*

Circ. Já que tão favoravel a sorte se nos ostenta, seja a consonancia das vozes sonoro iman da alegria. *Dentro.*

Vozes no mar. Irado Neptuno.

Music. Pacifico Phebo.

Vozes no mar. Cessem tuas iras.

Music. Brilhem teus luzeiros.

Vozes no mar. Abrandem clamores tão pouca piedade.

Music. Não manchem as nuvens tanto luzimento.

Passa Circe, e as Ninfas á vista, e torna a entrar dizendo:

Vozes no mar. Piedade.

Music. Prazer.

Vozes no mar. Soccorro.

Music. Alegria.

Vozes no mar. Sem rumo, e sem norte nos sepulta o mar.

Music.

Musc. Com gloria, e com gosto nos festeja o dia.

Avista-se a náo, e dizem.

Vozes no mar. Hum monte á vista se nos offrece, aonde arribados poderemos salvar as vidas.

Circ. Siga-me a Musica ao Jardim, aonde alegres passemos a festa. *Dentro.*

Ulys. Piedade, Deoses immortaes.

Arch. Tem piedade de mim, Jupiter Tonante, pois me tem feito o temor extravagante de mim mesmo.

Hum Já mais pacifico o mar com o embate dos montes nos permitte seguro porto.

Ulys. Gozemos todos da desejada terra.

Saltão em terra Ulysses, Archia, Arquelão, e mais companheiros de Ulysses.

Ulys. Oh grata (ainda que desconhecida) terra! recebe benigna a estes miseros naufragantes.

Arch. Oh terra ingrata, e desconhecida, que ha tanto tempo estás de mim ausente!

Ulys. Penetremos, ficis companheiros, o intrincado destes bosques, e o aspero destes montes, até descubrirmos alguns vestigios de serem habitados; pois no fragoso parecem mais domicilio de feras, que habitação de creaturas humanas.

Todos. Todos te obedecemos. *Vão-se.*

Arc. E eu tambem, que em materias duvidosas sempre he bom seguir aos mais.

Vai-se.

Ulyſ. Que terra tão agreſte ſerá eſta, em cuja fragoſa aſpereza ſó ſe ouvem horridos bramidos de feras, e nas concavidades dos montes ſó ſe eſcutão triſtes écos de infame multidão de aves nocturnas? Não vi mais incultas ſalvas!

A R I A.

Onde eſtou, immortaes Deoſes?
Que incognita terra he eſta,
De tão aſpera floreſta
Inacceſſa á gente humana?
Só de feras domecilio,
Das ſombras palacio horrendo,
Onde julgo, e onde entendo,
Que ſó habita o fero horror.

Sahe Lidoro.

Lid. Incauto peregrino, ſe acaſo és companheiro dos outros, cuja innocente ignorancia injuſtamente caſtiga Circe, procura ſalvar a vida, ſe não os queres acompanhar na morte.

Ulyſ. Já que te mereci o aviſo, mereça-te mais clara noticia do que tão confuſo me dizes; pois nem ſei aonde eſtou, nem o como me poſſo livrar.

Lid. Sabe, pois, que eſtás no monte Circeo, aonde a Magica Circe tem o ſeu Palacio, ao qual chegando teus companheiros a pedir-lhe benigna hoſpedegem, logo os transformou em differentes animaes, e aſſim coſtuma fazer a quantos miſeros naufragantes o mar aqui

arro-

arroja, como o publicão os tristes gemidos das feras, e aves; e ainda a maior parte desse arvoredo, de que vês coroados os montes, são racionaes (se immoveis) creaturas, e vassallos de seu tyranno Imperio. Ai de mim, com que pena o relato!

Ulyss. Como pois vives tu izento, aonde publícas haver tanta crueldade?

Lid. Não vivo izento, antes, como os mais, choro a minha pena: e saberás, que sou Lidoro, que aportando, como tu nesta infausta terra, vi a Astrea, que era huma Ninfa de Circe, e a amei com extremo, com a dita de huma licita correspondencia; o que sabendo-o a cruel Circe a transformou a ella em arvore, tão injustamente, pois que huma esquiva, como Dafne, se converta em duro tronco, pouca mudança faz; porém que padeça o mesmo methamorphorses, quem se compadece do tormento de amor? injusto castigo! Porém julga maior a minha magoa, pois me permittio a liberdade para maior excesso da minha pena: e assim ando por estes rochedos acompanhado a Eco nas queixas, que ella tem de Narciso, e eu de Circe.

Ulyss. Muito sinto, Lidoro, o teu tormento, e agradeço o teu aviso; porém não tenho de me ausentar, porque se não ha de dizer, que Ulysses fugio do perigo, deixando nelle a seus companheiros.

Lid. Pois se estás desse parecer, fica-te embora, que eu *vou continuando* meu pranto.

ARIA.

ARIA.

Respondendo o Eco.

Na esperança desespero, espero.
Quando espero hum impossivel: possivel.
Se o penar he infallivel, fallivel.
E he falivel o alcançar, cançar.
Já me cansa o procurar curar.
Quem curar possa este ardor. dor.
A meu peito amante inflamma flamma.
Esta flamma, esta loucura: cura.
Cura não tem, porque dura, dura.
Outro tanto como a cauza, cauza.
Que me cauza este penar. penar.
Vai-se.

Ulyss. Lastimado me deixa seu triste pranto. Mas ai de mim, que farei em tanta confusão!

Music. Não temas, heroico Grego,
Que Juno te ampara
De Circe, com tanto
Que venças de amor o encanto.

Apparece Juno em huma nuvem com flores.

Jun. Ulysses, guarda essas flores, que ellas te defenderáõ da venenosa magiça de Circe.

Vai repetindo a Musica o quarteto acima.

Ulyss. Já que, ó soberana Deidade de Juno, te dignas amparar-me, nada temerá o meu

va-

valor; nem permittirei tregoas ao descanço, sem ver em liberdade a meus companheiros.

Vai-se.

Musc. Contra Ulysses vem
A pedir favor
De amores a Deosa
Ao Deos de amor.

Apparece Venus, e Cupido em outra nuvem.

Venus. Bem sabes, Cupido, com quanta cauza devo perseguir este tyranno Ulysses, porque foi hum dos que mais motivárão a ruina da infeliz Troia; e assim arma contra elle as tuas penetrantes settas; e já que Juno o defende dos encantos de Circe, tu o has de render ao cruel encanto de amor.

Cupid. Eu te seguro, querida Mái, introduzir-lhe mais incendios em seu peito, do que elle causou em Troia.

Venus. Seja hum incendio castigo de outro incendio, e fiquem suas cinzas supultadas em tal esquecimento,

Que nunca fique delle mais memoria,
E com elle se acabe o nome, e gloria.

Vão-se.

Sahe Ulysses.

Ulyss. Aonde estarás, funesto palacio, lastimoso mausoléo de tantas vidas? Mas que vejo!

Sahem Circe, e as Ninfas.

Circe. *Invicto Ulysses*, sejas bem vindo a esta terra,

terra, aonde a minha hospedagem te suav
os trabalhos do mar.

Ulyss. Bellissima Circe, recebe compadecida
este misero peregrino, e ache em ti tal
piedade, como no mar achei rigores.

A R I A.

Circ. Terás valoroso Ulysses
Em meu generoso trato
O obsequio amante, e grato,
Que merece o teu valor.
Verás hoje em meu abrigo,
Que de meu peito hospedado,
Te suavisa o meu cuidado
Do mar o cruel rigor.

Vai-se e as Ninfa

Ulyss. Oh nova especie de Crocodilo, pois ca
tas para matar!

S C E N A II.

*Campos sem vista de mar. Sabe Archia
feito porco.*

Arch. QUe escapando eu de ser no m
cavallo marinho, me chegue a v
aqui porco montez! que podenc
Circe fazer-me jumento de algum salo
(que só estes nascêrão para jumentos) n
faça andar com o focinho feito lavrador d
valles, e cabouqueiro dos montes! Ora ni
guem faz porcadas com mais limpeza. Q

tal para mulher de hum marchante? Mas ter acções tão porcas quem me parece ser tão senhora, que a julgo descendente da Imperatriz Porcina! Mas por certo tinha eu de me ver feito hum pai de leitões; porém aqui não ha mais remedio que paciencia que não gurinhate.

A R I A.

Senhor Archia Leitão,
Que focinho he este seu?
Quem tal trombada lhe deu?
Quem o fez tão cabeçudo,
Tão trombudo, e cabeludo
Como o mais atroz javardo?
Todo o brio, e toda a força
Tem na ponta do nariz:
E da boca, o que me diz
Tão aberta, e tão resgada
E a dentada, e aqueixada
Maior que a de hum Tubarão? *Vai-se.*

S C E N A III.

Campos, e vista do Palacio de Circe. Sabem Ulysses, Circe, Iris, e mais Ninfas.

Circ. JA' que, ó valeroso Grego, és tão invencivel, que até soubeste vencer meus encantos, ainda que ajudado de divindades, te rogo me queiras dar alguma noticia dos *teus successos.*

Ulys.

Ulyſ. Dilatados tem ſido os progreſſos da min vida, e depende de largo tempo a narraç delles; mas por te obedecer os relatarei e ſumma, por ver que nunca o pouco m leſta, nem o breve cauſa enfado.

RECITADO.

Eu ſou Ulyſſes, minha patria Grecia,
Rendi a Troia, em chammas a abrazei,
E de Achilles as armas forte herdei,
Das Sereas venci o cantar ſereno;
E ao forte Gigante Poliſemo;
Ao mar me entrego, mas Venus irada
Com ventos deſcompoz a minha armada.

ARIA.

Deſſe mar ha já ſeis annos,
Que navego as ondas frias,
Com tormentos, com fadigas,
Varios climas tolerando,
Já de Venus perſeguido;
Já dos ventos combatido.
E neſta terra apartado
Com encantos me perſegues,
Mas os Deoſes me defendem
De tão venenoſo mal.

Iris. Já vejo, que he decantada a vida de homem, pois cantando a foi contando.

Circ. Peço-te, famoſo Grego, deixes ſoceg mais os furioſos ventos, e refazer-te e meu Palacio das moleſtias do mar; que d

pois mais seguramente poderás com teus companheiros seguir teu caminho.

Ulys. Que efficazes são os rogos da belleza! *á part.* Não duvido obedecer-te, como veja hoje a meus companheiros restituidos á sua antiga fórma, e juntamente huma Ninfa tua, que por delictos de amor padece por prizão hum duro tronco.

Sis. Melhor era que estivesse em hum aljube, que he aonde se pagão de amor os delictos.

Circ. Como está á tua vista, nella começo a servir-te. Astrea perde a fórma de arvore, que Ulysses apadrinha teus erros.

Sahe Astrea de huma arvore.

Astr. Desejára ter tantas linguas, como as folhas em que estava transformada, para cabalmente agradecer-te, ó inclito Ulysses, tanto bem que de ti recebo.

Sahe Lidoro.

Lid. Ainda que estava occulto (vendo tanta ventura) não me permitte o amor, e o agradecimento demora em me prostrar a teus pés.

Ulys. Trocai ambos o agradecimento em reciprocas finezas; pois como era injusto o castigo, vos era devido o beneficio.

Circ. Vai Ulysses com os mais para o meu palacio, em quanto te mando teus companheiros.

Ulys. Obedecendo te sirvo.

Sis. Não são os Gregos tão feios como eu cuidava.

Vão-se

Vão-se todos, e fica Circe suspensa.

Circ. Que desinquieto cuidado será (oh Deos!) o que este naufrago Grego me custa? S compaixão, ou será affecto?

Arch. Será. *Dent*

Circ. Quem me responde?

Sahe Archia ainda feito porco.

Arch. Será (dizia eu) tempo, Senhora, se quebrar o fedario a este porquihomem:

Circ. Tu és dos companheiros de Ulysses? P segue, que bem te ouço, pois para m he perceptivel a voz de qualquer animal.

Arch. Venho, Senhora, dizer-te, que desejo t nar ao meu antigo albernós de embre lona; pois como sou tosco, não me d bem com vestido de sedas.

Circ. Explica-te mais.

Arch. Digo, que se fora possivel não ser qu sou, quizera ser quem fui.

Circ. Tambem eu me vejo tão outra de m mesma, que a mim me desconheço.

Arch. Ah que tu tornarás a ser quem eras antes, e eu não sei se serei quem de an era; porque receio fazer huma grande jor nada nesta porcatica fórma.

Circ. Que jornada he?

Arch. He, Senhora, hir da Porcalhota p o chão de Estira-corda; do chão de Esti corda para o Mata-porcos; do Mata-por para a Chamusca; da Chamusca, para a C

tel

tellaria; da Cutellaria para a Cerá; e depois disto andar em bocas do mundo, e tomarem-me entre dentes.

Circ. Queres dizer, que receias que te matem?

Arc. Se vai a fallar verdade, o viver porcamente máo he; porém o morrer, ahi torce a porca o rabo.

Circ. Vai descançado, que tu, e os mais companheiros de Ulysses daqui a pouco estareis com elle. *Vai se.*

Arch. Oh vivas como a Fenix, ainda que morras como ella, quando quer renascer. *Vai se.*

SCENA IV.

Sala. Sabem Lidoro, e Astrea.

Lid. QUerida Astrea, ainda não creio que alcanço a gloria de te ver, posto mo certifique a tua presença.

Astr. Por mais que o testemunhem meus olhos, amado Lidoro, ainda duvido se he certa a ventura que logro.

ARIA A DUO.

Lid. Doce bem,

Astr. Amado emprego,

Lid. Que ventura tão gostosa!

Astr. Oh como sou venturosa,

Amb. { Pois ditosa / Pois ditoso } à ver-te chego!

Lid. Esta dita,

Astr. Esta gloria
Lid. Por empreza,
Astr. Por victoria
Lid. Publique amor por espanto.
Ambos. A pezar de todo o encanto. *Vão-se.*

SCENA V.

Sala. Sahe de huma parte Archia, e de outra Iris juntamente.

Iris. AI!
Arch. Ui!
Iris. Ai que medo que tomei!
Arch. Ui, que liberdade que perdi!
Iris. Estou sem vida.
Arch. Estou sem alma.
Iris. Fiquei sem sangue no corpo.
Arch. Fiquei sem lume nos olhos.
Iris. Que medo que me metteo!
Arch. Que setta que me tirou!
Iris. Ainda não estou em mim!
Arch. Menina socegue-se, e diga-me se acaso he da obrigação da Senhora Circe?
Iris. Sim sou.
Arch. Como he bella! Diga-me mais, ainda que mal pergunte, sabe tambem alguma cousa daquelles encantos-zinhos.
Iris. Porque o quer saber?
Arch. Porque depois que a vi, sinto cá por dentro das veias huns formigueiros, cá pelo coração huns sustos, olhe assim a modo de

que

que quero tornar a ser pai de leitões: não me explico bem; sinto cá hir-me inclinando mais ao animal, que ao racional, e assim lhe peço que se me quer converter em algum quadrupe, me faça seu cachorrinho de fralda.

Iris. Não o quero cão de fralda, que não tem mais prestimo que de ladrar; e como Circe partio para a caça por divertir a Ulysses, quero que seja podengo para que me traga alguns coelhos *Vai-se.*

Arch. Para que traga coelhos? Eu os tragarei. Ora eu cuidava que só as mulheres Gregas erão inclinadas ao verbo *do*, *das*. *Vai-se.*

SCENA VI.

Bosque, e estrondo de caça.

Ulyss. VOarás remontada Garça mais ligeira com as penas, que te accrescentar esta seta. *Dentro.*

Sabe Circe.

Circ. Por ver que me vem seguindo Ulysses me retiro a este lugar, mais apartada das que me acompanhão. Oh nunca dos Troyanos incendios escaparás, cruel Ulysses, pois tens introduzido segunda Troya em meu peito. *retira-se.*

Sabe Ulyffes fem ver a Circe.

SONETO.

Os magicos encantos que intentafte,
 Que pouco importa, ó Circe, o ter vencido;
 Se tal belleza vendo, fufpendido,
 Com tão doce veneho me encantafte:
Tambem conheço, ó Juno, que amparafte
 Meu peito, como tinhas promettido;
 Mas que importou então fer foccorrido,
 Se outro maior encanto me deixafte?
Defprezar pódes, Circe, empenho tanto;
 E fe he melhor que a arte a natureza,
 Ceffe da magica o cruel efpanto;
Pelo lindo transforma fem defeza,
 Nem precifas ufares de outro encanto,
 Tendo maior encanto na belleza.

Circ. Que te traz, Ulyffes, tão fufpenfo, que defconfia o meu cuidado fe te acharás pouco fatisfeito da minha hofpedagem?

Ulyf. Antes muito diverfa he a caufa que tão diftrahido me tem; pois he fó o admirar o poderofo effeito de tua formofura, que tão efquecido me traz de mim, que fó de te adorar me lembro.

Circ. Affim o permitta amor. *á parte.* Como conheço que iffo são hyperboles da tua eloquencia, te não reprehendo o arrojo de me fallares com menos refpeito. Que mal reprehende quem o mefmo que reprehende deseja! *á part.*

Ulyf.

Ulyſ. Se queres que mude de eſtilo, ſeja para te agradecer o concederes a meus companheiros a ſua racional liberdade, ainda que me parece que ma tiraſte a mim antes de lha dares a elles.

Circ. E iſſo he mudar de eſtilo, ou mudar para peior?

Ulyſ. Culpa a tua formoſura, que ella cauſa em mim o arrojo de que me criminas; e em ſer a tua belleza tão culpada, venho a ter a maior deſculpa.

Circ. Suſpende a voz que.... Mas para evitar eſſas temeridade, proſigamos a caça. Que mal me esforço! *á-part.*

Faz que ſe vai.

SONETO.

Ulyſ. Attende ó bella Circe. *Circ.* Que procuras?

Ulyſ. Que ſaibas que te adoro. *Circ.* Iſſo he engano;

Ulyſ. Aſſim permitta amor. *Circ.* Oh Deos tyranno! *á part.*

Ulyſ. Que teu deſdem ſe acabe. *Circ.* Oh que loucuras?

Ulyſ. Sempre firme ſerei. *Circ.* Como o aſſeguras?

Ulyſ. Com ſer amante eterno. *Circ.* E's inhumano.

Ulyſ. E meu amor tão fino. *Circ.* He louco inſano.

Ulyſ. *Mil finezas fará.* *Circ.* Não são ſeguras.

Ulyſ.

Ulyſ. Ceſſem já teus rigores. *Circ.* Náo creio;

Ulyſ. De ſer conſtante juro. *Circ.* Será d
á pa

Ulyſ. Nunca me mudarei. *Circ.* Ah que recei

Ulyſ. Rendido me tem já. *Circ.* Gloria in nita.
á pa

Ulyſ. Ai adorado bem! *Circ.* Ai doce enlei
á pa

Ulyſ. Amor me fará teu. *Circ.* Elle o pe mitta.
á pa

Vai-ſe Cir

ARIA.

Ulyſ. Eſpera, ingrata, eſpera,
Que poſto tyranna féra
Tua viſta me maltrata,
Mais o náo te ver me mata.
Suſpende o ligeiro paſſo,
Das almas tyranno laço;
Mas ſe foges, cruel, tanto,
Eu te ſigo com meu pranto. *Vai-*

Sahem Lidoro, e Aſtrea.

Lid. Que eſcaſſa he a ſorte, querida Aſtre nos breves minutos que me concede pa ver-te, quando tão liberal foi nos dilatad ſeculos que me deu de auſencia!

Aſtr. Mais me devo eu queixar de ſua cru dade, pois me negou com a tyrannia do e canto o ſenſivel, para mais tormento me porque o maior que me afflige he o náo amar o tempo que náo ſenti.

Li

Lid. Eu me confessarei ditoso, se não for mudavel o amor que publícas.

Astr. Eterna será minha firmeza. Mas Circe toma a este sitio; e como temo o seu rigor, tanto a meu pezar experimentado, esta noite te fallarei no jardim de Palacio. Vai-te que lá te espero.

Lid. Seculos seráo para mim os minutos que dura o dia. Oh que pouco dura huma gloria! *Vai-se.*

Astr. Oh que breve he o tempo de huma alegria!

Sahe Circe.

Circ. Astrea, de ti confio o maior cuidado de meu peito, que como experimentada me saberás valer. Para esta parte vem Ulysses: eu me retiro em quanto lhe has de dizer, que esta noite lhe queres fallar no meu jardim.

Astr. Senhora, se eu...... a Ulysses......

Circ. Não tens que replicar, porque quero em teu nome dar desafogo a meu coração. *retira-se.*

Astr. Ai de mim! que farei em tanta confusão de penas! pois no jardim me ha de esperar Lidoro.

Sahe Ulysses.

Ulyss. Gyrásol amante das luzes de Circe, mal poderei guiar os passos, não sendo em seu seguimento.

Astr. Ulysses, esta noite vos espero no jardim de *Palacio, que me importa* fallar-vos.

Ulys.

Ulyſ. Não faltarei em ſervir-vos.

Aſtr. Oh permittão os Deoſes que não v

Vai

Ulyſ. Que ſó a Circe não encontre!

Sahe Archia.

Arch. Iſto de caça não entendo, mais
caſſa a eſcota.

Ulyſ. Não a diviſo em todo o boſque.

Arch. Ah Senhor, quero-te pedir hum fav
e he, que vás caçando; mas por eſte
que não mates a nenhum porco.

Ulyſ. Porque o dizes?

Arch. Porque he a melhor gente de quantos
maes ha; e eu quando fui ſeu companh
experimentei nelles a maior amizade, e ar
que podia ſer.

Ulyſ. Deixa loucuras.

Arch. Digo-te, Senhor, a verdade, que os p
cos deſta terra devião de ter boa criaç
porque todos, ſem me conhecerem,
cortejavão grandemente.

Ulyſ. Pois pedirei a Circe que torne a manc
te acompanhallos.

Arch. Não he preciſo; agradeço o cuidac
porém ſe queres orar por mim, ſó lhe
de que faça porca a minha bolça, pois ai
ſempre a couſa mais limpa que tenho vi

Ulyſ Eſtá bem; vamos para Palacio, que
mo nos perdemos na caça, ſupponho
Circe já ſe auſentaria.

Arch. Vai com Jupiter, que eu vou ver

encontro algum final *ex instituto* de vinho venal. Ah Senhor, forte saudade tenho das tavernas da Grecia!

Ulyſ. Ai de mim! Ninguem me falle em Grecia. *Vai-ſe.*

Arch. Ai de mim! Ninguem me falle em tavernas. *Vai ſe.*

SCENA VII.

Sala. Sabe Iris.

Iris. ORa que ſeja poſſivel que ha tantos annos eſtamos aqui peior que Amazonas; (pois nem de anno em anno fallamos a homem algum) e que vindo agora eſte par delles, he como ſe não foſſe! Porque Ulyſſes vai-ſe adjectivando com Circe; os mais que tinhão algum geito, tanto que ſe apanhárão outra vez feitos gente, calcurriárão para o navio, ſem que ficaſſe hum Grego a quem me aggregar: ſó aqui ficou hum Archia, que he muito bom tacão: elle ſim me quer bem, mas como não tem que dar, nada de mim eſpere.

A R I A.

Hum Grego me quer
A' Grecia levar;
Mas ſe eu for por mar
Grega ſeja eu,
Porque eu bem eſcuſo
Ser peixe mulher.

E

E mais ſendo elle
Hum táo boa peſſa,
Embora me deixe:
Por certo que nelle
Ganhava bom peixe.

Sabe Archia.

Arch. Em ditoſa hora, ó Iris, largo as vélas ao meu atrevimento; pois vejo que nas nuvens do teu canto eſtá eſſe arco prometendo bonança ao tímido beixel de meu amor, que tanto receia nevegar o cabo da tua belleza.

Iris. Na verdade táo cativo eſtás de mim?

Arch. E táo cativo que ſe me vieſſem reſgatar, me faria hum renegado de Grecia, ſó por eſtar na maſmorra da tua graça.

Iris. Táo bem te pareço?

Arch. Já que és Iris, por arcos te explico a tua belleza; porque comparo as tuas ſobrancelhas aos arcos da Capella; os teus olhos ao arco do Cégo; o nariz ao arco dos Prégos; a boca ao arco das Mentiras; o peſcoço ao arco do Eſpinho; o corpo ao arco do Garajáo; e toda tu és hum arco da velha; e ſendo toda arco, náo vi couſa mais deſarcada.

Iris. Náo te pareça que menos agradada eſtou de ti; e por praças te retratarei: e aſſim he a tua teſta praça vaſia; os teus olhos praça do Remolares; o nariz praça do Caſtello; a boca praça da Palha; o peſcoço praça do

Pe-

Pelourinho; o corpo praça morta; e sendo tu homem de tantas praças, não vi homem de menos praça. *Vai-se.*

Arch. Parece que lhe não agradou o retrato, se já não he que por ser já noite, não deve apparecer este arco da velha. *Vai-se.*

SCENA VIII.

Jardim como de noite. Sahe Circe.

Circ. QUe pouco descança quem padece os dessasocegos de amor! Ai Ulysses, que tanto contra mim converti o veneno, que em teu damno fabricava!

DECIMA.

Se o Basilisco homicida
Vê no espelho o seu retrato,
Ficando o chrystal intato
A si proprio tira a vida.
Eu assim inadvertida
Dentro em seu peito me vi,
E indo apurar alli
Do maior veneno o effeito,
Ficando livre seu peito,
A mim propria me offendi.

Sahe Ulysses.

Ulyss. Que pouco socega a quem despertão de amor os cuidados! Ai Circe, que por desfazer teus encantos, nelles perdi a vida!

DE-

DECIMA.

Se a Maripofa brilhar
Vê da luz a ardente flamma,
A vida perde na chamma,
Quando a procura apagar.
Assim vendo a Circe obrar
Os venenos que obfervei,
Desfazellos procurei;
Porém como erão tantos,
Hindo a desfazer encantos,
Nos encantos me abrazei.

Fica Ulyffes da parte de Circe, e fabe d outra parte Aftrea.

Aftr. Já Circe a meu parecer anda no jar(Oh permittão os Deofes não encontre Lidoro!

Sabe da outra parte Lidoro, e fica da [de Aftrea.

Lid. Não te pareça obfcura noite, que, a p de tuas fombras, deixarei de gozar os ı xos do aftro que figo.

Circ. Porém fe me não engano, hum vult me apropinqua. Oh queira amor feja Ul)

Aftr. Hum vulto divifo, fupponho Ulyffes ferá.

Circ. Sois Ulyffes?

Ulyf. A obedecer voffos preceitos, bella Aft cuidadofo venho.

Circ. Julgo não duvidareis fer pequeno o

jo de confessar-se vossa quem vos deve a liberdade.

Ulyss. Esta voz he de Circe: fingirei. *á part.* Ainda que no meu peito só assiste Circe, sempre desejei fugir ás censuras de ingrato.

Astr. Sois Ulysses?

Lid. Não sou, ingrata, senão Lidoro.

Astr. Ai de mim, que fui inadvertida!

Lid. Para isto me chamaste, ingrata? Oh castigue amor tanta falsidade.

Astr. Suspende a voz, Lidoro.

Ulyss. Mas que rumor he este?

Circ. Quem dá aqui vozes? Astrea, Nize, Laura.

Sabem as Ninfas com luzes.

Circ. Mas que vejo!

RECITADO.

Circ. Como, atrevidos, intentais assim.....
Ulyss. Eu, Senhora.....
Astr. Se entrei fui.....
Lid. Ai de mim!
Circ. Meu rigor se verá, cruel, tyranno,
Ulyss. O meu erro,
Astr. Rogada.
Lid. Cruel engano!
Circ. Castigar em todos com razão intento,
Ulyss. Desculpe amor
Circ. Tanto atrevimento.

A R I A A 4.

Circ. Se profana o voſſo arrojo
Deſte ſitio o Ceo ſagrado,
Ulyſ. Amante,
Aſtr. Humilde,
Lid. Proſtrado,
Ulyſ. Pedir,
Aſtr. Chorar,
Lid. Sentir,
Circ. Caſtigar,
Todos Será forçoſo,
Circ. Caſtigar } o intento { voſſo
Todos Deſculpar } o intento { noſſo
Circ. Ide-vos já, antes que
O caſtigo em vós comece.
Todos Tal rigor, Senhora, ceſſe,
Lid. Que os crimes,
Aſtr. Que cauza
Ulyſ. Amor,
Circ. Bem merecem } tal rigor.
Todos Não merecem } tal rigor.

Vão-ſe

A

ACTO II.

SCENA I.

Campos. Sahem Circe, e Astrea.

Cir. AInda que segura esteja no firme amor de Ulysses, como á maior ventura persegue a maior emulação, quero aqui retirada ouvir o que os seus companheiros vem fallando.

Astr. Entre este arvoredo nos podemos occultar. *retirão-se.*

Sahem Archia, Arquelão, e os mais companheiros.

Arch. Como digo: tanto me quizera elle a mim, como quer a Circe: tem-lhe hum amor que he huma cousa grande.

Arq. Se he assim, tarde hiremos a Grecia.

Arch. Ainda peior he, que hontem elle, e mais ella.... Mas não importa, não importa.

Circ. Ah traidor! *á part.*

Arq. Cruel desgraça!

Arch. Outra cousa mais péssima; que esta noite os vi eu a ambos no jardim..... Mas nada, nada.

Arq. Fera desdita!

Arch. Que seria se vissem hir eu muito descui-

cuidado, e dar com elles..... Mas a
andar.
Arch. Que tanto valor viva esquecido
e dos seus?
Arch. Tudo isto he nada; mas se sout
perder-me eu em Palacio, e hir dar
pente no quarto de Circe, e..... M:
quero fallar.
Arq. Que vencendo tantos perigos se d
vencer de huma mulher!
Arch. Senhores, estoura hum pelo outro
Circ. Não sei como me reporto! *á*
Arq. Vamos, companheiros, tratar do
dio. *querem*
Arch. Olhem, esperem; elles ambos cad
que lhe parece.... Mas não quero di
Arq. Vamo-nos. *V*
Arch. Elles vão ardendo; e que seria se e
dissesse que tambem vi em huma noi

Sahem Circe, e Astrea.

Circ. O' que traidor?
Arch. Nada, Senhora; porque fazia e
Ai pobre Archia! *á*
Astr. Os Gregos, Senhora, são muito f
justo he que este atrevido pague semel
traição.
Arch. Porque? a Senhora Circe emprest
alguma traição para haver de a pagar?
Circ. Hoje meu castigo será satisfação d
aleivosia.
Arch. Desta vez porco me fecit. *á part.* S

ta, eu nada disse, porque tudo o que disse foi nada; não importa, não quero fallar, não quero dizer.

Circ. Nesse nada dizias muito; e porque outra te não aconteça, sahe ao campo acompanhar as féras. *Vão-se.*

Arch. Rogo-te, Senhora.... mas foi-se: ai de mim, que já se me vai arrepiando a pelle; desta vez me transformo em algum porco espim, ou em algum ouriço cahceiro. *Vai-se.*

Sahem Ulysses, e Astrea.

Ulys. Bellissima Astrea, estimo a occasião de encontrar-vos, tanto pela gloria de vos ver, como por saber o que me ordenaveis no jardim, quando Circe me embaraçou o fallar-vos.

Sahe Lidoro.

Lid. Astrea fallando com Ulysses! Ah crueis zelos! *retirado.* *á part.*

Astr. Só Circe vos poderá dizer o que vós queria.

Lid. Ah cruel, ah falsa, que pouco duravel foi tua firmeza! *á part.*

Ulys. Não vos embarace o dizeres-mo receio algum, pois vede que estamos sós.

Astr. Só Circe vos póde dar resposta, que eu não vos quero nada.

Lid. Ah tyranna até lhe pedes zelos de Circe? *á part.*

Astr. E dai-me licença, que me importa ausentar-me. *Ah Lidoro* quem te vira! *á part.*

Vai Astrea para hir-se, e encontra-se com Lidoro.

Astr. Mas ai de mim! Meu bem.

Lid. Ai de ti que és falsa, e ai de mim q experimento os teus enganos, e os desse cru peregrino, pois me deo huma vida para me d mil mortes!

Ulyss. Suspendei a vossa queixa, pois em na vos offendi.

Lid. Negares o que vi he segunda offensa, assim tirai-me de huma vez a vida, ficare pago da que me déstes, quando fostes cau de que essa féra deixasse os bosques, pa só fazer estragos no meu peito.

Astr. Ai triste, infeliz!

Empunhão as espadas, e sahe Circe.

Circ. Suspendei-vos; que he isto, Astrea?

Astr. Senhora, persumindo Lidoro que eu an a Ulysses.....

Crc. Basta; e adverti Lidoro, que segun vez não perturbeis a quieta hospedagem co que sirvo a Ulysses, porque experimentar o castigo..

Lid. Senhora, saberás que.....

Circ. Não tendes que me dizer, e só vos i porta cuidar no que vos encommendo: vam Ulysses, vem Astrea. *Vão-*

Lid. Que mais generos de tormentos (ai mim!) se pódem inventar contra hum inf liz? Oh Deoses, para que me permittis hu vid

vida sujeita a tantas mortes? Que cobardes que sois, oh desgraças, pois sempre me accommetteis juntas! Mas como estou costumado ao vosso mal, por isso vivo com o vosso veneno. Ah cruel Astrea! és falsa a quem te ama, por amares a hum falso estrangeiro? Mudaste de huma firmeza, para seres firme a quem aprendeo do mar a mudança? Ah tyranna, amor te castigue, já que tanto ao amor offendes.

ARIA.

Falsa, féra, ingrata, cruel,
Em que te offendeo meu peito?
Se em mim vês de amor o effeito,
Que mais quer teu desamor?
Vou-me a queixar de ti
A's aves, penhas, e fontes,
Aos valles, e aos montes
Por tão tyranno rigor. *Vai-se.*

SCENA II.

Sala. Sahem Circe, e Ulysses.

Circ. POr mais que me certifiques as véras do teu amor, nunca me poderás eximir de hum cuidado, que muito me afflige.

Ulys. Grande he o que me causas na demora de mo dizeres.

Circ. Mas temo de que o saibas, porque duvido da tua firmeza.

Ulyss. Tem de meu amôr toda a segurança; que nem todo o poder do fado me poderá fazer mudavel.

Circ. Nessa confiança te manifesto, que o meu temor nasce de que os teus procurem caminhos de me deixares.

Ulyss. Perde o receio, idolatrado bem: como em ti vivo, só morto me poderáõ de ti ausentar.

Circ. Não são bastantes essas promessas a izentar-me de susto.

Ulyss. De que modo, pois, te hei de segurar a minha firmeza? Se algum dia em mim hover mudança, permittão os Deoses....

Arq. Não permittão os Deoses. *Dentro.*

Ulyss. Quem me contradiz?

Sahem Arquelão, e os mais companheiros.

Arq. Não permittão os Deoses, Senhores, que livrando-nos da rigorosa guerra de Troya, do suave golfo das Sereas, do horrido rigor de Polifemo, das iras de Venus, e Neptuno, passando tantos climas, e mares, tormentas, e furiosos ventos; hoje torpemente amortecidos nos tenha o teu descuido, sem esperança de vermos a amada patria. Desperta pois do lethargo em que te vês sepultado, e vem a ser immortal brazão da Fama, e senão permitte-nos licença, que sem a tardança de huma hora havemos largar as vélas ao favoravel vento.

Circ. Quanto temo este conflicto!

Ulyſ. Fieis companheiros, e amigos (ai de mim!) eu vos acompanho. *quer hir-ſe.*
Circ. Náo era iſſo o que pouco ha te ouvi dizer.
Ulyſ. Mas hi-de-vos ſem mim, ou náo vos vades. *vem para Circé.*
Arq. O deixarmos de partir he impoſſivel.
Ulyſ. Vamos: porém como ſem Circe?
Circ. Attende, Ulyſſes, ás finezas que me deves.
Ulyſ. Ide-vos livres, já que amor me prende.
Arq. Lembre-te tua patria, eſpoſa, e fama.
Ulyſ. Eu vos ſigo, leaes amigos. *vai para elles.*
Circ. Já te eſqueces, ingrato, de tantas promeſſas, que a tua fingida firmeza me fazia?
Ulyſ. Razáo tens Circe; largai as vélas, e gozai da doce liberdade... *vem para Circe.*
Arq. Pois fica-te ſem nós. *Vão-ſe.*
Dentr. Viva Grecia, viva Marte.
Ulyſ. Mas eſtas vozes..... Arqueláo eſpera, detente. *vai para elles.*
Circ. Pois queres deixar-me, cruel?
Circ. e *Ninf.* Viva Venus, viva amor.
Arq. Que ordenas? *Sahe.*
Ulyſ. Que vos vades, e publiqueis que mais poderoſos sáo os venenos de Venus, que os antidotos de Juno. *vem para Circe.*
Arq. Pois fica-te com Venus, que Marte nos ſeguirá. *Vai-ſe.*
Dentr. Viva Grecia, viva Marte.
Ulyſ. Eſta voz me arrebata.
Circ. e *Muſic.* Viva Venus, viva amor.
Ulyſ. Eſta me eleva, e ſuſpende.
Dentr. Viva Grecia, viva Marte.

Circ.

Circ. e Music. Viva Venus, viva amor.

SONETO.

Ulyss. Em meu peito abrazado hoje se ence
A mais dura peleija, e cruel contenda;
Marte se esforça para que me renda,
Amor para vencer-me me faz guerra:
Marte traz por escudo a patria terra,
Amor traz por brazão a doce offrenda;
Se procuro que hum de outro me defend
Vejo que amor a Marte em fim desterra:
Entrou no coração amor glorioso,
E em teu nome de Marte defendeo-me,
Fazendo-o, ó Circe, tu mais poderoso:
Marte em fim se ausentou, amor rendeo-m
Sendo em meu coração mais victorioso,
Pois a Marte venci, e amor venceo-me.

Music. Viva Venus, viva amor.

ARIA A DUO.

Ulyss. De amor a doce victoria
Se decante por memoria.
Circ. E dá fama por proeza
Seja a mais egregia empreza.
Ulyss. E a seu poderoso ardor
Ambos. Se siga eterno louvor.
Ulyss. Contra o poder de Marte
Vença amor em toda a parte.
Circ. S. de Marte unico espanto,
Dos corações doce encanto.
Ulyss. Se por timbre,

!. Se por gloria
bos. De tudo alcança victoria. *Vão-se.*

SCENA III.

Campos. Sabe Archia feito mono.

b. ORa a Senhora Circe pregou-ma de maço, e mona! Sem fazer outro ıal algum, que dizer muito mal della, lo-)me pregou este mono; que não podia ser ıior para mim o castigo, que ver-me com abito monacal, e andar com o cabello de ıonete. Oh Baco, que consintas que se che-ıe a ver ludibrio dos cepos. quem foi o aior venerador das cepas! Que o que foi ːmpre tão boa vasilha, se veja hoje tão ıacaco! Porém já me occorre, que Circe ːve de ser do rancho da mangerona, e por ſo me quiz fazer o seu anagrama mona negra.

Sabe Circe.

. S·guro o meu amor na constancia de lysses, vendo que agora goza do brando mno, venho communicar ás flores a minha ·gria.

!. Ai que eila lá vem! Se me ouvio faz-e hum certão de animaes; porém suppo-ıo que algum cuidado a traz divertida; ıero-me queixar, por ver se se compadece · mim. Oh desgraçado mono, que posto ıhas *criado callo* aonde callo, o não tens *da criado na paciencia!* Circ.

Circ. Quem dá aqui vozes?

Arch. Eu, porque não tenho outra couſa que dar.

Circ. De que te queixas?

Arch. De que havendo hum Ciceró, que orou por Archia poeta, não haja hum Cicero que ore por Archia mono.

Circ. He juſto caſtigo da tua lingua.

Arch. Senhora, ſe o confeſſar-me arrependido he baſtante deſculpa da minha culpa, te rogo, que aſſim como já me alimpaſte da porcaria em que me vi, me alegre tambem para que deixe de eſtar ſempre feito hum mono.

Circ. Sim o farei, ſe me reſponderes ao que te perguntar, que ſe pela lingua foſte caſtigado, quero que por ella ſejas abſolvido.

Arch. A tudo o que quizeres me offereço.

Circ. A pergunta he, ſe ha outro encantado maior do que eu?

Arch. Quando *ſic quærit*, reſpondo que ſim ha e eſte he o amor.

Circ. Eſpero pela prova.

Arch. Ainda que nunca o provei, eu me explico o melhor que poſſo, e a approvação ficará da tua parte. He pois Cupido o mai egregio encantador, pois vemos que a cad canto encanta, em quanto o diabo esfreg hum olho; porque elle transforma os zeloſe em tigres, os deſvanecidos em pavões &c que niſto muito o aſſemelhas; porém o ma he que ſe converte a ſi em mais fórmas qu

o

o mesmo Proteo, cousa em que muito te excede, não desfazendo na tua pessoa; porque elle he para os estudantes bicho escolastico; para os cosinheiros bicho da cosinha; para os carpinteiros bicho carpinteiro; sendo para os do mar caranguejo, e para os da terra lagartixa; para os esteireiros mono, *sicut, & nos*, conforme o adagio *pregavit monum criancæ meæ*; he para os velhos caruncho; para os meninos lesma; para os valentes serpe; para os tímidos bico da toca; para os sabios lagarto; para os nescios grão besta; para os admirados bicha de sete cabeças; para os aleijados cobra; para os cegos toupeira; para os corcovados camello; para os poetas camelleão; para os.....

Circ. Não prosigas mais, que bem dizes ser Cupido o mais famoso encantador, como se vê em Ulysses, que vencendo os meus encantos, só os de amor não pôde vencer: vaite, e torna a cobrar a tua primeira fórma.

Arch. Para a cobrar, como cobra vou mudar esta pelle, que tem sido para mim peior que a pelle de todos os diabos. *Vai-se.*

Circ. Cupido, que poderoso he o teu encanto, pois a magica só transforma os corpos, porém tu encantas as almas!

ARIA.

Amor, teu encanto activo
Causa mil transformações,
Deixando nos corações

Só

Só os timbres do adorar:
Quem padece o teu veneno,
Para tudo fica cego,
Não tendo maior emprego,
Que os empenhos do amar. V.

SCENA IV.

Sala. Sabe Ulysses.

Ulyss. A Onde estará Circe? ou para m dizer, aonde estarei eu? po assiste em meu peito, nelle só a devo curar. Porém se não sei de mim, com mim a acharei? E assim tão perdido a que igualmente me procuro a mim, Circe. Mas que portento vem meus o

Apparece Juno em huma nuvem, cantan Musica o seguinte quarteto.

Music. Desperta Ulysses,
Que o mundo te chama
A dares assumpto
Ao clarim da fama.

Jun. Ulysses, rompe os enganosos laços confuso labyrintho, que amor tecido te teu damno; e se amortecido te vês, d ta, que o mundo te está chamando para nos applausos. Não seja huma mulher ra de tanto valor.

V

Vai-se, repetindo a Musica o quarto acima.

Ulys. Dizes bem, ó suprema Deidade de Juno. Mas ai que Circe ausente..... Porém o valor viva, que só merece eternos altares na immortalidade, quem erige troféos ao valor.

Music. Ao amor.

Ulys. Mas quem me contradiz?

Apparece Cupido em huma nuvem, cantando a Musica o seguinte quarteto.

Music. Amor segue Ulysses
Por troféo luzido,
Que he doce victoria
Ser de amor vencido.

Cupid. Segue-me Ulysses por troféo luzido,
Que he doce victoria ser de amor vencido.

Dispara huma setta contra Ulysses, e vai se, repetindo a Musica o quarteto.

Ulys. Suspende a crueldade, ó Deos tyranno, não executes tua ira em hum peito rendido; e se he indigna acção do valor repetir golpes em quem está morto, para que disparas tuas settas, não havendo em meu coração já lugar para novas feridas? Se estou rendido para que te armas contra mim? Se estou prezo, para que accumulas grilhões? E se estou morto para que repetes golpes? Oh *não fulmines iras* contra hum rendido, prezo, e morto.

ARIA.

A R I A.

Se rendido , e já ſem vida ,
Mal reſpiro , e mal alento ,
Porque com rigor violento
Flechas vibras Deos tyranno ?
Ceſſe tanta crueldade ,
Deos Cupido , cruel amor ,
Baſte já tanto rigor. *Va*

Sabe Archia.

Arch. Graças a Jupiter que me torno a em Palacio como gente.

Sabe Iris.

Iris. Aonde eſtiveſte até agora , que tempo ha que te não vejo !

Arch. A culpa teve Circe , que ma fez b

Iris. Pois o que te fez ?

Arch. Fez-me hir daqui ao beco do mon

Iris. Não te entendo.

Arch. Fez-me andar dançando monoetes.

Iris. Ainda te não explicas ?

Arch. Quiz que por todos os caminhos o meu nome monoſillabo.

Iris. Apoſtarei que eſtiveſte feito mona ?

Arch. Advinhaſte ; nem mais nem menos.

Iris. E já o não és ? Oh daſgraçado home

Arch. Pois ſou deſgraçado em não ſer já m

Iris. Sim , porque ſendo mono , e Archia , nhas a ter huma monarquia.

Arch. Ora não me mortifiques mais ; e ſe

ſão arrufos do paſſado retrato, eu me retrato do que diſſe, e te peço queiras hum dia ſer ſó arco da Conſolação para eſte padecente de amor, que pelo grilhão da tua belleza o leva o carraſco do teu rigor a padecer na forca da tua tyrannia.

Iris. Se tu fores para mim arco do ouro, não ſó para ti ſerei arco da Conſolação; porém eſtarás ſempre no arco da minha graça.

Arch. Bem te entendo; mas ſe eu não tenho que dar-te mais que o meu coração?

Iris. Pois vai-te, que eu não ſou melro para me ſuſtentar de corações.

Arch. Pois que queres em fim?

Iris. Queria que foſſes rico como hum porco, já que és feio como hum mono. *Vai-ſe.*

ARIA.

Arch. Se eu ſou feio, carrancudo,
Corcovado, manco, e torto,
Cara de mono, fucinho de porco,
Mais me alegro de aſſim ſer.
Por iſſo eſtou mais contente,
Mais alegre, e ſatisfeito,
Que as mulheres por ſeu geito
Sempre querem o peior. *Vai-ſe.*

Sabe Lidoro.

Lid. Que não encontre a Ulyſſes, para que, ou tirando-lhe a vida me não cauſe tanto tormento, ou dando-me a morte não ſinta tantos rigores!

Sah

Sabe Archia sem o ver Lidoro.

Arch. Para aqui veio Lidoro. Oh cá está. Aqui começo a vingar-me de Astrea ajudante mór dos encantos.

Lid. Oh cruel fado, que até me concedes a vida, porque a aborreço!

Sabe de todo Archia, e anda como procurando.

Arch. Para aqui não a vejo, nem para alli, nem para acolá, nem para cá.

Lid. Que he o que pertendes?

Arch. He cá certa cousa; já mais achei cousa que buscasse!

Lid. A quem procuras?

Arch. Eu a alguem procuro, mas não he a v. m. Tomára que elle me puxasse pela lingoa. *á part.*

Lid. Pois vai-te procurar a quem buscas.

Arch. Sim, Senhor: mas acaso veria por aqui... Mas não. Que seja possivel que nada me pergunte? Máo era para enqueredor. *á part.*

Lid. A ninguem tenho aqui visto.

Arch. Ora vou-me: valha-te a fortuna por Astrea.

Lid. Astrea? Que dizes? Espera, espera. Ai de mim! A quem vens buscando?

Arch. He cá huma pessoa a quem trago hum recadinho de importancia. Com licença. *faz que se vai.*

Lid. Espera, Archia, tu não nomeaste a Astrea? A ella he que procuras?

Arch.

Arch. Parece que pegou a isca? pois vamos chegando-lhe a mécha. *á part.* A ella procuro da parte de Ulysses, e assim não me detenha, que importa muito.

Lid. Detem-te, dize-me (valhão-me os Deoses! *á part.*) que lhe manda dizer Ulysses?

Arch. He certa cousa que importa a ambos, e he de segredo: deixa me hir.

Lid. Muito agradecido te ficaria se me manifestasses esse particular.

Arch. Vá ácerca disso huma historia. Estando eu em Grecia, (que ainda que he região muito larga, he muito estreita a defluxos) deo-me tal esquinencia, que não podia abrir a boca, e estando em tal consternação, que nem huma só palavra podia dar, minha mulher que tinha já experiencia, e conhecimento da minha natureza, metteo-me huma colher de parta na boca, e logo ficou franca, e dasimpedida para tudo.

Lid. Já te entendo.

Arch. Espere, não meta a historia a bulha, que falta applicalla. E assim, Senhor meu, o medo he esquinencia, que não deixa passar a voz da garganta: *Vox faucibus hæsit*, e só a prata, e o ouro he remedio contra a esquinencia do medo. Parece que já me entende?

Lid. Esta cadeia supponho terá a precisa virtude?

Arch. Se não for de latão, sim Senhor, mas ella peza muito bastante.

Lid.

Lid. Relata-me pois, o que manda Ulyss[es] dizer a Astrea.

Arch. Manda-lhe dizer, que no Jardim a esp[era] para gozar dos seus favores.

Lid. Suspende a voz, que com essas pala[vras] me tiraste a vida.

Arch. Pois então supponha que não lhe di[go] nada.

Lid. Vai-te, e deixa-me.

Arch. Como a cadeia está recolhida, e Astr[ea] encravada, obedeço. *á part. e vai s[e].*

Lid. Não te pareça, traidor Grego, que t[ão] seguramente has de gozar os favores de[ssa] ingrata; dem-me os Ceos vigança. *Vai-s[e].*

SCENA V.

Jardim. Sahe Ulysses.

Ulys. MUito tarda Circe em vir hoje [a] este jardim, se he que o amor m[e] não faz parecerem horas os instantes.

Da outra parte Lidoro retirado.

Lid. Cá está este cruel naufrago, a quem [o] mar arrojou de si, por não poder consent[ir] em seus puros chrystaes o veneno de tão fals[o] peito: aqui retirado solicitarei a minha vingança.

Sahe Astrea da parte de Ulysses.

Astr. Aonde estarás, Lidoro querido, que te não encontro, por mais que te procuro.

Lid.

l. Certo he o meu mal; pois já a tyranna Astrea o vem buscando. Oh rigorosa pena!

Ul. Na verdade, bella Astrea, que mais festejáo estas flores a vossa vinda que a da Aurora.

Ar. Que seja táo infeliz, que buscando a Lidoro só encontre sempre Ulysses! *á part.*

Ul. Náo vos merece o meu affecto resposta?

d. Que melhor, que dar ouvidos ás tuas lisonjas. *á part.*

Ar. Ulysses, buscai a quem vos ama, que eu a quem me ama busco.

Ul. Se buscais a quem vos ama, só a mim podeis buscar.

d. Mentes, traidor, que mais amo eu, ainda que menos ditoso. *sabe.*

Ar. Valha-me Jupiter!

Sabe Circe.

Ci. Procurando-te vinha, Ulysses, e estimo achar-te aqui: vem comigo, e tu tambem Astrea.

Ul. Só obedecer-te intento. *Vão-se.*

l. Ah cruel fado, que nunca me concedes lugar para a vingança de hum desesperado peito!

A R I A.

Como vivo, como alento!
Como sem mais embaraços
O coração a pedaços
Náo exhala a minha dor?

Como sem alma respiro
Neste morrer inhumano?
Oh rigor o mais tyranno
De mais tyrannos rigor! Va

SCENA VI.

Bosque. Sahe Arquelão, e os mais companhe

Arq. BEm sabeis, amados companhei e como nos sahio frustrada a fin jornada que propozémos a Ulysses; que certo não havia permittir a nossa leal hirmo-nos sem elle; e pois vemos e pouco effeito resultou do passado inter outro se me offerece propor-vos, que parece mais efficaz.

Hum. Saibamos o que intentas.

Arq Que procuremos occasião de o achar só, e lhe levemos as armas do valoı Achilles, que me parece que vendo-as, soffrerá o seu valor o desprezallas com e quecimento; antes lembrado de seu brio fama, talvez rompa os duros laços de cruel encanto.

Todos Todos te seguiremos.

Arq. Vamós pois a tratar do modo, e da ı lhor occasião de se executar. Porém lá v Archia, elle ajudará melhor o nosso inter

Sahe Archia.

Arch. Muito bem me vinguei de Astrea. I quem está aqui? Ar

Arq. Sejas bem vindo, Archia, que de ti esperamos saber.....

Arch. Se he cousa de Circe, e Ulysses, não me perguntem nada, que estou ameaçado a ser Elefante se fallar.

Arq. Deixa loucuras; e sabe, que nos has de introduzir em palacio; para com as armas de Achilles vencermos o descuido de Ulysses.

Arch. Dessa conta que vossés fazem, não quero ser addição.

Arq. Isto ha de ser, e tu nos has de guiar.

Arch. Eu ser guia? Não me metto em taes contradanças.

Arq. Pois para que não descubras o nosso segredo, hirás prezo ao navio. *pegão nelle.*

Arch. Isso he como quem diz, ou ser Elefante ou hir prezo; mas eu me defenderei assim. Ah que de Circe, ah que de Circe.

Arq. Calla-te, infame, ou morrerás.

Arch. Ah que de Circe, ah que de Circe.

Sahe Circe.

Circ. Quem se queixa aqui?

Arq. Perdidos somos.

Arch. Ah que de Circe.

Circ. Socega-te, e dize de que te queixas, que desejarei ter motivos para a minha vingança.

Arq. Oh que mal fiz em me declarar com elle! *á part.*

Arch. Ah que de.....

Circ. Relata-me o de que te queixas.

Arch. *Infandum Regina jubes renovare dolorem.*

Arq. De hum fio pendem as nossas vidas.
á part.

Arch. Ah que de.....

Circ. Adverti, que se he o que presumo, que não vos hão de valer os contravenenos de Ulysses. Prosegue tu.

Arch. Senhora, bem descuidado de semelhante encontro cheguei a este lugar, aonde esses crueis Archicidas.

Arq. Ai de nós! *á part.*

Arch. Derão comigo, e apenas derão, eis-que derão em dizer, que eu havia hir com elles para Grecia, que estavão de partida; e tanto derão em ateimar, que derão em me começarem a dar; e de sórte me davão, que darião resto de mim, se não viesses a tempo de me valeres; e como não quero com elles dares, nem tomares, deixa-os hir para onde nunca mais dem comigo.

Arq. Melhorou-se o nosso fado. Mais subtil he Archia do que eu cuidava. *á part.*

Arch. Ah que de.....

Circ. Outra cousa imaginava eu que seria; porém como os deséjo ausentes, estimo as noticias que me dás. E vós outros podeis hir-vos, que assim evitareis a mim desgostos, e a vós algum castigo. *Vão-se.*

SCENA VII.

Sala. Sahe Iris.

Iris. QUe tenha este Grego Archia tomado á sua conta quererme bem; quando não lhe bastando ser tão pobre, he de tão máo focinho! E quer que lhe mostre boa cara, disso póde estar livre.

A R I A.

Negra cara hei de mostra,
Se amarella a não tiver,
E boa cara farei
Se muitas caras trouxer.
Quando me trouxer mais cara,
Me ha de achar mais baratinha,
Se Archia tiver carinha,
O meu carinho achará.

Sahe Archia.

Arch. Em ditosa hora venho, minha querida Iris, pois mereço estar na tua lembrança.
Iris. Será para maior esquecimento, em quanto só tiveres essa cara.
Arch. Isso te merece, cruel, o meu amor?
Iris. Quem não dá para os gastos, não pede contas.
Arch Ora deixa de me atormentar.
Iris. Tanto te deixarei, que já me vou.
Faz que se vai.

SO-

SONETO.

Arch. Espera mais hum pouco. *Iris.* Vou-me andando.
Arch. Não te ausentes, tyranna. *Iris.* Vou fugindo.
Arch. Tão feio te pareço? *Iris.* Es muito lindo.
Arch. Attende a meu amor. *Iris.* Estou ninando.
Arch. Suspende a tyrannia. *Iris.* Estou zingando.
Arch. Vê que triste padeço. *Iris.* Estou-me rindo.
Arch. Não sejas tão cruel. *Iris.* Estou frigindo.
Arch. Olha que por ti morro. *Iris.* Estou fornando.
Arch. Amor louco me tem. *Iris.* Ai que doudice!
Arch. Elle cego me faz. *Iris.* Ai que cegueira!
Arch. O juizo me tira. *Iris.* Ai que tolice!
Arch. Movão-te minhas ancias. *Iris.* Forte asneira!
Arch. Meus suspiros escuta. *Iris.* He parvoice.
Arch. Attende a meu chorar. *Iris.* Vai rir á feira. *Vai-se.*

ARIA.

Arch. Ai de mim que se esgueirou!
Cego, e louco me deixou:
Estou cego, estou tolo,
Já me deu volta o miolo.
Subio-me amor á cabeça,
E ma tomou com tal pressa,

Que

Que me deu com a bóla á fola
E' tola me fez a tóla. *Vai-se.*

SCENA VIII.

Gabinete: Apparecerão. Circe, e Ulysses assentados, e as Ninfas.

Ulyſ. PArece, ó bella Circe, que poz o amor toda a sua efficacia, e exhaurio todo o seu poder em me fazer ditoso, pois não póde chegar a mais a minha gloria, nem passar a maior auge a minha ventura.

Circ. Agora creio, querido Ulysses, que ha gloria que possa satisfazer o desejo humano; pois não he possivel desejar, mais bem que o que possuo, nem appetecer mais dita que a que logro.

Musíc. Amor não póde dar mais,
Nem eu mais appetecer,
Que o ser duravel tal gloria,
Que o ser eterno tal bem.

Ulyſ. O que bem o explica o doce de vossa melodia!

Circ. Oh que bem o expressa o sonoro de vosso accento!

Ulyſ. e Musíc. Amor não póde dar mais,
Circ. e Musíc. Nem eu mais appetecer,
Ulyſ. e Musíc. Que o ser duravel tal gloria,
Circ. e Musíc. Que o ser eterno tal bem.
Musíc. Que o ser duravel tal gloria,
Que o ser eterno tal bem.

Ador-

Adormece Ulysses, e levanta-se Circe.

Circ. Suspendei a vossa suave harmonia, que está Ulysses pagando o devido tributo ao descanço; e em quanto o occupa o brando sono, vinde comigo preparar-lhe novos recreios a seu gosto. *Vai se.*

Sahem Arqueláo, Archia, e os mais que trazem o arnez de Achilles.

Arch. Ei-lo ahi está sem tugir, nem mugir.

Arq. Opportuna occasião nos offerece a sorte para apurarmos o resto da nossa esperança. Aqui ponho, Ulysses, a teus pés o forte arnez do valoroso Achilles: permittão os Deoses seja despertador de teu esquecido brio.

Põem Arqueláo o arnez aos pés de Ulysses.

Arq. Vamos, amigos, esperar o effeito desta ultima experiencia. *Vão-se.*

Ulyf. (*em sonhos*) Que me queres, Achilles? Deixa-me pallida sombra, que affligir-me vens desses Elysios campos: eu não desprezo as tuas armas; não me ameaces, que em nada te offendo. *desperta.* Ai de mim! que triste illusão do sono, pois me parecia ver a Achilles queixoso contra mim da ignavia, e frouxidão com que desprezava as suas armas. Mas que vejo! O seu arnez prostrado a meus pés? Isto he mais que assombro; isto não he só illusão! Valha-me Jupiter. Ai Achilles, que bastante razão tens de quei-

queixar-te, vendo a meus pés o grávado arnez de ouro, a quem são pequeno throno as azas da Fama! Oh que rhetorico me reprehende, e que efficaz me persuade! Comtigo pertende a minha resolução defender-me (ai de mim!) dos suaves encantos de Circe.

SONETO.

Chega a meus braços, oh arnez luzido,
Não estejas na terra assim prostrado,
Que se mereces ser tão sublimado,
Como te vejo estar tão abatido! *Levanta-o.*
Perdão te peço, de que entorpecido
Por mim te vejas em tão triste estado;
Se do clarim a Fama tão lembrado,
De hum lethargo de amor tão esquecido.
Vamos pois dar assumpto á egregia Fama,
Vencendo tu de amor a ardente pyra,
Pois só o ouro resiste á forte chamma.
Ausentemo-nos pois, porque se infira,
Que fugindo de amor venci á flamma
Porque só vence a amor quem se retira.
Vai-se.

Sabe Circe.

Circ. Aqui deixei a Ulysses. Como não está aqui? Porém talvez que a procurar-me o ausentasse amor. Oh que mal sofre meu peito este breve tempo, que sem elle estou!

RECITADO.

Aonde estás, doce emprego? Dize aonde
De meus olhos amor cruel te esconde?

Che-

Chega Ulysses, pois sabes que os meu
braços.
Não são duras prizões, sim brandos laços
Vem onde alcances por gloriosa palma
Ancias do coração, suspiros da alma.

A R I A.

Aonde estás, querido amor,
Sem huma alma, que te adora,
Que no pranto iguala a aurora,
E no ardente imita ao Sol?
Este pranto aplacar vem,
Este incendio apagar trata;
Pois com tua vista grata
Pára o pranto, e cessa o ardor.

Mas como não ouves, Ulysses, as minhas vozes? Sem duvida que no Jardim estarás, qual Narciso entre as flores. *Vai-se.*

S C E N A IX.

Bosques com vista de mar. Sahe Ulysses com o arnez vestido, e Archia.

Ulyss. GRaças a Jupiter, que já estamos á vista do escaler, que nos espera.

Arch. E graças a Baco, que já estamos sem ver a Circe, que nos espanta.

Sa-

Sabe Lidoro.

Lid. Até aqui te venho, Ulysses, seguindo, para satisfazer minha vingança, sem que possa facilmente servir-me Circe de embaraço.

Arch. De embararaço nos vem v. m. servir agora.

Ulys. Lidoro, os vossos zelos são injustos, pois eu nunca amei a Astrea, senão a Circe: tanto que agora me vou embarcar por fugir de seu bello encanto. Ah tyrannas lembranças! *á part.*

Lid. Por satisfeito me dera, vendo que te ausentás. Mas como pódes negar que amavas a Astrea, se por esse criado lhe mandaste dizer que te fallasse no Jardim?

Ulys. Isso he falso.

Arch. Ahi entro eu agora. O que eu lhe disse, Senhor Lidoro, foi mentira? Pelo lago Estygio lhe juro que o fiz por me vingar de Astrea, que me accusou a Circe, e juntamente adquirir aquella cadeia, que devia de ser de ouro muito brando; pois já se derreteo toda; e porque vou embarcar, lha não restituo; porém em vindo a frota, eu pagarei a v. m. sem falta.

Ulys. Pertendeis mais alguma cousa?

Arch. Ora acabe, que se perde a maré.

Lid. Sempre fico satisfeito, ainda que me fica o escrupulo de não saber o que vos queria Astrea aquella noite, que vos mandou hir ao Jardim.

Ulys.

Ulyſ Nem o ſei, porque nunca mo diſſe; vede que mais ſatisfação quereis.

Arch. He boa matraca!

Lid. Como do maior cuidado eſtou livre, nã quero de vós mais, que a auſencia que perte deis; porque nem morto vos quero preſen te: ide-vos com Jupiter.

Arch. Ora acabe com iſſo.

Ulyſ. Os Deoſes vos guardem. *Vai-ſe*

Arch. A's ſuas ordens, Senhor Lidoro: Em vindo a frota..... já ſe ſabe que a cadei de v. m.....

Lid. Vai-te louco.

Arch. *Bolaverunt*. *Vai-ſe*

Lid. Mais ſocegado ficaria de meus zelos, ſ não me faltaſſe ſaber a que eſperava Aſtre a Ulyſſes aquella noite no Jardim, que nunc lhe explicou o que era.

Sahem Circe, Aſtrea, e Ninfas.

Circ. Ai Aſtrea, que não ſei o que me pro gnoſtica o coração em não achar a Ulyſſes

Iris Nem do marabuto do Criado appareo fumo, nem raſtro.

Aſtr. Alli eſtá Lidoro: talvez ſaiba delle.

Circ. Dizes bem, Lidoro, viſte a Ulyſſes?

Lid. Pouco ha ſe foi embarcar com ſeus com panheiros.

Circ. Que dizes? Ai de mim! Segui-me todos

Vão-ſe para a parte por onde entrou Ulyſſes, e appnrece da meſma parte huma não.

Dentros

Dentro. Boa viagem, boa viagem.

Torna a sahir Circe, e todos.

Circ. Espera, enganoso Grego, falso Ulysses, que eu me vingarei: essas salgadas ondas se transformem em vorazes chammas, e abrazem a esse ingrato.

Começa o mar a arder.

Arch. Oh Senhores, demos depressa com a bomba, que nos abrazamos. *Dentro.*

Ulys. As flores de Juno me valerão contra teus encantos. *Dentro.*

Deita huma flor da não ao mar, e apaga-se o fogo.

Arch. Ah Senhor, muito nos quer Circe, pois vendo que intentámos fazer viagem, nos queria dar crena ao navio.

Circ. Ai de mim, que como te amparão tantas Deidades, de pouco serve a minha ira! E já que o fado, e os Deoses tanto contra mim se conjurão, tomarei vingança com dar-me morte. E tu, Lidoro, vive feliz com Astrea, que sempre te foi firme, pois se aquella infausta noite chamou a esse ingrato ao Jardim, foi porque eu lho ordenei. Vivei vós, e morra Circe.

Lid. Mil vezes feliz, quem alcança tão ditoso desengano.

Astr. Ditosa eu, pois ficas certo da minha firmeza.

Musie.

Music. Soberano Neptuno,
Circ. Iracundo Boreas,
Music. Brando te mostra,
Circ. Furioso te ostenta,
Music. Em favor de Ulysses,
Circ. Contra o falso Ulysses,
Music. Com quietas ondas,
Circ. Com cruel tormenta.
Music. Benigno Zefiro,
Ampara os nauticos,
Que sem ti miseros
Se viráo naufragos.

FIM.

SEMIRAMIS EM BABYLONIA,

Opera que se representou na Casa do Theatro publico do Bairro alto no anno de 1741.

ARGUMENTO.

Emiramis Rainha dos Assirios em huma batalha que deu aos Bactros, e Medos, libert ao marido prisioneiro ElRei Atalo, e caou a Zomira Princeza dos Bactros, e a asspe Principe dos Medos, amante de Zomi-, a qual vendo a Nino, Principe dos Assyrios, ama, e o rende á sua belleza. Semiramis le a seu esposo Atalo em premio da fineza de livrar lhe permitta o reinar ella hum dia: e o concede, e assim o jurão os Assyrios. Eleda ao Throno, manda logo prender a ElRei esposo com intento de reinar ella toda a vi-: dá liberdade a Idaspe, e a Zomira, e por es manda matar o marido para mais assegur o Throno; o qual por industria de seu fi- Nino he livre de todas as traições, e restiido ao Throno; o que tudo melhor constará contexto da obra.

IN-

INTERLOCUTORES.

Atalo, Rei de Babylonia.
Semiramis, Rainha dos Assyrios, sua mulhe
Nino, Principe seu filho, amante de Z
mira.
Idaspe, Principe dos Medos, amante
Zomira.
Arbace, General dos Assyrios.
Zomira, Princeza dos Bactros.
Faneca, Graciosa sua Criada.
Vesugo, Gracioso Criado de Nino.
Soldados, e Povo.

A Scena se figura em Babylonia.

SCENAS DO I. ACTO.

Campina.
Aposentos Reaes.

SCENAS DO II ACTO.

Praça de Babylonia com frontaria de Palacio Real.
Sala Real.
Jardim com huma fonte com a estatua do Sol.

SCENAS DO III. ACTO.

Parques de Palacio Real.
Carcere.
Galaria correspondente ao Templo do Sol.

ACTO I.

SCENA I.

Campina raza semeada de cadaveres, carros de mato quebrados, tendas de campanha cahidas, Cidade de Babylonia ao longe com o rio Eufrates, e estará em habito guerreiro a Rainha Semiramis com a espada na mão, seguida de Soldados, atraz ElRei Atalo, Zomira, e Idaspe prisioneiros, e Arbace solto.

Semir. HEróes valentes, já he nosso o campo; ao brilhante raio da minha espada se deve a victoria. Não vos dem sustos as inimigas tropas, e as contrarias fileiras. Já dellas meu braço triunfou, já Assyria livre se vê.

Rey. Oh minha esposa, oh gloria minha, e minha libertadora, mais te devo que a vida na liberdade, pois aquella sem esta, pouco ou nada se estima.

Semir. Atalo, Rei, esposo meu, em ti grilhões? De teus pés passaráõ hoje aos desses vencidos.

Rey. Não, Semiramis, não; já que venceo o teu braço, vença tambem o teu peito: menos generoso não faça o teu animo a vingança da minha injuria, que tanto mais te vingas, quanto mais perdoas.

Idasp.

Idasp. Não percas o costume da tua crueldade. Sabe que eu não sou sómente o General dos Bactros; em mim tambem vês d'ElRei dos Medos (que ás tuas mãos rendeo a vida) o unico de sete filhos, que ao teu furor reservou dos Deoses a piedade. Este que falta de acabar, agora o pódes fazer: só com Zomira não sejas cruel, e baste para seu tormento a lembrança do nobre sangue, que ha pouco em seu Pai derramaste.

Zomir. Não, Idaspe, não rogues por mim: piedade não busca quem só a morte deseja: siga a filha o infeliz destino do Pai.

Idasp. Princeza, ainda nos meus pés sustento o pezo dos grilhões: não imagines finjo em mim a piedade, para que execute em ti o martyrio. Teu Pai sim morreo ás minhas mãos, mas da mesma sorte que eu podia acabar ás suas. Os effeitos da guerra dá os a fortuna, e não o valor. Não me glorejo do golpe, antes lamento o estrago. Nestes braços (como amigo) o recebi moribundo. Nelles me disse: já que ficas vencedor, salva-me a filha; seja brazão da tua gloria o favor do seu amparo. Em mim (lhe disse eu) terá o amor de Pai, que em ti lhe roubou a fortuna: será, não minha escrava, mas de meu filho esposa. Pede-me juramento da palavra, dou-lho com a promessa, e espira contente.

Zomir. Se o amor de Zoroastro assim o queria, o meu o não quer. Depois da sua morte não

póde haver para mim allivio, nem
Tu com te mostrares benigno ven
pódes fazer o meu odio menos justo
não menos grande. Tirou-me com a v
o Ceo a vingança: esta só queria. Vê
ó Rei se temo a morte. O meu pen
to te descubro, porque mais te irrite.

Semir. Basta; põem já freio á tua ira.
vem pôr ao furor dos Assyrios guerrei

Rey. Vamos, e seja maior o dia no c
mento do promettido. Quero que se
lem os applausos da victoria, aos desp
de Nino. Hoje esposa te festeja toda a
ria; e já que por ti se vê livre, por
alegre.

Semir. Arbace, a Babylonia manda dar a
do triunfo, e entre tanto a Nino co
Esses prisioneiros no Palacio fiquem, e
nos busca.

Arbac. Irei a obedecer aos vossos precei
dar noticia das vossas glorias

A R I A.

Sem. Se hum espirito elevado
Inda em sexo menos forte
Nunca teme a dura morte
Nem a triunfos espirar.
O meu peito em que se alenta
De Mavorte o furibundo,
Com valor a todo o mundo
Inda espera conquistar.

Zomir. Quanto variou sobre nossas armas a fortuna! Morreo meu Pai, e tu ao matador vences, e prendes: e quando do barbaro Rei, e soberba Rainha entendiamos que tomavamos a justa vingança, reduzindo com ferro, e fogo a lastimoso estrago todo o campo, então nos tira a fortuna outra vez a victoria das mãos, e nos tece os grilhões para os pés.

Masp. As minhas prizões me não lastimão, só as tuas me atormentão. Mas para que he temellas, se eu terei o martyrio, e tu terás esposo?

Zomir. Não me accrescentes a dor; e lembre-te só que te amei. Mas tu, quem me assegura se depois de distante dos meus olhos serás constante, quanto eu serei fiel? Ah que esta triste duvida me fará a escravidão mais penosa!

Masp. Com essa duvida offendes a minha constancia.

ARIA.

Sabe amor, que nem o fado,
 Nem o infausto da ventura
 De adorar tal formosura
 Nunca me hão de apartar.
Firme amante hei de seguir
 Esse assombro de belleza,
 E o exemplo da firmeza
 No meu peito has de achar. *Vão-se.*

SCE-

SCENA II.

Aposentos Reaes. Sabem Nino, e Vesugo.

Nino. CErta he já a victoria.

Vesug. Será; mas eu ainda me não dou por seguro.

Nino. He escusado o temor.

Vesug. Eu sim o escusára, mas elle he o que se mette comigo.

Nino. Ao primeiro, e repentino assalto, que entre as sombras da noite lhe deu o nosso campo, fugírão os Bactros.

Vesug. Isso foi estremunhados com o sono.

Nino. Eu o vi ao romper da alva do alto dessa torre.

Vesug. Tambem eu, ainda que a essas horas estava a roncar.

Nino. Já he vão o temor.

Vesug. Em mim ainda não he vão, porque me apanhou muito em cheio.

Nino. Espalhe-se pela Cidade o alegre aviso e tome a nós a asperança.

Vesug. Queira Baco não venha em seu lugar a caridade.

Nino. Acabe no povo o susto, e socegue a paz no Reino.

Vesug. Sim, Senhor; paz, e mais paz, que isto de guerras não gosto.

Nino. Sempre has de ser cobarde?

Vesug. Olhe V. Alteza, assim será, mas ambos vimos os touros de palanque. Nino.

Nino. O preceito de minha mãi me enclausfrou.

Vesug. E o medo da minha cabeça me prendeo. Mas ahi vem....

Nino. Vê quem he, Vesugo.

Vesug. He o Senhor Arbaça.

Nino. Arbace?

Sahem Arbace, Zomira, Idaspe, e Fanecà.

Arbac. Por mim, ó Principe, fallem hoje estes grandes despojos.

Nino. Como?

Arbac. Venceo, ó Nino, aquella heroica Mãi, que o Ceo vos concedeo: vosso Pai se acha livre: esta he Zomira filha d'ElRei Zoroastro morto na guerra, e este Idaspe filho d'ElRei dos Medos; a sua prizão será esta galaria, em quanto eu torno ao campo. *Vai-se.*

Vesug. E quem será aquelloutra Senhora? Puzlhe os olhos, e não sei que me estão dizendo as tripas.

Nino. Não permittais, Senhora, que a vossa desgraça faça tão cruel impressão no vosso peito: menos grave he a infelicidade, se vos ficou toda a gentileza: socegai o coração, e observai o meu, que vos entrega a piedade, e reserva os suspiros.

Zomir. De ti a piedade? he cousa que não quero. Ainda não comprehendeste aonde chegão os limites da minha pena, e os excessos da minha ira? A meu Pai vejo morto ás mãos do teu: eu lhe desejo a morte, e a ti,

por

por filho seu, tambem a desejo: não faça injusto o meu desejo a tua piedade.

Nino. Com essa narração de teus males os meus não evitas, porque mais os dobras. Eu só choro os teus damnos, porque vingallos não posso. Attende porém, Zomira: de meu Pai o sangue já o não posso render a teus pés, do meu posso fazer sacrifico ás tuas plantas.

Zomir. Hum, e outro desejo espalhar.

Vesug. A rapariga he bem carniceira! *á part.*

Zomir. Mas o teu não busco da tua mão, com o meu proprio braço quero apagar este desejo da minha vingança. Ah coração meu, desarma-te do furor. *á part.*

Vesug. Fóra com a menina! Esta he de hum olho! Façamo-nos na volta; talvez por cá corra o vento mais favoravel.

Chega-se para Faneca.

Nino. Esses são os teus votos, estes os meus; que esperas? Tira-me a espada, satisfaze o teu, e meu desejo nessa vingança. Que te suspende?

Vesug. Está boa offerta! E se lhe dá na cabeça esfuracar-nos a todos? Apello eu por v. m. *para Faneca.*

Fanec. Eu não me assusto com tão pouco.

Vesug. Estará costumada a mais.

Idasp. Oh Zomira, ou lhe tira a vida, ou tira delle os olhos: não he elle merecedor do emprego da tua vista.

Zomir. Só irada o vejo.

Idasp.

las sempre o vês.
Tomára eu a v. m. tambem enfadada
go.
Para que?
Para que esses dous olhos se pespegas-
em cima desta cara.
Teria que ver.
Se não tinha que ver, teria que luzir.
Em que?
Em que se verião saltando entre estas
as de Polifemo esses dous cagalumes
upido.
Que mais tardas, Zomira? Não sei que
spende, quando a vida te entrego.
Ao cruel furor não facía huma victima
taria. E tu não és aquella, que primei-
deves a minha pena? Não me obrigues,
uanto prisioneira me lamento: faze que
ja livre das cadeias, que eu desafoga-
... mas no meu pranto.
Em ti cadeias, Zomira? Esta he a ga-
Real: esta será a tua prizão, e tu a
a.
Ah Nino! Oh Deoses! Deixa-me, e
, que eu mais sinto o meu damno na
ista.
Bellissima Princeza, assim pões a quem
e adora, hum tão cruel preceito? Tal-
não fizesses, se quanto he cruel tu
áras. Mas já te entendo, só para prin-
s a vingar-te me queres despedir.

Canta

Canta Nino a seguinte Aria, e

RECITADO.

Sim, eu já me ausento, eu me retiro,
Bem que afflicto suspiro;
Mas sei que esta alma amante
He por ti obediente, e a ti constante.

ARIA.

Ah tyranna! ah bella ingrata!
Pois o queres, eu me ausento:
Mas attende ao meu tormento,
E ao contínuo suspirar.
Nesta ausencia, e em tal retiro
Obediente por amante
Sempre a teu amor constante
O meu peito acharás. *Vai-*

Zomir. Ai de mim! que grande desasocego sente a alma! *á pa*

Idasp. Não sô o attendes, mas ainda com olhos o segues?

Zomir. Ah que não só com os olhos o sigo, mas tambem com o coração o acompanho. *á pa*

Vesug. Tambem eu não tiro os olhos: mas.

Fanec. Mas que?

Vesug. V. m. desvia-me as sobrancelhas.

Fanec. Não lhe quero disparar os arcos.

Vesug. Não importa, que já cá tenho as settas e mais meta-me a mão no seio, e verá brecha que me abrio. *Idasp*

...n que imaginas, Zomira? que suspeita?
...eu destino; que hei de querer
...a propria ser algoz do sangue

...áo do de Nino.
de Nino tambem.
...ue custosa o proferes!
Crê embora, que o não aborreço,
...as não que a morte lhe não quero.

...asp. Não, que o não creio: disse-te que te amava: aquellas doces palavras de bella, e amada não sei que indicão: eu bem ouvi que das offensas se lembrou o teu coração, mas em vão espera a morte de hum Pai a sua vingança, se na tua mão a deixa. *Vai se.*

Zomir. Agora que estás livre, falla, coração meu. Aonde está o amor de Idaspe! O odio de Nino aonde está? Oh como rendes os teus enfados áquella presença! Muito te agrada, eu o sinto: o vello te desvéla, o fugir-lhe te martyrisa.

ARIA.

Ai de mim triste cuidado
Fluctuando em tanta pena
Quando a sorte te condemna
A hum contínuo suspirar.
Entre o odio, e entre amor
Vive o peito em dura guerra,
E na duvida que encerra
Sempre amor quer triunfar. *Vão-se.*

Vesug.

Vesug. V. m. vai depressa? *detendo a Fanec.*

Fanec. Sim, que vou acompanhando minha Ama.

Vesug. Não necessita disso, que já está bem criada.

Fanec. Eu o sou de v. m.

Vesug. Pois então terei a confiança de mandar o que queria pedir.

Fanec. O que?

Vesug. Que me ouça duas palavrinhas ahi pelo postigo da orelha.

Fanec. Não posso, que sou surda.

Vesug. Pois ajuntarnos-hemos ambos, porque eu sou cego.

Fanec. Pois busque quem o guie.

Vesug. Por isso procuro essa cachorrinha.

Fanec. Não está máo o descanço.

Vesug. Melhor seria, se seus braços servissem de encosto aos meus.

Fanec. Os favores assim se costumão por cá pedir?

Vesug. Não, minha Senhora, mas assim se costumão fazer.

Fanec. Pois advirta.....

Vesug. O que?

Fanec. Que ás mulheres, como eu sou, não se falla dessa sorte.

Vesug. V. m. perdoe; como ainda lhe não sei o geito á lingua, errei a proza; mas se v. m. quizesse.....

Fanec. O que havia de querer!

Vesug. Dar-me duas lições para ficar mestre.

Fanec.

Fanec. Tomára-lhe o desenfado.

Vesug. Pois ha mais que tello. Ora venha hum abraço.

Fanec. Ai não seja louco, que vem gente. *Vai-se.*

Vesug. Qual gente? Eu a estas horas não conheço.....

Sahem Semiramis, e Arbace com bastão.

Semir. Que dizes?

Vesug. He cá huma cousa. Se não aballa tão depressa leva o abraço. *á part.*

Semir. Que buscas aqui?

Vesug. Huma cousa que trazia na mão, e me cahio por entre os dedos.

Arbac. Ratira-te.

Vesug. Sim, Senhor bigodes de sofrego. De boa escapou a moça: mas ella cahirá na ratoeira. *á part. e vai-se.*

Semir. Eu te tenho eleito General; e ainda que outro o pertende, só a ti o entrego. O superior governo das armas em ti terá a sua defeza: o meu voto te fez: não basta? A ti o bastão te entrego.

Arbac. Por mim o não empunho; já Assyria em mim culpa a escuza: eu só o recebo, para que por vós se reja: respeitavel o farei com o vosso mando.

Semir. No teu valor está a minha esperança: eu pedirei ajuda ao teu braço. Bem sei que injusto te parecerá o meu desejo, mas...

Arbac. Eu não devo imaginar quál seja o in-

tento, só me pertence executar a ordem: o vosso gosto será a minha obediencia. *Vai-se.*

Semir. Oh meu amado Menon, que foste o primeiro, e só posso dizer o meu esposo! Eu te vejo, eu te sinto, ainda depois de tantos annos que Atalo te tirou de meus braços com a vida para me pôr nos seus como consorte. Ah justa vingança! Não me atormentes mais, sombra adorada; eu o aborreço por ti, e o aborrecerei: mas deixa-me fingir amor, em quanto....

Sabe ElRei.

Rey. Por ti, bella Semiramis, se vê alegre toda a Assyria; vem a gozar dos teus triunfos, bella esposa.

Semir. Em esse nome estão fundados todos os meus triunfos.

Rey. Estes louvores são devidos á tua gentileza, e á tua valentia: vem a empregar os olhos nos troféos desse invencivel braço.

Semir. Não; aqui fica, e comigo te senta; porque quero socegar com a tua vista o meu coração. (*assentão-se.*) Ainda não sinto segura a alegria em o teu livramento; porque ainda trago impressos em meus pensamentos os teus grilhões. Já estás livre, amado esposo meu. Ainda o não creio.

Rey. Oh doces palavras! oh agradaveis vistas! Livre estou; mas ao teu valor o devo: assim o contempla a minha liberdade, para que mais se glorie a tua victoria.

Semir.

Semir. O meu triunfo he só o teu gosto, mas não te nego que se augmenta a minha gloria, em ver que te livrou a minha espada. Perdoa á minha soberba em tanta gloria.

Rey. Com chamar-lhe soberbo não desdouras o teu affecto. Vem ao teu triunfo, esposa, vem para o meu solio.

Semir. Ao teu solio eu?

Rey. Sim, comigo has de reinar.

Semir. Eu reinar comtigo? Oh Deoses! Já chegou a hora da minha vingança. *á part.* O premio he maior que o merecimento: ao solio só se eleva a minha attenção, e não o meu pensamento: mas só quero, meu Rei, que quando nelle te assentares, eu aos teus pés esteja.

Rey. Não, ao meu lado has de estar.

Semir. Quanto he grande o teu coração! Mas.....

Rey. Não te opponhas ao meu gosto: generoso te offereço, e te fallo amante: tudo deve o meu amor á tua valentia.

Semir. Estou vencida; já não quero recuzar huma honra amante, que mais a ti me entrega: só em fazella menos grande, farei mais justa a tua mercê. Eu diminuo o teu poder, acceitando o teu favor: dividido em nós o mando, será menor em ambos o imperio. Teu seja o superior, e seja sempre; mas porque queres que eu reine igualmente; faça-se o teu gosto, mas o teu poder se salve. Hum dia só quero mandar sobre o teu

thro-

throno como Senhora absoluta: se assim mo concedes, assim o acceito, e se mais me queres conceder, obrigas-me a não acceitar. *levantando se.*

Rey. Attende. Teu louvor será, não culpa minha, o ser tão pouco: digno he o teu merecimento de maior premio. Não queres mais reinar que hum só dia? pois seja hoje: vem esposa, vem ao teu solio, e ao teu mando.

Semir. Já me verei vingada. *á part.*

A R I A.

Rey. Vem esposa muito amada
Rege, manda, e tudo impera,
Que eu amante já quizera
Todo o mundo a ti prostrar.
Se em meu peito já dominas,
Pouco faço em dar-te hum reino;
Que essas prendas peregrinas
Mais merecem alcançar. *Vão-se.*

Sahem Nino, e Arbàce.

Nino. Arbace, ah fero Arbace! tu tiraste a esta innocente alma o seu descanço, e a sua paz.

Arbac. Que afrontas, ó Principe, são estas? De que delicto de mim ignorado me vejo réo? Quando mensageiro de huma victoria a ti venho, e te entrego os mais excellentes despojos, então me reprehendes?

Nino. Nestes despojos me roubaste o meu socego. Zomira. . . . .

Arbac.

Arbac. Já te entendo; a vista da tua prisioneira, e da tua inimiga te ferio o coração.

Nino. Este suspirar to diga: sim, Arbace, aquelle primeiro instante que vi dos seus olhos as luzes (oh que deliciosa lembrança!) perdi dos meus o socego.

Sabe Faneca ao bastidor.

Fanec. Que fará minha Ama? Mas aqui está o Principe.

Arbac. E que esperas do favor de Zomira, que tem jurado de te tirar a vida, e a de teu Pai? Deixa, deixa.....

Nino. Arbace, se me queres aconselhar, que não ame a Zomira, he vão o conselho: deixa-me, deixa-me só com os meus pensamentos, que ao menos nelles serei feliz, quando em me não favorecer seja desgraçado.

Arbac. Prompto te obedeço, e só te lembro, que o odio em mulher ou dura pouco, ou não se extingue. *Vai-se.*

Sabe Vesugo ao bastidor.

Vesug. Se andará por aqui..... Mas não anda que está parada.

Nino. Despreza-me embora, minha amada Zomira, e ajunta aos teus desprezos os desdens. *Vai-se.*

Sabe Faneca.

Fanec. Ai como me cheira a nascerem alegres azes de duras guerras! O Principe Nino confessa que morre por Zomira, e minha

Ama já lhe náo vive desinclinada; parece-me que teremos, em vez de socos de Marte, sopinhas de Hymenêo.

Sabe Vesugo.

Vesug. Visto isso tambem poderei ter quinháo na vaca?

Fanec. Que sempre este maldito me apareça a estas horas!

Vesug. Eu nunca falto a horas de comer.

Fanec. Diz bem, que he peior que sarna.

Vesug. E tu és peior que tinha, pois náo te posso pegar, nem por hum cabello.

Fanec. Vossé por ser diabo he que me parece hum tinhoso.

Vesug. Olha: eu isto de tinha sim a tinha algum dia, mas agora já náo tenho o que tinha.

Fanec. Pois se não tem já, não o quero.

Vesug. Porque razáo?

Fanec. Porque só quem dá he bom para amante; vossé como já náo tem, náo póde dar; porque ninguem póde dar o que náo serve para amante.

Vesug. A rapariga he sofistica em fórma! Pois adverte, que ainda que náo tenha, sempre te posso dar; porque náo dá quem tem, senão quem quer bem.

Fanec. Comece já a fazer a experiencia, para que eu dê melhor credito ás suas palavras.

Vesug. Eu o que tenho aqui mais á máo sáo os meus braços: aqui os tens á tua ordem.

Fanec.

Fanec. Retire-se, que eu não os quero.

Vesug. Pois que mais queres de quem está perdido?

Fanec. O que? Nada, cousa nenhuma.

Vesug. E até para maior desgraça me roubárão hum coração que eu tinha, a quem queria muito.

Fanec. Pois busque-o lá em quem lho roubou.

A R I A A D U O.

Vesug. Dá-me, ingrata, o coração
Pois, tyranna, mo roubaste.
Fanec. Eu supponho te enganaste,
Que eu não sou quem to furtou.
Vesug. Esse dengue mo roubou.
Fanec. Tal não ha.
Vesug. Por vida minha.
Fanec. Oh aleivoso!
Vesug. Oh cachorrinha!
Fanec. Tal não digas } não ha tal.
Vesug. Eu não minto }
Vesug. Eu to dou de boa-mente,
Mas não sejas tão ingrata.
Fanec. Tal comigo não se trata,
Ambos. Que eu não sou para enganar.

Vão-se.

ACTO II.

SCENA I.

Praça de Babylonia com vista de Palacio Real. Arcos triunfaes erigidos em honra de Semiramis com throno magestoso para a coroação da mesma. Povo, Soldados com bandeiras brancas. El Rei Atalo sobre o throno, Semiramis ao lado direito, Nino ao esquerdo, em degráos mais baixos. Arbace, e os Grandes do Reino em pé junto ao throno.

Rey. VAssallos, eis-aqui' o vosso Rei livre já dos seus contrarios: sujeitos aos grilhões se viáo meus pés. Vede: (*mostra a cadêa*) esta era a minha desgraça, e peior seria a vossa, vendo abrazar ás violencias do inimigo fogo todo o Reino. O invencivel braço de Semiramis reclamou a victoria. Esta he a grande triunfadora, (*para Semiram.*) esta a nossa fortuna, e a nossa gloria: livres, a desempenho do seu valor, vos acclamais. A não ser o seu braço, lamentarias, ó infeliz Cidade, o teu estrago, em mares de pranto, e em diluvios de sangue: applaude a quem te salva, e hoje festiva repete, que Semiramis viva.

Todos.

Todos. Viva, viva.

Rey. Só com alegres vozes o beneficio se não paga. Neste dia, por ser de gloria para ella, e para nós de liberdade, Semiramis reine sobre o meu throno, que com o Sceptro defendo: no dia do seu triunfo tenha absoluto imperio: mande, e governe como Senhora. Este, ó Principe, he o meu voto.
Do nosso cativeiro hoje nos priva,
Hoje reine absoluta, e sempre viva.

Todos. Reine, e viva, viva.

Rey. Tu serás a nossa Rainha; todos o approvão, e obedecer-te jurão aos altos Deoses. Zomira, e Idaspe venhão; e para fazer mais alegre hum tão grande dia, se conceda a paz aos Bactrianos. Nino se despose com Zomira, e venha a taça nupcial.

Chega hum Criado com huma taça, que dará a Semiramis a seu tempo.

Semir. Já que te agrada que eu reine, e mande em este dia, deixa, que da minha mão venha nessa taça a paz de Hymenêo.

toma a taça.

Sabem Idaspe, e Zomira.

Rey. O teu gosto se cumpra, Principe: qual seja o vosso destino ouvireis de Semiramis: hoje empunha o Sceptro, e o diadema cinge: eu já não sou vosso Rei.

Dese

Desce ElRei do Throno, e coroa a Semiramis, a qual se assenta no lugar aonde elle estava, e canta-se o seguinte.

CORO.

Ao Throno, ao Throno
A nossa triunfante:
A nossa reinante
Ao Throno, ao Throno.

Semir. Atalo, dizei-me quem em Assyria hoje reina?

Rey. Tu reinas, tu mandas: o nosso destino está no teu imperio.

Semir. Já que eu mando, toda a pompa triunfal se deite a terra: ao povo se espalhe ouro, e prata, para que aos humildes chegue tambem a liberalidade: os despojos inimigos se dividáo entre os Soldados, e aos mais assignalados esmaltem o peito preciosas joyas de finas pedras: levantem-se muito mais soberbos, e mais elevados os muros de Babylonia, para que o inimigo assalto náo tire aos Cidadáos o seu descanço: seja minha pompa mais falicidade alheia, que propria.

Rey. Oh grande mulher!

Nino. Oh grande Mái!

Todos. Oh grande Rainha!

Semir. Chega, Zomira: na minha máo está a taça nupcial; esposa de Nino te quer Atalo.

Idasp.

ſp. Zomirá, lembre-te que ſeu Pai ao teu
ıatou.

ıir. A ſombra paterna ſei que ainda ver-te
ıngue das feridas, e ainda não acho vingan-
a das offenſas.

. Primeiro ſe conceda a paz, e depois do
[ymenêo ſe trate.

ir. Paz, e Hymenêo te agrada? Pois a
ça ao chão, e as bandeiras á terra. Eſte
: o Hymenêo, e eſta he a paz.

'a com a taça ao chão, abatem os Soldados
; bandeiras, e deſce do Throno Semiramis.

. Oh feroz mulher!

o. Oh cruel Mái!

ir. Arbace, Atalo ſe prenda.

A mim, Semiramis? Ao teu Rei? Ao teu
ſpoſo?

ir. A tua Rainha ſou eu, e prezo te
ıero.

Sonho eu, ou tu deliras?

'r. General, obedece. *a Arbac.*

E tu és tão atrevido com o teu Rei?

ıc. O meu Rei he aquella: a execução, e
fé hoje ſó devo guardar a quem o Sceptro
jo reger.

Aſſyrios, eu ſou o voſſo Rei.

r. A voſſa Rainha ſou eu; vós aſſim o
'aſtes aos Deoſes.

Tu os deves reſpeitar em mim; vê que
ſemblante moſtro ainda fóra do ſolio dos
ıs Deoſes os ſoberanos raios: vê-me, e
treme

treme de mim: ainda que sujeito ao solio os Deoses me fizerão teu Rei, e Rainha eu só te fiz. Cruel com elles, e comigo hoje, te vejo, teme o seu, e meu enfado.

Semir. A' manhã o temerei, hoje reino.

Rey. He esta a Assyria? He esta a minha Rainha? Não, vós não sois Assyrios; entre vós não estou, estou entre os Bactros á sombra de Zoroastro, que hoje matei, este he o que rege o meu solio. *Vai-se com Arbace.*

Semir. Tudo ao meu mando se obre. Hum dia não he breve para quem sabe mandar. Guardas, a Zomira, e Idaspe nos seus quartos reservai. Nino, será tua esposa outra formosura; os Soldados estejão sobre as armas. Grandes, vós me segui, e seja a vossa obediencia o meu preceito. Eu reino este dia, vós me fazeis vossa Rainha: o juramento está dado, o destino de Assyria hoje está em mim, que hoje governo.

A R I A.

Hoje tudo a meu preceito
Se sujeite humildemente,
Quando em ira o peito ardente
Tanto exhala o seu furor.
Se até agora a chamma occulta
Se enclaustrou dentro no peito,
Mostre agora o seu effeito
Respirando o forte ardor. *Vai-se*

Se.

Sahe Vesúgo.

Vesug. Que alvoroço he este? huns para aqui, outros para alli? Não sabem que as mulheres são vingativas: fez muito bem a Senhora Semiramis. ElRei Atalo matou-lhe o seu marido, e depois emnoivou-se com ella, e ella agora parece que quer emnoivar-se com outro. Se eu fosse mulher havia fazer peior, já que elle foi tolo, que lhe vai entregar o governo a huma desgovernada. Mas ahi vem a Senhora Faneca, que já lhe pesquei o vulto, e lhe fisguei o nome: só o abraço não posso ver na rede. Mas aqui me escondo traz de deste arco, para ver se acho modo de a metter na dança. *esconde-se.*

Sahe Faneca.

Fanec. Eu venho tonta; não posso achar a minha Ama; o Principe Idaspe não apparece; a Rainha está huma polvora, e entendo que tudo parará em fogo. Em negra hora vim acompanhar a Princeza á guerra.

Vesug. Eu saio pé ante pé a ver se posso fisgar o abraço. *vai sahindo.*

Fanec. Mas quem está aqui?

Vesug. Valha-te hum dardo, que logo pescaste este desgraçado Vesugo, que no mar de amor se vai alentando com a isca do teu desdem.

Fanec. Nunca na rede do meu affecto ha de cahir esse Vesugo.

Vesug. Calla-te, que ainda te ha de escapar pela malha algum favor.

Fanec.

Fanec. Não se cance que de mim não ha de ver boia.

Vesug. Minha adorada Faneca,
Suspende a tua aspereza,
Quando no mar da firmeza
Por ti corro séca, e méca:
Valha-te menina, a bréca,
Já que assim de mim não gostas:
Dize, por que me desgostas
Com tão continuo rigor?
Pois, ou me faze hum favor,
Ou me deixa aqui em postas.

Fanec. Em postas merecia vossé feito: mas deixemo-nos disso, diga-me: sabe aonde está minha Ama?

Vesug. De Amas não sei, da Criada bem posso fallar quando estou tão cativo desses olhos.

Fanec. Deixe-se de comprimentos, que lhos não estimo.

Vesug. Ah tyranna, que assim me queres pôr á corta!

Fanec. Não estou para detenças; se me não dá noticias de minha Ama, vou buscar quem mas dê.

Vesug. Porque, receas ficar desaccomodada?

Fanec. Não o receio, mas sempre me asseguro; e assim por aqui me sirvo. *Vai-se.*

Vesug. Escuta, espera, ó Faneca ingrata. Ora com bem lhe amanheça, logrou-me no melhor tempo da nossa pratica; calla-te que eu te

te andarei pelos alcances. Ora vamo-nos tambem por esta parte, que todos os rios vão dar ao mar. *Vai-se.*

SCENA II.

Sala Real. Sahem Semiramis, e Idaspe metendo a espada na cinta.

Semir. JA' concedi aos Bactros as pazes, e a vós a liberdade. Essa he a vossa espada, cingi-a ao lado, Principe.

Idasp. Senhora, huma mercê tão grande....

Semir. Não tendes que me agradecer; conveniencia minha he essa davida. Attendei, eu subi ao Throno, e delle não quero baixar: quereráõ os Assyrios que eu delle á manhá desça, mas vós nelle me haveis de sustentar; fazei que eu delle não seja expulsa. Vede agora se he conveniencia minha a vossa espada.

Idasp. E minha a gloria, que terei de servir-vos: eu farei que se ajunte o meu campo, e ao vosso mando o terei prompto.

Semir. Semiramis vos será agradecida.

Idasp. A hum Principe fallais, que só obedecer-vos deseja.

Semir. Tudo alcanço, e agradeço: a Zomira eu sei que amais.

Idasp. Tambem sei que a ama Nino: sua será, pois lha quer dar Atalo.

Semir. Se Atalo torna a reinar, não a espereis; mas se eu fico reinando, será vossa: ella

por

por mim vos falla e vos diz: Idaſpe, amádo bem, nem ſempre féra Eu comtigo ſerei, deſcança, eſpera.

ARIA.

Idaſp. Oh meu peito ſempre amante,
Neſta empreża toma alento;
Diminue o teu tormento,
Pois te deves alentar.
Se até agora entre receios
Sempre andavas ſuſpirando,
Bem pódes hir-te alentando
Neſſa gloria de eſperar. *Vai-ſe.*

Sabe Nino.

Nino. Livre eſtá Idaſpe?
Semir. Sim, Nino.
Nino. E meu Pai?
Semir. Ainda eſtá prezo.
Nino. Ai de mim!
Semir. Que temes?
Nino. Juſto he o temor: ingrato vos ſerá Idaſpe: contra vós deſpirá a eſpada; e quando ſeja hum traidor, e hum aleivoſo, terá a deſculpa no voſſo exemplo.
Semir. A quem fallas?
Nino. A huma Mãi.
Semir. E a huma Rainha tambem.
Nino. Sim; mas fallo por hum Pai, e por vós meſma fallo: reſoluto me faz a ſua deſgraça, e a voſſa gloria.
Semir. Sim; queres livre a teu Pai? Elle o ſerá:

ferá : mas ceda-me para fempre o Reino, e depois tenha a liberdade.

Nino. Toda a fua efperança deve fer a liberdade; mas com tanto pezo iffo he delicto....

Semir. Calla-te : com fazeres que eu o advirta, já o não pódes fazer que o não commetta.

Nino. Senhora, affim correfpondeis ao amor de hum marido, e.....

Semir. Eu fei as razões que tenho : em me conceder dominio hum dia, me deu força para defejallo em todos. Atalo aqui vem logo, eu quero-te ouvir falla com elle, fem que elle me veja; fazer que elle confinta com a minha vontade : o Throno já mo não póde tirar; elle mo deu, e tirarmo não deve: eterna prizão o efpera, fe elle não cede : deixa que elle falle claramente, e não faças movimento, que eu dalli te efcuto, e vejo; e dos teus avifos elle he que ha de pagar a pena; e primeiro que elle fuba ao Throno, lhe hei de tirar a vida.

Põem-fe Semiramis ao baftidor, e fahe ElRei folto.

Rey. Já, ó filho, me vejo em liberdade. Que furor accommette a Rainha? Eu te confeffo que peior forte efperava do feu delirio. Mas affim recebes tão trifte a hum Pai, a hum Rei?

Nino. Pai, que fó efte nome vos poffo dar, que effe de Rei já o ignoro.

Rey. He porque hoje não mando? Por ventu-

ra

ra eu não sou Senhor? E não tornarei brevemente a reinar?
Nino. Pai.....
Rey. Falla, que me queres dizer?
Nino. Assim fallo por vós..... quer a Rainha:....
Rey. Continúa, não confundas humas palavras com outras.
Nino. Quer a Rainha, que hoje lhe cedaes para sempre o Imperio, ou que para sempre sejais prisioneiro.
Rey. Detem-te; aonde achaste essa lei tão cruel?
Nino. Ella me ordenou que assim vos fallasse.
Rey. E tu o podeste proferir? Ah barbara mulher!
Nino. Calai-vos, Senhor.
Rey. Ainda me dizes que me calle? Alegrão-te as suas crueldades? Della serás tu filho, porém meu já não. Queres ver a ella Rainha, e a mim vassallo, feito rizo do povo, e fabula do mundo? Não te faria envergonhar hum Pai tão vil? Ah mulher ingrata!
Nino. Ah Pai, e Senhor.
Rey. Não profiras hum nome, que augmenta o teu delicto, e o meu enfado; tu não queres que eu seja teu Rei, e eu não quero ser teu Pai.
Nino. Oh Deoses!
Rey. Mas serei Rei a teu pezar: eu me verei depressa sobre o mal concedido Throno: ao

rigor

rigor do ferro, e á violencia do veneno cahirá delle essa ingrata, essa falsa, essa tyranna.....

Nino. Escutai, escutai, Senhor.

Semir. Já me inteirei do seu designio. *Vai-se.*

Rey. Que queres que escute? O contrato da minha liberdade? Entregei primeiro a vida que o Reino: assim responderás a essa de quem és filho, e torna depois com os grilhões a seres tu mesmo quem mos lance aos pés.

Nino. Pai, e Senhor, justa he a vossá pena: desafogue-se, e seja em mim: já vos escuto gostoso, porque já vos escuto só.

Rey. Não te entendo.

Nino. A Rainha tudo escutava; nem com hum aceno vos podia dar aviso, porque era o vosso perigo o meu sinal: já se ausentou: fallai, castigai-me, mas primeiro me chamai vosso filho.

Rey. Oh amado filho! Oh mulher ingrata! Tens Nino de mim compaixão?

Nino. Assim tivera caminho de vos entregar o Sceptro: grandes, e pequenos tudo a Rainha tem em seu favor: a dinheiro os comprou; eu não sei o modo.

Rey. Eu o sei, porque a minha pena me deu industria: Está prompto o veneno, cedo o beberá. Tem por costume hir todos os dias ao jardim a beber daquella fonte chamada do sol; nessa agoa levará o veneno.

Nino. Ai de mim, amada Mãi!

Rey. Mái chamas a quem Reino, e liberdade me quer tirar? Adverte o teu perigo no meu estrago: para reinar me ha de tirar primeiro a vida, e depois a tua: este perigo te faça guardar segredo: se fallas, me perdes, e por ultimo te beijo, e te abraço. *abração-se.*

Nino. Oh Deoses!

Sahe Arbace.

Arbac. Atalo, vinde outra vez á vossa prizão: eu sou o executor do preceito.

Rey. Pois cumpre-o.

Arbac. Assim o devo fazer: a Rainha vos espera no Jardim, para lá foi com Zomira.

para Nino.

Rey. Nino, se te callas, reino; e se fallas, morro; salva-te entre nós.

Nino. E que tyranno lance he este meu entre vós! *Vai-se.*

Rey. Hoje serves a Rainha?

Arbac. Vós sómente sois o meu Rei.

Rey. Ajuntas a zombaria ao atrevimento?

Arbac. Não me faças réo dessa culpa: he força, e não vontade: o cargo que a Rainha me entregou neste bastão, a vossos pés o ponho.

Rey. Não, Arbace, obedece a quem reina.

Arbac. Vós não me credes? Mostrarei com a minha morte a minha fidelidade.

vai a ferir se.

Rey. Tanto não quero: faze que torne o teu Rei ao Throno; que a culpa já te perdo-o. *Vai-se.*

SCE-

SCENA III.

Jardim com huma fonte no meio com a estatua do Sol. Sabe Vesugo.

Vesug. ATraz de pescar Faneca, huma onda se me vai, e outra se me vem: ella para por aqui entrou, mas eu aqui a não vejo: por esta rua não, por aquella menos; ella cá pela outra: ahi vem por entre roseiras aquella papoula da India, cercada de malmequeres: tomara-me esconder, para ver se a posso pilhar, que sem fruto não ha pilhar hum abraço: atraz desta mesma fonte me occulto.

Esconde-se atraz da fonte, e sabe Faneca.

Fanec. Divertida no Jardim me apartei da Princeza. Que diliciosa estancia! E mais que deliciosa aquella fonte, que a beber me convida!

Vesug. Ai, que com essa bebedura me cresce a agoa na boca.

Fanec. Se será esta a fonte do Sol!

Vesug. Não, he a da Lua, porque tem enchentes. *á part.*

Fanec. Peza-me não trazer porque beba.

Vesug. Se o meu copo não estivera sujo, tinha boa occasião do offerecimento.

Fanec. Que bonita figura!

Vesug. He bonito como hum sol.

Fanec. Ora já que não trago copo, beberei na bica.

Vesug. Anda que aqui tens a do çapato, porque já lhe metti hum pé dentro.

Fanec. A ella me chego. Mas quem está aqui atraz?

Vesug. Sou eu, que me estou aquentando ao sol. A maldita nunca lhe escapo. *á part.*

Fanec. Olhem o cara do demo!

Vesug. Pois querias que fosse bonita servindo em hum chafariz?

Fanec. Calle-se, que estou danada.

Vesug. Isso vi eu logo, quando vieste ás ondas.

Fanec. O maldito que me fez fugir a vontade de beber.

Vesug. Tambem tu me fizeste escapar a occasião de te pilhar hum abraço.

Fanec. E ainda não tem vergonha de o dizer?

Vesug. Nem de to dar aqui já, e logo.

Vai Vesugo para dar-lhe hum abraço, ella o empurra, e o deita dentro na fonte.

Fanec. Desta sorte se castigão atrevidos.

Vesug. Oh mulher de huma figa, já queres que eu corra os banhos?

Fanec. Peza-me a mim..... Mas ahi vem gente; não quero que me vejão. *Vai-se.*

Vesug. Quem me dá a mão, que me afogo.

Sabe Nino.

Nino. Que fazes, louco?

Vesug.

Vesug. Achei boa esta maré, e não a quiz perder. *sabe.*

Nino. Retira-te, que vem a Princeza.

Vesug. Sim, Senhor, que nem estou capáz de apparecer. *Vai-se.*

Sabe Zomira.

Nino. Princeza?

Zomir. Enfado, volta ao meu coração. *á part.*

Nino. Hoje vos torno a ver com mais alegria, pois vos vejo na liberdade.

Zomir. Se me vedes livre, a vosso Pai o não devo; e se o devesse, me daria pena, por lhe não ser ingrata não vir a ser sua inimiga: agora o sou, e o serei, sem me mostrar injusta.

Nino. Não bastará a applacar essa ira todo o meu amor, Zomira? Eu contra vós não tomei as armas, não despojei a vosso Pai da vida: eu vos amo com aquella fé, que se deve a esse reflexo do sol que em vós brilha; e assim mitigue o meu amor o vosso odio.

Zomir. Ah como sinto palpitar-me o coração! *á part.*

Nino. Se vós quereis, eu apagarei esse incendio com hum diluvio de sangue: verei morrer meu Pai ás vossas mãos, e depois eu pelas minhas farei que caia morto a vossos pés.

A R I A.

Se o rigor dá tyrannia
Só com sangue se mitiga,
Em meu peito o ferro abriga,
Satisfaze o teu rigor.
E se basta a minha vida,
A teus pés hoje rendia
Ta dedica o mesmo amor. *Vai-se.*

Sabe Idaspe.

Zomir. Que he isto, coração? Com a presença daquelle semblante morre o teu enfado?

Idasp. Já começou Zomira a vossa vingança; eu darei fim á obra: hum grande esquadrão tenho prompto ao meu mando.

Zomir. Já alcancei tudo da Rainha: gloria nossa he ver pedir o vencedor soccorro ao vencido.

Idasp. O soccorro do vencido sempre foi perigo do vencedor. Com as mesmas armas com que se conserva, se arruina. Não só Atalo morra, morrerá Nino, e.....

Zomir. Nino está innocente.

Idasp. Não digas isso, dize que Nino he amante.

Zomir. Mais augmentaria o meu odio o seu amor, se elle fosse réo.

Idasp. Já descubro o teu peito; basta.

Zomir. E isto he dizer que o amo?

Idasp. A tua piedade te descobre. Zomira, no teu coração ardem essas chammas de in-

justo

justo amor: deixa de amar a quem só deves....

Zomir. Basta.

A R I A.

Oh que pena me consome,
Qual incendio, o meu peito,
Quasi ò coração desfeito
Considero em tanto ardor.
Se o meu fado me não basta
A matar-me em tal tormentò,
Venha o novo sentimento
Augmentar a minha dòr. *Vai-se.*

Sabe Semiramis.

Idasp. Mal aconselhada mulher.

Semir. Idaspe?

Idasp. Senhora, já estão juntos os mais fortes soldados; falta só que se dê entrada na Cidade.

Semir. Eu darei aviso, antes que o Sòl se sepulte.

Idasp. Vós sereis Rainha; mas Zomira já não ha de ser minha esposa.

Semir. Ainda temeis o amor de Nino?

Idasp. O de Zomira he que temo.

Semir. E quem vos disse que ella o amava?

Idasp. Ella propria.

Semir. E dais-lhe credito? Dama alguma disse nunca que era infiel? Só quando he mais firme, então confessa menos fé.

Idasp. Se me dissesse, que o amava, talvez lhe não désse credito; porém confessou-se compassiva. *Semir.*

Semir. Nino vem; retira-te, e desterra esse sentimento. Compassiva, e não amante está Zomira.

Idasp. O tempo o dirá. *Vai-se.*

Sabe Nino.

Semir. Vem, filho, declarar-me de teu Pai os pensamentos, que só huns accentos truncados pudérão chegar aos meus ouvidos.

Nino. Elle quer reinar; só isto vos não póde conceder o seu amor.

Semir. E ainda me ama: Não me chama cruel?

Nino. Cruel vos chama, mas he mais dor, do que ira. Senhora, elle vos ama.

Semir. E da prizão, que diz?

Nino. Espera antes a morte.

Semir. Nem falla de vingança?

Nino. Seria em vão a empreza: já não a póde tomar.

Semir. Nem tu me enganas?

Nino. Eu enganar-vos?

Semir. Basta: delle quero alcançar tudo.

Sabe ElRei com guardas.

Semir. Atalo, aqui está Semiramis; aqui está a tua Rainha: attende para esta obra do seu amor; gloria-te de me ver cingida do diadema. Pareço-te mais bella hoje que reino? Deixa que em ti repare; nessas cadeas que arrojas, comprehendo o grande poder que me déste. Em te fazer desgraçado exalto os teus

mereci-

merecimentos; de gloria tua te serve a tua desgraça; só por te ser agradavel, quero ser hoje cruel.

Nino. Mái, e Senhora, não o irrites, nem o desprezes.

Semir. Vè me, falla Atalo, dize-me ao menos que sou traidora. Pouco he o meu poder, se te consente sofrer esse mal. Tu me ensinas nesse silencio, que não és táo infeliz, quanto eu queria.

Rey. Oh féra! oh tigre! oh monstro! *á part.*

Semir. Mas já sinto por entre os beiços andarem-las vozes: traga-se-me a costumada agoa dessa fonte do Sol, mitigarei mais o incendio da minha ira nessa derretida neve.

Assenta-se ao pé da fonte, e sabe hum soldado com huma taça.

Nino. Senhora, aquelle silencio não he desprezo: quando os males são grandes, perturbáo-se inteiramente os sentidos.

Semir. Dá-me, filho, aquella taça.

Nino. Oh Deoses! Em que risco me vejo. (*toma a taça.*) Oh Pai, e queres que não falle, e dê cruelmente a morte a minha Mái? Ainda não basta o silencio? Eu mesmo lhe hei de dar o veneno? Se lho dou, morre Semiramis; se não lho dou, morre Atalo Que hei de fazer? Pai, e Senhor, vede a morte de huma Mái na mão de hum filho; se buscais a vingança, executai-a em mim como réo da culpa: baste o meu silencio para me formar o delicto.

Rey.

Rey. Ah filho de Semiramis, tu andas louco entre nós. Espalha por huma vez o veneno: ou máta o Pai, ou acaba a Mái.

Semir. Filho, nem essa agoa quer Atalo, que me dês? Vem, amado filho, que me sinto abrazar.

Nino. Oh Deoses! que farei? Infeliz Mái! *á part.*

Toma Nino a agoa na taça, e com passos vagarosos vai a dalla a Semiramis, voltando-se para El Rei.

Semir. Que vagarosos moves os passos! Porque he esse receio? Tu para o Pai voltas os olhos, e elle os seus de ti não aparta com ira? Dá-me essa agoa, filho.

Põe Nino a taça na fonte.

Semir. Nino, porque recusas dar-me essa agoa? Teu Pai to prohibio? Deixa-me beber, que eu.... *quer beber.*

Nino. Mái, e Senhora.....

Semir. Que me queres dizer? Continúa.

Rey. Ah louco! *á part.*

Semir. Tu te callas, e te perturbas? e até a agoa vejo infecta? que he isto?

Rey. Falla, para que emmudeces? Cumpre o teu desejo, filho ingrato; dize que aquillo he veneno; dize, que antes queres a minha morte, do que a sua. Tremeste ao executar a minha justa vingança? Pois executar a tua crueldade; dá-me a mim o veneno; e se

ainda

ainda não basta, acabe a esses pés a vida de hum Pai á violencia de tuas mãos.

Semir. Se assim se executasse, que justa seria a tua morte, querendo a minha? O querer-te tirar o thono não era delicto meu, era pena tua; tu dos braços me tiraste, oh barbaro, o meu primeiro esposo; vingallo queria tirando-te a ti o Reino: mas tu me abriste para maior vingança o caminho. A mim o veneno me querias dar? Pois agora has de bebello. *Dá lhe a taça.*

Rey. Eu a tomo, mas não doures com esse nome de vingança a tua crueldade. Eu dei a morte ao teu Menon, assim foi; mas, infiel belleza, não foi gloria da tua formosura esse delicto? Eu fui cruel por te querer, tu és cruel para reinar; o meu delicto, por ser de amor, tinha desculpa; o teu na mesma ambição já leva a pena. Reina, tyranna, que eu já quero com este veneno, que o meu cadaver seja a degráo por onde subas a esse solio. *quer beber.*

Nino. Suspende, Pai. Mãi, he injusta aquella morte; acabe antes ás violencias do ferro o réo; e se todo o seu sangue ha de pagar o seu delicto, o que tenho nas veias tambem he seu, tira-mo, ou eu o tiro. *quer ferir-se.*

Semir. Filho, suspende. . . . .

Nino. Não te apresses, porque eu só quero, que à minha morte acompanhe a sua.

Semir. Vê, filho cruel, porque tu vivas, elle se salve.

Deita

Deita Semiramis no chão a taça, que El Rei tem nas mãos.

Semir. Tu espalhavas o meu sangue, derramando o teu. Olá, huma escura prizão seja de Atalo deposito. Vai, que lá verás o teu destino. *á part.*

A R I A.

Rey. Qual hyrcana, tigre, féra
Teu coração duro, e forte,
Determina dar a morte
A quem só quiz adorar.
Oh rigor do meu destino!
Oh pensão do injusto fado!
Quando chega a tal estado
O effeito de hum amar! *Vai-se.*

Sabe Zomira.

Semir. Chegas a bom tempo. Nino por livrar a Atalo se quer matar.

Zomir. Que ambos se percão he o meu voto.

Semir. Tão cruel te não busco, nem quero que o sejas; eu quero vivo a meu filho, Atalo quero que morra, livrallo não pódes. Mas se tu morres (*a Nino:*) ha de morrer Zomira; aqui vos deixo em conselho. Zomira tu hás de morrer se Nino morre. *Vai-se.*

Nino. Oh Deoses! Haverá mais que me succeda? Da minha morte perco a gloria, e o fruto: não sirvo de reparo á de meu Pai, e hei de ser occasião da vossa?

Zomir.

Zomir. Deixa que eu morra, que assim tomas vingança por parte de teu Pai com a minha morte. Morto o desejo, e por me vingar na sua vida até na minha o fizera. Mas ouve Nino, a ti não chega este odio, o amor já me não dá alento para tratar da vida, pois sei que aos infelices não serve de bem. Não ostento esta piedade, por temer a minha morte; ostento-a sim por salvar a tua vida. Não és tu a causa da minha pena, e do meu incendio; sim, vive Nino, que Zomira assim o deseja.

Nino. Zomira, conheces o quanto te amo? Se alguma faisca deste incendio, em que me abrazo, se ateou em teu coração, não me encubras este troféo do meu amor: falla, meu bem, pois com esta confissão me farás gostosa a vida em tanta dor: dize, Senhora, se nessa pena, que tens da minha morte, tem parte o teu affecto?

Zomir. Deixa-te viver, que tu o saberás.

DUETO.

Nino. Não suspendas esse alento,
Pois delle depende a vida.
Zomir. Conservalla não duvida.
Nino. Para amar-te.
Zomir. Isso estimo.
Nino. De adorar-te só me animo,
Ambos { E só vivo de adorar
{ Vive embora no adorar.

Nino.

Nino. Não me occultes a esperança
Nesse amante desengano.
Zomir. Se meu peito he deshumano,
Como pódes esperar!
Ambos { Em teu peito soberano
Sempre amor hei de esperar.

ACTO III.

SCENA I.

Pateo de Palacio Real. Sahem Semiramis, e Arbace.

Semir. ARbace, o tempo he breve; não arrisquemos a empreza.

Arbac. Aos Grandes do Reino já dei as vossas ordens; em a sala os tereis juntos: as armas estão promptas. O tumulto popular em esta noite se não póde temer: o ouro, e a prata, que lhes mandaste espalhar, os encheo de alegria; tudo está socegado: a porta que cahe para o Oriente, está aberta aos Bactros; porém de outro soccorro não ha noticia. Por vós estão os Assyrios: o desejo que tendes de reinar hoje o haveis de consegir.

Semir. Adianta-te, Arbace, e os Grandes do Reino dispõem em meu favor: em esta noite

noite se deve executar o juramento do meu imperio: em ti deposito a defensa, pois te confio a lealdade.

Arbac. A minha execução o dirá: fiel serei. Mas sómente a Atalo. *á part. e vai-se.*

Semir. Atalo ha de morrer: só este intento encobri a Arbace; porque sempre os vassallos amão a vida do seu Soberano. A mão de hum Bactro quero, que execute o golpe; e assim farei que se crea que foi industria de Zomira, e sobre ella cahirá o odio de Nino, e do Reino. Idaspe he só o sabedor deste intento, elle lhe dará o caminho.

Sabe Zomira.

Zomir. Nino vivirá, Senhora, Atalo morra: por minha mão executára o golpe naquelle tyranno, se eu tanto pudéra como vós.

Semir. Bem pódes, Zomira; vingue-se por tí teu Pai, e por mim o Esposo: prompto, e calado deve ser o golpe: hum Bactro o faça; eu dos Assyrios não fio que a seu Rei matem.

Sabe Vesugo ao bastidor.

Vesug. Para aqui vi entrar a Princeza, e como ando á pescaria de Faneca, quero ver se a posso agarrar com o anzol da diligencia.

Zomir. Eu o executarei; fazei vós, Senhora, que eu possa entrar na prizão.

Vesug. Eu não a bispo; mas já que estão divertidas, darei mais hum passo para o meu desengano. *vai sabindo.*

Semir.

Semir A guarda terá final; mas.....

Zomir. Eu acompanharei os meus......

Semir. Calla-te. (*para Zomir.*) Que andas tu buscando? *para Vesug.*

Vesug. He huma galinha, que me costuma vir pôr fóra, e queria ver se lhe achava o ovo. Que sempre hei de achar estes espantalhos! Má comichão te dê. *á part.*

Semir. Já te entendo, traidor. Tu feito espia? Tu ouvindo-me os meus segredos?

Vesug. Pois se Vossa Excellencia mos não dissera, nunca eu lhos ouvíra.

Semir. Ainda confessas que os tens ouvido?

Vesug. Antes he cousa que eu nunca pude ter em segredo, porque nunca o soube guardar. Eu era capaz de me metter em cousas secretas? Eu? Eu?

Semir. Mas vieste a ouvir?

Vesug. Eu não, Senhora, vinha a apalpar.

Semir. Olá, a este louco mettei na prizão para que não ouça.

Sahem Soldados.

Vesug. Ui, Senhora, se se prende por ter orelha, não faltará que fazer aos quadrilheiros na terra. Veja que eu não escutei.

Semir. Bem te entendo.

Vesug. Antes por vossa insolencia me não entender he que diz isso.

Semir. Levem-no.

Vesug. Não he preciso que me levem; faça com que me soltem, que eu hirei pelo meu pé.

Semir.

Semir. Tenho dito.

Vesug. Isto he huma injustiça. Eu já ouvi dizer, que os Ouvidores he que prendião, e não que prendião aos Ouvidores.

Semir. Que esperais?

Vesug. Que V. A. me mande soltar, que eu prometto não ouvir mais na minha vida senão aquillo, que me quizerem dizer.

Semir. Já me falta a paciencia.

Vesug. Ai, Senhora, não se enfade, que eu vou, e torno a hir, mas tambem logo torno a voltar.

Zomir. Vai, e não tenhas receio, que te não ha de succeder mal.

Vesug. Visto isso vou: mas já que me faz tanto favor, vá V. A. por mim, que eu ficarei com o seu segredo.

Semir. Não me ouves?

Vesug. Se V. A. não quer que eu ouça, que quer que eu faça? Mas eu vou, que não tenho outro remedio, pois a vejo enfadar porque ouvi, e agora se enfada por que não ouço. *vai-se, e os Soldados.*

Semir. Falla, Zomira.

Zomir. Eu acompanharei aos meus, e com a minha voz alentarei o seu braço.

Semir. Bem se vê que nasceste para reinar: o imperio dos Bactros te cedo, já que te não agrada a mão de Nino. Mas elle vem.

Zomir. O nosso intento se lhe encubra.

Semir. O meu fallar no semblante o has de entender.

Sabe Nino.

Semir. Nino, por ti estava fallando: a Zomira entrego o Reino dos Bactros, e para ti lhe peço a mão de esposa.

Nino. A pedir, e a esperar me convidais; pois tambem peço que entregueis o Reino a meu Pai.

Zomir. Este he só o desejo de Nino: em mim não emprega o seu affecto.

Nino. Veja eu primeiro livre a meu Pai, e depois vereis se vos tenho amor.

Semir. Já está quasi visinho o novo dia. Zomira, faze por te ausentar. Nino, falla de amor. *Vai-se.*

Nino. Bella Zomira, desculpe-se a minha dor, e o meu desacerto, se ainda de meu Pai fallo.

Zomir. Em vosso Pai quereis fallar, Principe? Pois segui a vossa Mãi. Nino para que comigo vos suspendeis, se em amor não fallais?

Nino. Oh que afflicção me combate o peito! Zomira, meu Pai está prisioneiro.

Zomir. E o meu está morto, e serve de incentivo ao meu amor o vosso affecto; vós me augmentais a dor com essa lembrança: vede, vede tornar as lagrimas aos meus olhos; mas logo.... ah pensamento.....

Nino. Já vos entendo. Ai de mim! Mais se não tarde, Zomira; mas só vos peço, que não choreis: deixai, que esse pranto em meus olhos se reparta, para que com elle acompanhe a hum Pai infeliz.

ARIA.

A R I A.

Qual chuveiro desatado,
Quando inunda o mar undoso,
Que com vento furioso
Tudo chega a perturbar.
Tal contemplo hoje o meu peito,
Quando em lagrimas desfeito
Tem de pranto hum grande mar. *Vai se.*

Sahe Idaspe.

Idasp. Zomira, o estar fallando a Nino, he dilatar a morte a Atalo; cresce a noite, e vejo que nessa tardança se perde o golpe; mas a presença de Nino vos póde esfriar para o fazer; pois eu o farei.

Zomir. Idaspe, eu não quero ceder essa gloria do meu braço.

Idasp. Vós amais a Nino; e quereis matar a Atalo? Já mais não espero, que de seu Pai a morte, e de vós a vingança.

Zomir. Não me irriteis mais; eu quero dar a morte a Atalo, e tambem não quero fingir mais comvosco; porque tambem vos quero desenganar, que só quero a Nino.

Idasp. Visto isso, já me não amais? E ainda o podeis proferir?

Zomir. Sim; porque em o dizer vos venho a desenganar.

Idasp. Se em mim sempre encontrastes amor; porque me não correspondeis com amor?

Zomir. Eu vos quero satisfazer o vosso desejo.

ARIA.

Em mim vive huma firmeza,
E em fim amo, e sou constante;
Mas de Nino sempre amante
Só me hei de confessar.
Só a elle amor dedico,
E se amante me publico,
Que mais ha que publicar? *Vão-se.*

SCENA II.

Carcere. Sabe ElRei com cadeias.

Rey. OH mulher soberba, e féra, que em estas horrendas sombras me sepultas, satisfaze já esse cruel desejo com a minha morte. Sei que o usurpado throno, e a minha liberdade cativa não basta a fazer-te alegre, e segurar-te o Reino: só eu o sinto: nelle te póde segurar o meu sangue.
Espalha-o de huma vez, esposa ingrata,
A ti segura o Reino, e a mim me mata.
Corre a matar-me, oh perfida: em meu sangue apaga a sede mais cruel; mas já sinto abrir do Carcere as duras portas. Como Rei não morro, como infeliz acabo, oh quanto o sinto!

Sabe Nino.

Rey. Oh tu quem quer que sejas, que da parte de Semiramis, ou mensageiro, ou ministro vens, suspende a sentença, embarga o golpe, que

que ainda fóra do solio não deixo de ser Senhor do Reino o teu Rei sou. . . . .

Nino. Pai, e Senhor, eu sou o vosso filho.

Rey. Tu o meu filho? Agora lamento mais certa a minha morte. Tu por ordem de tua Mãi ma vens dar?

Nino. Eu dar-vos a morte? Eu quiz. . . . . vós o sabeis. . . . .

Rey. Sei que a quizeste livrar do veneno. Já de hoje em diante não serás meu filho, e não sei se seu. Tu matar-me queres; mas ainda me lembro do que por mim obraste. Coração para me ferires sei que o não terás: dá-me esse ferro: eu mesmo com elle me matarei. Ah cruel filho! tu és aquelle que me matas, eu sou aquelle que ainda te amo, e te quero dar o ultimo abraço. *quer abraçallo.*

Nino. Pai, e Senhor, esse abraço só o reservo para mo dares do solio; eu quero ficar por vós nestas horrorosas trévas. Sahi, Senhor, sahi dellas: o fiel Arbace alli vos espera para vos servir de guarda: a luz que sahe do Carcere he pouca para o conhecimento: imaginarão os guardas, que eu que entrei com o General, sou o que com elle saio. Para vos defender já tomárão os Grandes do Reino as armas; que no sangue nobre sempre ha lealdade: toda a demora serve de prejuizo. Ide, Senhor, eu fico, que assim vos quer matar o filho, que vos busca.

Rey. Tu ficar aqui por mim? Oh filho da minha alma, e só a minha alegria, e a minha

ventura entre tantas desgraças! Tornarei a reinar, e de hum impio, e ingrato coração poderei fazer exemplo, se torno ao solio.... Mas vamos, que com o teu amor mitigarei a minha vingança.

Nino. Com Arbace só póde sahir hum de nós.

Rey. Não estimo a minha liberdade com o teu risco; se tu aqui ficas, temo que.....

Nino. Eu vos livro, e tornando vós a reinar, não tenho que temer.

Rey. Vou buscar a vida, e o Reino; mas primeiro que suba ao throno, aqui tornarei a buscar-te. Adeos.

Nino. Livrai-vos, e reinai; mas tambem vos peço, que deste filho livreis a Mái.

Rey. Ah! porque desse coração generoso não repartes com essa ingrata mulher? O ver em ti tanto amor, faz nella mais horrendo o odio. *Vai-se.*

Nino. Já livrei a meu Pai, oh Deoses! E que alegre estaria, se não temesse ainda a sorte de huma Mái? Apenas de hum mal fujo, quando em outro topo. Tão grande he a multidão de meus pezares........

Suspende-se ao estrondo que se faz, e sabe Zomira com hum punhal na mão, e Soldados Bactros com espadas.

Zomir. Despio o ferro: Atalo, eu sou Zomira, estes são os meus Bactros: isto basta para saberes o teu destino. Soldados, traspassei aquelle peito, que o de meu Pai ferio.

Vão a ferillo. Nino.

Nino. Zomira, se eu hei de acabar; sede vós, Senhora, a que me mateis.

Zomir. Suspendei-vos, Soldados. Que vozes são estas? Ai de mim! He Nino?

Nino. Sim, Nino sou, bella Zomira; mitigai os vossos enfados, extingui esse odio: quereis vingar o sangue de vosso Pai? Aqui tendes o meu peito, traspassai-o: mandai esses vossos Soldados contra mim: acabe ás suas mãos esta infeliz vida; caia desvanecida a vossos pés; por todas as partes me firão; mas só lhe mandai que reservem o meu coração para a vossa espada, que não será offensa da vossa imagem nelle esculpida, sendo vosso o golpe.

Zomir. Que vos espalhe o sangue? que vos traspasse o coração me dizeis? Nino, não era este o meu intento. Eu sim buscava nesta prizão hum sangue, mas não era o vosso; sómente em imaginar que o puz em risco de se derramar, o meo nas veias se gela.

deixa cahir o punhal.

Nino. Se quereis derramar o de meu Pai, he vã, Senhora, essa piedade: se havemos morrer ambos, deixai que eu morra só. Zomira, Senhora, reparai que vos entrego o ferro. *levanta-o, e da-lho.* Eu vos offereço o peito; matai-me, e socegai já de todo essa ira; pois sei que em espirar a vossos pés, terei a minha gloria: mas só vos peço, que ao traspassar-me o peito, me digais: Nino, eu perdo-o a teu Pai. *ajoelha.*

Zomir. Basta: levantai-vos, Nino, estou vencida, a minha vingança cede á minha dor, e ao meu affecto: o susto de ter sido a causa de te ver quasi morto, me extingue o desejo de acabar a teu Pai: apague se do meu pensamento de Zoroastro a sombra: Atalo viva; a seus pés vou lançar este ferro, que lhe havia passar o peito; viva teu Pai, torne ao solio. Nino, escuta a Zomira: eu lhe perdoo.

Nino. Que semelhança tem o vosso coração com a vossa presença? Zomira, agora daime a morte, que mais não quero.

Zomir. Eu dar-vos a morte? ah Nino! vós já de mim a não podeis temer, porque já sabeis que vos chego a amar.

Nino. E he verdade, Senhora, que me amais!

A R I A.

Zomir. Já não póde o peito amante
Occultar o amor ardente:
Amo a ti Nino sómente,
E a ti sempre hei de adorar.
Já vencida me confesso,
E publico que te adoro:
Não te vendo, sinto, e choro,
E me alegro em te avistar. *Vai-se.*

Nino. Socegada se vê a minha querida esperança: em fim vejo já a sua amada presença depois de tanta tempestade; buscarei a

meu

meu Pai para de todo socegar o meu coração. *Vai-se.*

Sahe Faneça.

Fanec. Que desgraçada mulher fui em vir a tal terra! Com sustos na batalha, com sustos no Palacio, e agora novo susto com minha Ama, que ouço matára ElRei, e viera para aqui! Eu não sei o que faço, nem aonde estou: entrei como louca pela cadea, quando até os guardas via della sahir mais loucos do que eu; mas eu nem sinto, nem vejo cousa alguma: os cabellos se me arrepião, as carnes me tremem. Ah Senhora, que ha de ser de mim? Senhora?

Sahe Vesugo ao bastidor com hum cobertor ás costas.

Vesug. Isto será cousa de encanto? Mandou-me para aqui a Rainha, porque escutava quando nada ouvia, e entendendo que tiraria o susto da prizão com o somno, me não deixão dormir hum bocado? Apenas me deito, quando outro motim se ouve, e o peior he que se achão as portas abertas, e sem guardas: só ouvi para aqui a modo de huns gritos de mulher que chora. Que será isto?

Fanec. Ah desgraçada mulher! nisto vieste a parar! *á part.*

Vesug. Tambem eu vim parar em estoutro. *á part.*

Fanec. Eu só, desamparada, fóra da minha terra! *á part.*

Vesug.

Vesug. Tambem eu estou assim fóra de minha casa. *á part.*

Fanec. Cativa, e preza sem culpa. *á part.*

Vesug. Isso; eis-ahi o que eu padeço. Ui, quem será esta carpideira dos meus achaques? A rapariga deve saber da minha vida.

Fanec. Aqui morro sem duvida.

Vesug. Isso agora he mais comprido, pois não quero que morra sem luz; eu vou buscalla depressa. *Vai-se.*

Fanec. Mas para esta parte me parece que sinto estrondo, hirei tenteando a ver se topo alguma pessoa que me guie, e me ponha na porta por onde saia daqui, que eu já não sei por onde vim, nem para onde vou. Mas se não me engano, para esta parte me parece que vem huma luz. Sim para esta parte....

Sabe Vesugo embrulhado no mesmo coberior, e com huma candêa na mão.

Vesug. Ora menina, não morra sem candêa.

Fanec. Ai mofina de mim!

Vesug. Não se assuste de me ver, que eu sou já cousa do outro mundo.

Fanec. Ah Senhora Zomira, acuda-me.

Vesug. Esta he Faneca, que já a pesquei ao candeio. *á parte.*

Fanec. Senhor defunto, deixe-me, que eu não lhe tirei a sua vida.

Vesug. Não; mas és a causa da minha morte.

Fanec. Pois que quer?

Vesug. Que não me faças penar.

Fanec.

Fanec. Eu o faço penar? Em que, Senhora alma?

Vesug. Em não concederes alguns favores a este pobre Vesugo.

Fanec. Ai negro mofino! vossé era?

Vesug. Negro me chamas? Tens razão, pois sou teu escravo.

Fanec. E porque estás aqui?

Vesug. Por ouvir.

Fanec. Só por isso?

Vesug. Sim; mas agora tambem estarei por apalpar: venha esse abraço.

Fanec. Como já vejo a porta, assim me ausentarei logando-o.

Apaga-lhe Faneca a luz, e vai-se.

Vesug. Ah perra, que me deixaste ás boas noites, e assim mesmo ás escuras me hei de queixar dos teus rigores.

A R I A.

Se são teus olhos
Quem me dá luzes,
Em te ausentando
Estou penando
Sem nada ver.
Foste-te, ingrata?
Oh que impaciencia!
Pois nesta ausencia
Cego hei de ser. *Vai-se.*

SCE-

SCENA III.

Galaria correspondente ao templo do Sol com throno destinado para receber dos Grandes do Reino as honras dos Reis de Assyria. Sabem Semiramis, Arbace, Grandes do Reino, e Povo.

Semir. GEneraes, poucos momentos restão ao meu Imperio, e primeiro que da cabeça me desça a Coroa, quero que de vós se adore a Magestade. Depostas as armas, cada hum a mim se incline: eu reino, e devo receber as honras devidas aos Reis. *Nenhum se move.* Em que se tarda, em que se imagina? Arbace, rende a espada, e a mim ajoelha, que os mais te seguirão, pois com o teu exemplo os advertes.

Arbac. Não se deve tanta honra, a quem hum só dia reina; de nós só a deve ter aquelle, que nasceo para reinar: nada se deve a quem por morte, e por engano se quer fazer Rainha; assim depõem a espada Arbace, e assim se inclina.

Despe Arbace a espada, e juntamente os mais.

Semir. E contra quem, traidores, se despe o ferro? Contra mim? Contra a vossa Rainha?

Sahe Idaspe.

Idasp. Assyrios, he morto o vosso Rei, Zomira

mim executou o golpe: eu a vi armada com os seus Soldados, entrar na prizão a dar-lhe morte; o Palacio está já cercado dos meus: a Rainha de Assyria sois vós, e assim. . . . .

Sahe ElRei.

Arbac. Este he o vosso Rei, a seus pés ponho a espada. *ajoelha*

Semir. Tu me enganaste, Idaspe.

Rey. Semiramis, (que este he só o nome que te resta da tua desgraça) só tu tiveste a culpa: já minha esposa não serás: o que devia ser a tua gloria, se converteo em infelicidade.

Semir. Atalo, eu ainda sou a tua Rainha: por tal me reconhece: do Solio só quero descer morta, e não desprezada.

Rey. Eu te farei descer; mas primeiro se traga Nino da prizão donde me tirou.

Semir. Ah filho amado! oh triste Mái, se o golpe se executou!

Sahe Zomira.

Zomir. Sim, executado está o golpe: a vós quiz dar a morte com os meus Bactros na prizão: entre aquellas trévas imaginei vos tirava a vida.

Semir. Morreo meu filho? Oh infeliz! que mais me falta? *Desce do threno.* Atalo, apressa a minha morte, agora he que de todo sou cumplice no delicto; não basta que o Ceo castigue o meu pensamento com o erro

do

cruel comigo, como tu comigo foste tyranna: lembra-me, que te amo, e te amei muito: esta memoria apaga aquella ira: esqueço-me da offensa, e te perdoo o delicto.

Semir. Oh meu Rei, oh meu, esposo, agora mais que nunca soubeste triunfar.

Rey. A vós, Idaspe, já que tanto vos agrada o meu sangue, eu vos entrego o Reino: esta he a minha vingança.

Idasp. Agora só a mim soubeste vencer.

Nino. Já que sois tão generoso, oh Pai, com o vosso inimigo, deixai que eu tambem o seja com o meu competidor. A mão de Rosana vossa filha, por esta de Zomira se dê a Idaspe.

Rey. Não lha quero negar, se elle a chega a querer.

Idasp. Mais que o meu throno estimo esposa tão nobre.

Sahe de huma parte Faneca, e da outra Vesugo.

Vesug. Estimo que hoje seja dia de desposorios, que tenho de pedir huma mercê.

Rey. Qual he?

Vesug. Queria que estes dous peixes se ajuntassem na selha da desposação.

Rey. Não te entendo.

Vesug. Queria ajuntar a mão deste Vesugo com a barbatana daquella Faneca a modo de quem casava.

Rey. Eu por mim to dispenso.

Vesug. Vossa Magestade muitos annos por este mal que me faz.

Fanec.

Fanec. Pois se não quer, saudades.

Vesug. Calla-te ahi tolla, que isto he zombaria.

Rey. Ultimamente a vós, bella Zomira, por comprir o juramento, que dei a vosso Pai, se quereis por esposo a Nino, aqui o tendes: já sois Rainha dos Bactros, este he o vosso solio.

Zomir. Sigo o destino dos astros. Acceito a mão de Nino, com toda a alma.

CORO.

Vivão felices
No regio Throno;
Assista Hymenêo
A taes desposorios.

FIM.

OS ENCANTOS
DE
MERLIM,

Opera que se represemtou na Casa do Theatro publico da Mouraria no anno de 1741.

INTERLOCUTORES.

Polidoro, *Principe de Polonia, amante de Rosimunda.*
Florrandro, *Sobrinho d'elRei, amante de Policena.*
ElRei de Ungria.
Rosimunda, *Princeza de Ungria.*
Policena, *Sobrinha d'elRei de Moscovia.*
Merlim, *Magico Criado de Polidoro.*
Bigorrilhas, *Sevandija de Palacio.*
Celestina, *Criada de Rosimunda.*
Musicos, Criados, e Soldados.

SCE-

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Montes, e mar.*
II. *Sala.*
III. *Jardim.*
IV. *Bosque.*

SCENAS DO II ACTO.

I. *Sala.*
II. *Ante-Sala.*
III. *Quarto de Celestina.*
IV. *Sala.*
V. *Pomar com huma arvore.*
VI. *Montes.*
VII. *Campo de batalha.*
VIII. *Cidade, e janellas com luminarias.*
IX. *Pomar.*
X. *Sala.*
XI. *Besques.*
XII. *Montes, e no fim hum poço.*
XIII. *Bosque.*
XIV. *Jardim com caniços, e dous Satyros.*
XV. *Sala de estatuas.*

ACTO I.

SCENA I.

Esta primeira mutação he ametade Bosque ametade mar. Acabada a abertura dos insi mentos, correm a cortina, e no interior Theatro se fingirá noite escura, e soará gum estrondo de tempestade, com trovões relampagos, e a huma parte se cantará o guinte

CORO.

Horrivel tormenta
De injustos rigores
Padece entre ardores
Hum peito que amante
Se vê naufragante
Nos golfos de amor.

Ao outro lado soaráõ confusas vozes de n. gantes.

Dentr. TErrivel tempestade; parece contra nós outros, conjur todos os quatro elementos, conduzem á ultima ruina.

Outr. Piedade Ceos Soberanos.

Cre

Cresce a tempestade com maior estrondo, e horror, e tornão a cantar o seguinte

C O R O.

Mas tão animoso
No empenho amoroso,
Que não desalenta,
Nem sente desmaios,
Na furia dos raios,
No centro de horror.

Dentr. Perdidos somos: já a não sem governo, levada das furias das ondas, se encaminha áquella visinha rocha, para acabar despedaçada.

1. Ai de mim infeliz!

2. Ai que me afogo!

Polid. Favor piedosos Ceos.

Vai serenando a tempestade algum tanto, e apparecendo alguma luz ainda de longe. Sabe Floriano, e Criados.

Flor. Mal logrei o meu intento, pois com o horror da tempestade chegarião muito confusos os écos da minha queixa aos ouvidos da ingrata Policena.

1. Má noite para descante.

2. Antes boa; porque o Ceo nos fez os baixos com trovões.

3. A função foi de estrondo.

Flor. Retiremo-nos para a Cidade, antes que

a luz do dia nos ponha em publico o que só fiei das sombras da noite. *Vai-se.*

1. Vamos, que em tres dias de bom sol não enxugo o meu vestido: tenho medo que alguem me coma, porque vou feito huma sopa. *Vai-se.*

2. Levas com tigo, Fileno, algum dinheiro?

3. Algum levo.

2. Pois eu amigo vou pingando. *Vão-se.*

Hirá sahindo o Sol, e se executará hum amanhecer o melhor que for possivel, e sahe Merlim de caminho com alforjes ao hombro.

Merl. Ora salve Deos a vossa mercês: aqui venho eu, tamanho, e tão gordo. Por certo que estou huma galante figura! Mas com quem fallo eu? nem que aqui estivera muita gente! Mal peccado, que isso assim fôra! Não, está isto muito dezerto! Grande trabalho he caminhar só, e a pé! A noite parece que vinha á posta comigo, porque correo tanto, que me apanhou neste sitio, e tambem me apanhára a chuva, e a tempestade, se não achára aqui á mão, ou ao pé esta concavidade, em que me hospedou a senhora nossa Mãi: alli achei huma cama que foi hum pasmo! não teria ella pulgas, nem porsovejos; mas quanto a ser molle, isso como hum calhão. Tanto que me vi recolhido quiz pegar no sono; mas não o pude agarrar, nem com quanta força tinha; e o que mais me

me escandalisou, foi entrar a enxurrada pela porta dentro a fazer-me huma visita, sem me dizer agoa vai. Eu quanto que vi a cova cheia, confesso que me deu a agoa pela barba; e como me vi tão frio, e tão molhado, eu não socegaria nada; mas dormi como pedra em poço. Ei-lo vai, eu dou tudo por bem empregado, só por não fazer pela manhã contas com a hospeda. Ora Senhor Merlim, isto he Sol fóra, quem se ha de hir já não chove, vamo-nos caminho de Buda, que he a Corte deste Reino de Ungria, a ver se achamos lá melhor fortuna que em Alva Real, que para mim foi Alva de Cão, pois me querião lá dar pão de perros. Verdade seja que não era premio indigno do meu merecimento; pois graças ao Senhor Pedro Bayalarde, que me fez a mim Pedro de Malas artes, ensinando-me em paga de servillo em Pariz, a magica branca, que para mim foi negra magica, pois não tem faltado quem pelas minhas travessuras me quizesse colher ás mãos, se agora me não escapasse por pés. Com que tal, sim Senhor, para cá, para lá, foi, e tornou, torna que deixa. (*ri-se.*) Ah Senhores! ver como eu estou conversando comigo, nem que eu fora alguem! Sempre tive este costume de fallar só: mas ai, ai, ai, esperem vosses, cá está hum Palacio mui grandioso: não tinha reparado! Ora eu estou na Aldeia, e não vejo as casas.

Polid.

Polid. Não ha quem me soccorra neste aperto? *Dentro.*

repara Merlim.

Merl. Mas peior he esta; cá está hum miseravel homem por istantes navegando para o outro mundo, e deve de estar-se despedindo daquelle páo, porque lhe está dando hum abraço muito apertado. Coitadinho, elle está de sorte que huma onda se lhe vai, e outra se lhe vem: ora quero hir a soccorrelo, que em fazer bem nada se perde.

Vai-se, e pela outra parte sahe ElRei olhando para a parte por onde foi Merlim.

Rey. Naufragante infeliz, a quem o rigor do fado já prepara sepulchro de chystal, não te desanime nesse extremo conflicto o adverso influxo da tua estrella, que a pezar de suas inclemencias o Ceo te prepara remedio a tanto damno, por meio da generosa promptidão, com que já te soccorre o peregrino valor desse estrangeiro caminhante. Oh galhardo espirito! quanta inveja causas a meu Real peito! Parece que as ondas lhe obedecem, suspendendo os impulsos da sua furia, para dar lugar aos arrojos do seu valor; já corta o argentado campo, já chega ao misero fluctuante, já o toma em seus hombros, e já o conduz á seca praia. Conseguio hum troféo da mesma morte, usurpando hum triunfo á Parca dura. Não ficará sem premio o seu valor. Já o infeliz navegante beija a amada

terra,

terra, já rende ao Ceo as graças, já abraça estreitamente a seu animoso bemfeitor, e já com vagarosos passos se encaminhão ambos á minha presença.

Sahem Merlim, e Polidoro.

Merl. Venho feito hum frango ensopado.

Polid. Quem te deve á vida, em toda ella te saberá ser agradecido: não deixarei sem premio tanto beneficio.

Merl. Oh mal posso eu desconfiar da paga, se já cá tenho a molhadura. Mas olá, temos gente no campo? Quem será este cavalheiro tão circunspecto?

Polid. Rara presença de Ancião!

Rey. Não vos suspendais de ver-me, que em mim de admirar-vos são mais dignas as suspensões.

Amb. Qual he a razão que a isso vos move?

Polid. Hum naufrago infeliz.

Merl. Hum humilde caminhante.

Rey. Em ti me admirão as adversidades de huma infausta sorte, cujo porfiado rigor não pára até offender os alentos da mesma vida. Em ti me suspenderão as ousadias de hum espirito bizarro, cujo elevado valor não descança até triunfar dos impulsos da mesma morte.

Polid. Antes, Senhor, aonde se apura mais o rigor de huma adversa fortuna, he em dilatar os passos da vida para repetir muitas vezes os trances da morte; pois quando o

viver

viver tudo he infortunio, pôr-lhe ao fim embaraços, he tirar-lhe os limites ao tormento.

Merl. Pois eu cá no que toca a mim nunca me tive por tão valente, como agora vos pareci. Eu arrenego do demonio! não me creou para isso minha Mãi: valente! salvo tal lugar, nunca ninguem tal me disse.

Rey. Chamar-vos valoroso he fazer-vos injuria?

Merl. E muito atroz.

Rey. Novo estylo de modestia.

Merl. Pois ha cousa peior que ter huma pessoa o fadario de valente? (que he peior que o de labisome?) Ter valor he andar continuamente com hum inimigo, que conduz aos perigos, e mete nos apertos: só por não andar em bocas do mundo se não póde ser valente, pois huns lhe chamão o bufão, outros o arrojado, outros o filho da velha, outros o filho da folha; e huns dizem que he tezo como hum alho, outros que não se rende a pão moll; e de mais que eu sempre ouvi chamar por desprezo, valente salvagem, valente esneirão, e quem he valente diz que parte com o dente huma cousa, a que me não chega a lingua. Não senhor, eu não quero ser valente, nem eu fiz acção de valor em livrar hum homem do poder de huma obobora.

Rey. Abobora chamas ao mar?

Merl. Sim, Senhor, que abobora he agoa.

Rey. Bom humor gastas.

Merl.

Merl. Enganais-vos, Senhor.
Rey. Porque?
Merl. Porque se eu o gastára, não o tivera.
Rey. Parece-me que encobres mais do que em ti mostras. E vós quem sois, que a vossa galharda presença está dizendo em vós mais do que de vós espero ouvir?
Polid. Assim se me faz preciso. *á part.* Eu, Senhor, sou Polidoro, hum particular Cavalheiro de Polonia.
Rey. Que? De Polonia sois: Até o nome dessas Provincias se escuta com horror nestas partes de Ungria, pelas ardentes, e contínuas guerras, que ha tantos annos existem; de que tem nascido a grande aversão que se conserva entre os Principes de hum, e outro Reino.
Polid. Sorte inimiga! a Ungria me arrojastes! que bem fiz em encobrir meu Real nascimento. *á part.*
Rey. Continuai a narração dos vossos successos.
Polid. Supposto já tendes noticia da minha qualidade, e da minha patria, agora sabereis o motivo com que della sahi. Em dous lustros de idade perdi o abrigo materno, em cujo alento com intempestivo golpe, cortou a Parca em poucos annos muitas primaveras. Com justissimos motivos se achou meu Pai obrigado, a reduzir segunda vez a liberdade aos estreitos laços de Hymenêo. Feita a eleição, e renovadas as luzes nupciaes, em companhia de quem havia substituir o lugar da

pri-

primeira esposa, veio huma galharda Dama, sobrinha sua, a qual inclinada por influxos de astrella, ou movida por impulsos de amor, deu em querer me, crescendo nella a affeição com o trato, ao passo que em mim crescia a dureza com a porfia; que como huma vontade livre se não sujeita a pagar obrigações, quando amor o não inclina a corresponder com affectos; sempre em mim achou tibiezas, quanto mais em incendios se abrazava. Vivendo pois com amor, ainda que sem esperança, passeava huma tarde só, e pensativa, costumado exercicio de seu cuidado, pelas ribeiras do mar, de onde huns Corsarios, que emboscados estavão em o receptaculo de humas cavadas penhas, a roubárão, levando-a comsigo sem duvida à Regiões remotas. Publicou-se o rapto, e fiando só de mim o cuidado de tão importante diligencia, obrigado eu do preceito paterno, muitos mezes ha que infructiferamente a busco, vagando em huma bem artilhada não, por visinhos, e distantes mares, com incessante diligencia, até que trocada a tranquillidade da ventura em horrivel borrasca de Neptuno, agitado da violencia dos mares o nadante lenho veio a achar nessas visinhas rochas a ultima certeza do naufragio; do qual eu fora sem duvida miseravel despojo, a não valer-me a animosa piedade desse passageiro.

Merl. Elle he hum criadinho de v. m.

Rey.

Rey. Compadecido de vossos infortunios, vos offereço no meu Palacio abrigo, e reparo a tantos damnos. E tu quem és, como te chamas, e aonde caminhas?

Merl. Muito pergunta o Senhor Velho, elle não deve ser ahi qualquer pessoa. *á part.* Como me perguntas por junto, he necessario responder-te por partes, para que assim fiques mais satisfeito. Em quanto ao como me chamo, respondo: que eu não sou o que me chamo: os outros he que me chamão a mim, e por isso ha varias opiniões; porque cada qual diz da festa, como lhe vai nella: huns chamão-me bom homem, outros pedaço d'asno, outros filho de hum bebado, outros filho de huma.....

Rey Basta: não são esses nomes os que te pergunto, senão o teu proprio nome?

Merl. Sabe Deos qual delles me vem mais proprio; mas se pertendes saber o que meus Pais me pozerão, parece-me que he Merlim; porém dahi valha a verdade, que eu era tão criança que mal me lembra.

Rey. O nome está adequando, porque tu me pareces mui sagaz.

Merl. Quem? eu? ágora (*ri-se.*) Oh lembre-me Deos em bem; a segunda pergunta he que te diga quem sou: a isso te responderei eu bem depressa.

Rey. Dize pois quem és?

Merl. Sou eu, não he assim?

Rey. Até ahi vejo eu; a qualidade de teus Pais he que quero saber.

Merl.

Merl. Isso agora he mais comprido, eu não me metto com as vidas alheas: ainda assim de minha Mãi poderei dizer, que era Angelica Godinha, mas de meu Pai advinhai lá.

Rey. Bem te acreditas.

Merl. Eu bem sei que faço mal em me gabar; mas não está mais na minha mão.

Rey. De que esféra erão teus Pais?

Merl. Meu Pai da quarta, e minha Mãi da quinta.

Rey. Como assim?

Merl. He que meu Pai era aguadeiro, e minha Mãi hortolôa.

Rey. Falta agora que me satisfaças á terceira pergunta, que he para onde vás?

Merl. A essa os Anjos lhe respondão.

Rey. Tu não pódes?

Merl. Pois alguem neste mundo sabe para onde vai? Esta noite vinha eu para dormir, e não dormi nada. Mas ah sim: já sei para onde vou.

Rey. Dize.

Merl. Vou para quarenta annos, que já fiz os trinta e nove. Mas agora a fallar a verdade, o meu intento era hir viver para a Corte.

Rey. Pois ficarás em Palacio, porque gosto da tua galanteria; e para mudares de vestido, ahi tens essa bolça.

Merl. Vivais, Senhor, mil annos, que sem desembolçar dinheiro, me soubestes encher as medidas. Quem será este cavalheiro, que dá bolças, e offerece Palacios? *á part.*

Polid.

Polid. De Principe dá mostras a generosa gravidade deste bizarro sujeito. *á part.*

Sahem dous Soldados.

Sold. 1. Já, Senhor, está prevenida, e junta a gente para a caçada, como V. Magestade ordenou.

Polid. Que he isto adversa sorte! Nas mãos vim dar de meu inimigo. *á part.*

Merl. Pois que vai! Não he menos que ElRei todo inteiro. *á part.*

Polid. Senhor. *ajoelha.*

Merl. Senhor. *ajoelha.*

Polid. Perdoai-me o desconhecer em vós a Magestade, supposto que ignorar-vos a soberania não foi ultrajar-vos o respeito.

Merl. Eu sim conheci que V. Magestade era pessoa Real; mas não lho disse logo na cara, porque eu cá nunca fui amigo de deitar nada em rosto.

Rey. Em que o conhecceste?

Merl. Assim que me sahio o trunfo de ouros, logo conheci a ElRei pela moeda.

Rey. Em Palacio vos espero achar a ambos, quando voltar da caçada. *Vai-se.*

Amb. Ambos levamos interesse na obediencia. *Vão-se.*

SCENA II.

Sala. Sabe Policena.

Polic. SAudosas memorias, instrumentos crueis de meus martyrios, que em successivo mal, de instante a instente me augmentais os pezares, negando-me até a esperança dos allivios. Oh como sois tenazes! occasionando de noite os meus desvellos, motivando de dia os meus cuidados! Padeço noite, e dia. Só não acha o meu peito, nem na sombra o descanço, nem na luz a alegria. Ai Polonia, doce patria dos meus descanços! quanto sem ti padeço! Ai Polidoro, galhardo assumpto dos meus cuidados, quanto sem mim te alegrarás! No proprio domicilio deixei a quem adoro mal correspondida: na alheia terra achei a quem me adora desprezado. Ai Polidoro, ai Floriandro! se se trocasse em vossos peitos a dureza de hum, com a brandura de outro; nem sentiria as importunações que me affligem, nem choraria os desvios que me atormentão: mas já que a solidão me convida, e tenho assumpto em meus males, quero dar ao vento os écos de minhas vozes, unico allivio com que suaviso os meus pezares.

Canta Policena a seguinte

A R I A.

Ai doces lembraças,
Se a sorte em mudanças
Vos fez impiedades;
Matar-me a saudades
He duro rigor.
Do mal he o matar-me
Pois a recordar-me
A perda das glorias,
He dar ás memorias,
As forças da dor.

Sabem Rosimunda, e Celestina.

Rosim. Que bem sentidas tristezas! Que fará as alegrias a quem se recrêa com os pezares?

Polic. Os meus, Senhora, são tão grandes, que só por excessivos produzem contrarios effeitos.

Celest. Eu sou bastantemente maviosa; mas confesso que me não peza com os teus males, só por te ouvir queixar cantando.

Polid. He, Celestina, tal a tua lisonja, que me não escandaliso da tua impiedade.

Rosim. Não darás, Policena, alguma breve pausa ás tuas penas, se quer por mostrar-te agradecida aos carinhos com que te sabe tratar o meu amor!

Polic. Attenta a essa circumstancia, muitas vezes quero

reprimir as minhas afflicções; mas vendo-se embaraçadas as ancias, he tal a força com que me affligem, que ás vezes temo morrer, mais que da mágoa, daviolencia.

Celest. Ai Senhora, não façás tal, padece á tua vontade, chora a téu gosto, que a Princeza minha Senhora não he de ceremonias.

Rosim. Bem sei que as saudades da Patria (da qual, nem da tua qualidade nunca me quizeste informar) são bastante motivo para os teus pezares; mas a estimação grande com que te sabe tratar o meu cuidado, pudera causar-te algum allivio.

Polic. Pois conservo a vida, bem mostro o que devo ao teu favor; pois nisso se reconhece mais poderoso o teu amparo, que o meu tormento.

Rosim. De hum amante de quem vivias mal correspondida, sentes excessivamente a separação; nessa parte te não posso achar razão; pois tendo aqui outro de quem te vês adorada com tal excesso, que sendo Primo meu, e ignorando a esféra do teu nascimento, te pretende esposa, attrahido das raras circumstancias com que te dotou a natureza; choras por quem te despreza, e offendes a quem te idolatra?

Polic. Bem reconheço a verdade com que me argues: mas não fora o amor cégo, a ter olhos para ver as circumstancias que me ponderas.

Celest. Ai Senhora, não sejas daquellas, que se querem levadas por mal.

Rosim.

Rosim. Ama a quem te busca, que he pagar huma divida, e deixa a quem te foge, que he castigar huma offensa.

Celest. Senhora, olha que se nos trocárão os papeis.

Rosim. Não te entendo.

Celest. Pois tu não estás persuadindo a Policena, que queira a teu Primo Floriandro?

Rosim. Sim.

Celest. Pois isso na minha terra he ser terceira, (por não dizer outra cousa que acaba tambem em eira) e esse officio he mais proprio das lacaias, que das Princezas!

Polic. Dá-me licença, Senhora, que me retire ao meu quarto, que assim o pede a minha indisposição. *Vai-se.*

Rosim. Vai, Policena, que o meu gosto he o teu descanço.

Celest. Que te parece? E não deferio á tua proposta.

Rosim. Quem he tão discreta diz mais com o silencio, que com as vozes. Notavel amor conserva!

Celest. Por isso elle se lhe não tem perdido, porque o deitou de conserva. A menina he firme como huma rocha.

Rosim. O tempo, e a distancia a farão mudar de parecer.

Celest. Para isso não he necessario tantas cousas, ainda que muitas cousas são necessarias.

Rosim. Explica-te.

Celest. Eu conheço mulheres, que por virtude de

certos ingredientes têm huma cara pela manhã, e outra á tade: vê tu se há maior facilidade em mudar de parecer. Mas fallando a outro proposito; viste, Senhora, este novo hospede, que o mar nos deitou a estas praias?

Rosim. Não o vi: mas já me gabárão a sua presença.

Celest. He bom enxergar; pois cuidei que era só eu quem o tinha visto, e foi da janela da minha casa; pois seguro-te que he bizarro, a pezar dos infortunios, e outro que com elle entrou em Palacio, que tem modo de grande maroto.

Rosim. E por isso te agrada?

Celest. Sim, Senhora, he cousa que se dá bem com o meu estomago.

Rosim. Ai amor; e que novo estylo de render com teu imperio o meu alvedrio he o que comigo usaste? He possivel que hum retrato mudo, huma pintura sem alma (que acaso achei entre os quadros de hum Jardim) fosse Aspid, que se occultou entre as flores para ferir-me com o seu venenoso impulso! *á p.*

Celest. Não sei que manîa dá á menina de certos dias a esta parte, que humas vezes fica pasmadinha, e outras se póem a rosnar por entre os dentes! Eu a não entendo, e receio que lhe entrasse alguma cousa no corpo: ella está divertida, quero deixalla só comsigo, e ver se posso ver aos meus forasteiros. *Vai-se.*

Rosim. As letras que circulão a breve esféra do retrato, manifestão ser do Principe Polidoro. Este sem duvida he o de Polonia, circunstancias que impossibilitão mais o meu empenho amoroso; por causa das inimizades que ha entre estes Reinos. Só me deixou Celestina, parece que me advinhou os pensamentos. Ora quero dar alimento aos olhos com o formoso objecto das minhas idolatrias.

tira o retrato.

SONETO.

Galhardo objecto, peregrino em tudo,
Em não fallar não perdes o animado:
De ver-me a ti rendida, no admirado,
Antes mais vivo estás quanto mais mudo.
Quando a dmirar tanto primor acudo,
Acho que com assombro duplicado,
Se vê no original, e no traslado,
Da natureza, e da arte hum douto estudo.
O elegante pincel tanto procura
Expressar o esplendor, que na viveza
Brilhão luzes ás sombras da pintura.
Nessa afronta feliz da natureza,
Não só está com espirito a figura,
Toda a alma está em ti da gentileza.

Sabe Polidoro.

Polid. Regiamente adornadas se admirão as salas deste sumptuoso Palacio. Mas quem aqui! *ficão ambos suspensos.*

Rosim. Mas quem aqui, sem reparar....

Polid. Raro assombro da gentileza! *á part.*

Rosim. Prodigioso acaso da ventura! *á part.*

Polid. Esta deve ser a Princeza Rosimunda! *á part.*

Rosim. Este não he o original deste retrato? *á p.*

Polid. Não me atrevo a fallar de suspenso! *á part.*

Rosim. Não acerto a discorrer de admirada! *á p.*

Polid. Senhora, perdoai a hum Estrangeiro peregrino a ousadia de chegar á vossa real presença, se póde a ignorancia desculpar o atrevimento.

Rosim. Immovel me deixou esta impensada vista. *á part.*

Polid. Já o vosso silencio, Senhora, está accusando a minha inadvertencia; por não ser alvo de vossas iras, quero retirar-me dos vossos olhos.

Rosim. Suspendei o passo. Ai de mim! que dos meus olhos a culpa.... não sei o que digo. *á part.*

Polid. Socagai, Senhora, a perturbação que a minha presença vos causa; que supposto que do Reino de Neptuno me arrojou a fortuna a estas Regiões, não sou nenhum monstro marinho que vos intimide: alma racional me informa com que vos adore.

Rosim. Antes estais tão fóra de intimidar-me, que julgo segunda vez se origina amor das espumas do mar. Decóro não te percas. *á p.*

Polid. Em vós só devo contemplar a origem do amor; pois em vós só admiro a formosura de Venus. Alma não te precipites. *á p.*

Rosim.

Rosim. Não vos toca a vós applaudir-me nessa parte: ousado me pareceis.

Polid. Eu, Senhora, se vós, de amor.... mal me explico. *á part.*

Rosim. Por mais que queira dissimular esta paixão, mal o consigo. Estranha força de amor! *á part.*

Polid. Senhora, a humildade do meu sujeito podeis perdoar esta segunda inadvertencia. Move-se a lingua pelos effeitos da alma.

Rosim. He novo modo de desculpar-vos. Aggravar de novo a culpa, affectos significa?

Polid. Ninguem póde resistir-se aos impulsos soberanos. No humano peito produz os seus effeitos huma divina bellèza. Quem chega a ver-vos precisamente ha de adorar-vos; pois antes fora sacrilega desattenção não render adorações, quem contempla divindades.

Rosim. Bem visto estais nas frazes amantes; mas buscai objecto mais proporcionado. Que embarace o meu decoro o que apperece o meu cuidado! *á part.*

Polid. Bem reconheço, Senhora, que he tanta a distancia, que vai da humildade da minha pessoa, ao elevado da vossa soberania; que ainda que se articalem na minha boca as expresssões verdadeiras, chegarão aos vossos ouvidos diminutas.

Rosim. Agora me offendeis mais por enganoso, que por atrevido. Pois quereis negar cavilloso a igualdade que comigo tendes?

Polid. Que escuto, temores? *á part.*

Rosim.

Rosim. Não sois vós o Principe Polidoro?

Polid. Ainda que o queira negar a minha lingua, mal o dissimula o meu semblante. *á p.*

Rosim. Já a vossa alteração me confessou, quanto pudera esperar de vossas palavras.

Ao bastidor por huma parte Celestina, e por outra Merlim.

Merl. Oh, ei-lo cá está. Graças a Deos que já achei o menino perdido!

Celest. Oh, ei-lo acolá vem. Depois de andar quebrando as pernas, olhem onde o vim achar!

Polid. Vede, Senhora, que me não vai menos que a vida, em occultar-vos o que de vós fio.

Celest. Oh elle he dos que fião, pois cedo se perderá.

Rosim. Se vós me fias a vida, muito ha que vos entreguei a alma.

Merl. Ui, Senhores, este homem será o diabo?

Vem sahindo Celestina, e Merlim.

Rosim. Gente vem, eu me retiro: adeos Polidoro.

Polid. Força he ausentar-me: o Ceo guarde a Vossa Alteza.

Rosim. Alma, vamos a sentir novos cuidados. *Vai-se.*

Polid. Amor, vamos a intentar altas emprezas. *Vai-se.*

Merl. Ora isso he ceremonia: se eu soubera que havia de vir a desaccomodar. . . .

Celest.

Celest. Ora isso para mim he escusado : se eu soubera que havia vir a despejar a casa. . . .

Merl. Mas já vejo que não vim de balde.

Celest. Mas quero finjir-me assustada. Ai, ai! quem he ? apello eu !

Merl. Ai menina, não se assuste, que não he nada; tão feio sou eu que lhe meto medo ?

Celest. Pois eu havia pôr os meus olhos na sua cara para fazer exame.

Merl. Ouve, oh menina, ponha os seus olhos na minha cara, e verá como sou bonito.

Celest. Bonito !

Merl. E tanto que lhe hei de levar os olhos.

Celest. Não levará por certo; antes cegue que tal veja. Ai, ai como he feio !

Merl. Isso são os olhos de v. m. Que he isto ? já me vio ? que ? escapou-lhe algum olho ?

Celest. E diz bem, que hum olho he só o que lhe podia pôr.

Merl. Eu sou servidor de v. m.

Celest. Eu assento nisso.

Merl. Que lhe faça muito bom proveito; mas dessa sorte não sei se a fará limpa.

Celest. Não, porque vossé sempre ha de ficar sujo da contenda.

Merl. Fóra com a menina, que assim he tramposa ! Oh, tire-me de huma duvida; vossé he privada cá em Palacio ? Quero dizer, se tem valimento com a Princeza nas cousas secretas ?

Celest. Cuida que o não entendo, porcalhão ?

Merl.

Merl. Ah tal agrado! o modo he feiticeiro.
Celest. Deve ser algum basbaque.
Merl. Os carinhos renderáõ pedras.
Celest. Vá-se embora alforreca da praia.
Merl. Eu me vou rodilha da chaminé, esfregão da cosinha, eu me vou.
Faz que se vai.
Celest. Ai meus peccados, que se vai embora. *á parte.* Cio, ah Senhor, isso vai de veras?
Merl. Por isso estava eu morrendo. *á part.* Pois se vejo que me desprezas, que queres tu que eu mais espere? Se continúas, vou-me como hum passarinho.
Celest. Tanto me queres já, que pódes morrer por mim?
Merl. Ui? pois não, e tu amas-me?
Celest. Muito: morro por ti, como gato por castanhas.
Merl. Olhem o amor da bisbilhoteira!
Celest. Vejão a estimação com que me trata!
Merl. He bem tirada das canelas.
Celest. As finezas chovem.
Merl. Vá-se dahi palmilha suada.
Celest. Sim me hirei, fantasma com bigodes, visão com calças; sim me hirei.
faz que se vai.
Merl. Ai coitado de mim, que ella esgueira-se. *á part.* Cio; Senhora, ouve? pois adeos?
Celest. Por isso estava eu esperando. *á part.* Pois se vejo que me maltratas, que queres tu que eu faça? Se proségues, adeos dinheiro.
Merl.

Merl. Ora Senhora, já que somos iguaes, e semelhantes nos genios, tratemos de nos querer daqui em diante, e deixemos razões.

Celest. Eu venho nisso.

Sahe Bigorrillhas ao bastidor.

Bigor. Que estará aqui fazendo ha tanto tempo este passageiro intruso? Ai, ai, que cá está tambem Celestina! Ai, ai, ai, eu quero ver se a colho em algum gualdiperio.

Celest. Pois Merlim, lo dicho, dicho.

Merl. Pois Celestina, manos a la obra.

Bigor. Póde haver maior pouca vergonha! Ajustando-se estão: ella prega-me certamente. Oh zelos, que como cães danados me estais atrassalhando o coração: eu estou feito hum arenque de fumo; eu saio a embaraçar este damno, usando da minha jurisdição. Quem está aqui? *sahe.*

Merl. He boa pergunta essa, nem que fizera muito escuro: pois v. m. não enxerga?

Celest. Ai coitada de mim!

Bigor. E vós, Celestina, que fazeis aqui com este homem?

Celest. Eu não faço nada com elle, isso he fallar.

Bigor. Pois em que estavas fallando?

Merl. Ah Senhora, o Senhor he seu Pai?

Celest. Estava-mos fallando nas guerras do Turco.

Bigor. Que vos importão a vós as mortes alheas? E vós com que licença entrastes aqui nestas salas? *para Merlim.*

Merl.

Merl. Com huma que aqui trago na algibeira.
Bigor. Boa graça! mostrai-ma cá.
Merl. Sim, Senhor, com muito bôa vontade: espere, quéla ver?
Bigor. Quero.
Merl. Pois não a tenho aqui.
Celest. He descambado.
Bigor. Oh vossé atreve-se ao meu respeito? Não sabe que sou Porteiro de Palacio?
Merl. Coitadinho! sinto muito vello por portas.
Bigor. Vá se logo embora.
Merl. Eu não me posso hir.
Bigor. Porque não.
Merl. Porque tenho hum pé dormente. Celebre figura he o tal Porteiro! Ora eu quero usar com elle a primeira travessura. *á part.*
Bigor. Eu vou chamar guardas, e então veremos o que vai.
Celest. Bigorrilhas, ora não.
Merl. Celestina, não estranhes o que vires. Ora Senhor venha v. m. cá, não se enfade, que eu quero já fazer tudo o que v. m. quizer. *para Bigor.*
Bigor. Não ha que tratar.
Celest. Ora peço-lhe eu isso.
Bigor. Não ha que fazer.
Celest. e Merl. Suspende o rigor.
Bigor. Estou arrematado.
Merl. Pois se está arrematado, he necessario prendello.
Bigor. Prender-me a mim? boa graça!

Vai subindo Bigorrilhas em huma columna, que se levanta do chão, e em estando no alto, virá de cima huma gaiola, e ficará mettido nella.

Bigor. Mas ai, ai, ai, que me levão os diabos por esses ares, e ventos! Não ha quem me acuda?

Celest. Eu estou tolla de tal ver.

Merl. Ora veja; vossé estava contra mim, e no cabo por minha causa se vê em tantas alturas.

Bigor. Tomára-me eu ver por terra antes do que ver-me nestes augmentos.

Celest. Agora não te desvaneças de teres subido tanto.

Bigor. O que a mim se me desvanece he a cabeça: eu deito-me daqui abaixo, mais que quebre huma perna.

Celest. Então ficas sem pés, nem cabeça.

Merl. Sou tanto teu amigo, que te hei de embaraçar essa desgraça. *vem a gaiola.*

Bigor. Peior he esta! Eu prezo, Senhores? Tirem-me daqui, que eu não gosto de gaiolas.

Celest. Pois do que está dentro nellas? huma figa.

Cantão

Cantão Celestina, e Merlim a seguinte

ARIA A DUO.

Celest. Senhor Bigorrilhas.
Merl. Senhor Farrobilhas.
Celest. Se ao ar as amola.
Merl. Se está de gaiola.
Amb. Queremos saber.
Que casta de passaro he vossé.
Celest. Está de poleiro?
Merl. He gallo cazeiro?
Celest. Mas olha ao fumaio.
Merl. Pois he Papagaio.
Celest. Meu lourinho.
Merl. Coitadinho.
Celest. Dá cá o pé.
Merl. O outro, perro.
Celest. Toma, ah
Quer morder?
Amb. Vejão esta ave,
Que graças que tem
Morde, e dá couces
Pedindo-lhe o pé.

Vão se, e em descendo a columna, voa a gaiola.

Bigor. Ah que d'ElRei quem me acode, que estou já cançado de andar abaixo, e acima; isto he feitiçaria: este Palacio está endemoninhado.

Sabem

Sabem dous Soldados.

Sold. 1. Quem eſtá aqui dando tamanhos gritos?

Bigor. Quem ha de ſer? ſou eu: não me virão na gaiola? pois eu bem alto eſtive.

Sold. 2. Que gaiola?

Bigor. Aquella em que eu eſtive á dependura.

Sold. 1. Elle eſtá louco.

Sold. 2. Ora ande, tontarrão, não eſteja aqui amotinando o Palacio.

Bigor. Vamos, que elles hão de mo pagar a poderes que eu poſſa.

SCENA III.

Jardim. Sabem por huma parte Policena, e por outra Floriandro, ſem verem hum ao outro.

Flor. FLorida Eſtancia, onde vive de Abril eterna a pompa!

Polic. Verde retiro, onde ſó permanece a Primavera.

Flor. A buſcar venho entre voſſas plantas huma flor animada, de quem eu ſou amante gyraſol.

Polic. A buſcar venho entre voſſos agradaveis labyrinthos allivio ao meu mal, já que nelles perdi a copia do meu bem.

Ambos. Colhei pois.

Flor. Oh Policena!

Polic. Oh Floriandro!

Flor. Quanto devo á ventura o bem de ver-te!

Polic. Quanto me offende a sorte no mal de encontrar-te!

Flor. Tanto te desagrada a minha vista?

Polic. Sim, que como te devo tantas finezas, sempre a vista do crédor se faz odiosa a quem se impossibilita de pagar as dividas. Tanto te alegra a minha presença?

Flor. Sim, que como te contemplo tão divina, sempre que te vejo se renova em mim o gosto de adorar-te.

Polic. Notavel he a sua tyrannia, *á part.* Oh quem pudera achar meios para abrandar tantas durezas.

Flor. Em fim, meu bem, nem esperança me pódes dar de que algum dia serei ditoso com teu favor?

Polic. Não sei; deixa-me, Floriandro.

Flor. Tanto te offendo em querer-te?

Polic. Sim, que as tuas persuasões augmentão os meus martyrios.

Canta Floriandro a seguinte

ARIA.

Banha o mar as rochas duras,
E se abrandão tarde, ou cedo
As durezas do rochedo
Aos combates do chrystal.
Só nos mares de meu pranto,
Com que enternecer procuro,
Cada vez acho mais duro,
O teu peito, e o meu mal.

Polic.

Polic. Bem reconheço, Floriandro, o quanto te devo em querer, e o quanto deves ser querido pelas raras circumstancias com que te enriqueceo a natureza; mas he tanta a minha desgraça, que reconhecendo a divida, não posso pagar a obrigação.

Sabe Rosimunda.

Flor. Oh dura sorte! oh rigorosa estrella! Que esteja desattendido o merito, porque póde mais a força da minha desgraça, que o excesso do meu amor!

Rosim. Primo Floriandro, como vai de cuidados? Ainda ha razão para a queixa?

Flor. Ai Senhora, que viesse esta peregrina belleza sem se saber de donde, nem como, a ser inquietação do meu socego, a ser tyranna da minha vida! Sem duvida que o Deos de amor offendido, de que a izenção de meu peito negasse culto a seus altarés, quiz mandar este appetecido castigo à minha liberdade, esta doce prizão ao meu alvedrio.

Rosim. Como he appetecido o castigo, sempre será gloriosa a pena; e como he doce a prizão, sempre será suave o cativeiro.

Flor. São taes os affectos de amor, que alimenta com o que mata, e attrahe com o que tyranniza.

Rosim. Pois para que se queixa quem ama, se acha gosto no que padece?

Polido-

Polidoro ao bastidor.

Polid. Aqui está Rosimunda, e Floriandro; escutarei o que tratão.

Flor. Eu me explico melhor neste

SONETO.

Ardo amante, e na chama appetecida,
Morro do alivio, vivo do tormento;
Se do mal, que me mata, me alimento,
Não me vai no morrer menos que a vida.
A buscar este incendio me convida
No desmaio mortal mais vivo alento:
Quando a morte he da vida hum novo augmento,
Solicitão-se os golpes do homicida.
He tudo extremo quanto a amár se ordena:
Sigo hum mal donde a vida está notoria,
Hum bem deixo que á morte me condena.
No rendimento alcanço huma vitoria:
Que importa pois viver de amor na pena,
Se assim consigo de morrer a gloria?

Rosim. Em quem ha tanta discrição deixará de render-se? Que dureza não abrandará tanta eloquencia!

Polid. Isto não he outra cousa que persuadir Floriandro, e render-se Rosimunda.

Flor. Ai amada Prima, se eu fosse tão feliz, que assim me succedesse.

Rosim. Não desmaies na empreza, que não deixarás de alcançar o vencimento.

Polid.

Polid. Declarados estão os meus ciumes. Injustos fados, apenas me entreguei aos mares de amor, logo periguei nas syrtes dos zelos. Mais terrivel naufragio he este segundo, que aquelle primeiro; pois em hum periga a vida, e em outro fluctua a alma.

Rosim. He notavel o excesso, com que adoras.

Flor. Tambem he notavel o obejecto que idolatro.

Polid. Quero sahir á sua presença para mostrar que sei a sua culpa.

Sahe Bigorrilhas.

Bigor. Sua Magestade, Senhor Floriandro, perguntou por vós.

Flor. Com licença de V. A. hirei saber o que me ordena. *Vai-se.*

Sahe Polidoro.

Rosim. Polidoro.

Polid. Já Polidoro não vive.

Rosim. Os meus olhos testemunhão o contrario.

Polid. Engana-se a vossa vista; porque não póde enganar-se o meu ouvido.

Rosim. Esse seria mais facil de enganar-se; mas não te entendo.

Polid. Não he muito, que eu a mim mesmo me ignoro.

Rosim. Declara-te mais.

Polid. Não sei, mas baste que se declare a minha offensa.

Rosim. Que dizes? que offensa? Notavel inquietação te altera!

Polid. Poderei, Senhora, pois de outro amo embaraçada se sentia a alma, não dar luga a que.....

Rosim. Enigmas são quanto me propões: de quem te queixas?

Polid. Da minha injusta estrella.

Canta Polidoro o seguinte

RECITADO.

Naufragante infeliz, que derrotado
Das iras de Neptuno combatido
Me vi quasi entre as ondas submergido,
Porém favoreceo-me adverso o fado;
Que da vida infeliz no beneficio
Se mostrou mais adverso, que propicio.

ARIA.

Que importa que o mar irado
Que importa que o féro vento
Nesse liquido elemento
Me intentasse sepultar.
Oh mal haja o duro fado
Que a mais ancias me destina
Se em livrar-me da ruina
Me conduz a naufragar.

Sabem por huma parte Merlim, e por outra Celestina apressados.

Merl. Senhor.
Celest. Senhora.
Merl. Avisar-te venho de muitas novidades.

Celest.

Celest. A buscar-te venho da parte d'ElRei.
Merl. O' Senhor, tem occasiáo de brilhar.
Polid Em que?
Merl. Náo vê que leváo preza a Rosimunda? pois usa do teu valor, e tira-a das máos á justiça.
Polid. Adeos Senhora, e juntamente me concede licença para retirar-me para a minha Patria, pois que ElRei meu Senhor me náo impede a partida.
Rosim. Se meu Pai náo quer impedilla, eu saberei embaraçalla. *Vai-se.*
Celest Ora pegue-lhe lá com hum trapo quente.
Merl. Máo! Estás embargado na estalagem? Pois de veras vas-te? Para que he isso? Se tu estás prezo, como has de ausentar-te? Eu apostarei que te náo vás, ainda que te deitem a páo.
Polid. Sempre, Merlim estás para graças? Oh se souberas quanto padece quem ama!
Merl. Boa graça! Pois tu cuidas que eu sou táo papa páo, que náo tenha o meu fatacaz de amor muito formoso?
Polid. Como o amor he sentimento, tu que te alegras, náo deves ter amor.
Merl. Ai Senhor, ambos o temos; mas tu tens hum amor choramigas, e eu hum amor de rir, e folgar. Mas fallando ao serio, sabe que ElRei chama sua filha, e a Floriandro, para fazer huma consulta sobre o seu casamento; porque varios Principes a pedem para esposa; e como já entre nós náo ha segre-

dos, pois tu já sabes as minhas manhas, e eu as tuas qualidades, eu me offereço a ajudar-te neste empenho.

Polid. Eu a dar-te o premio empenhado estou.

Merl. Eu terei industria para examinar tudo o que se passa, porque com huma prenda de meu mestre Pedro de Bayalarde, que he hum anel magico, que faz invisivel a quem o traz no dedo, posso entrar em qualquer parte seguro de ser visto.

Polid. Pois, Merlim, não gastes tempo; e pois essa luminosa causa dos despenhos Icareos, corre a boscar nas ondas refrigerio a seus ardores, na alameda espero a tua noticia. *Vai-se.*

Merl. Alli vem Celestina, supponho que me bispou, e vem a mim direita como huma setta; mas eu não lhe posso por ora ser bom. Mas ai, ai, ai, cá vem por outra parte tambem o celebre Bigorrilhas, e vem-se a mim como hum raio: deixem-me tirar o anel, e fazer-lhe huma pessa, porque agora he preciso acudir a maior empenho.

Sabem por huma parte Celestina, e por outra Bigorrilhas apressados, e ao chegar elle, se faz Merlim invisivel, e elles ficão admirados.

Bigor. Senhor Merlim.

Celest. Senhor Merlim.

Amb. Aqui se pagão ellas.

Merl. Anel *me fecit.*

Amb. Mas que he isto!

Bigor. Ha caso semelhante!

Celest. Ha caso mais notavel!

Merl. Como ficaráõ tolinhos feitos figura de matachins! Eu venho já. *Vai-se.*

Bigor. Eu estou estupefacto.

Celest. Eu estou espavorida.

Bigor. Eu havia jurar que era Merlim.

Celest. Que era Merlim havia de affirmar.

Bigor. Aquelle homem he o diabo em carne humana.

Celest. Se elle não he feiticeiro, não ha verdade nas cartas.

Bigor. Ora Senhora Celestina, eu entendo que o fazella á v. m. Madre toca ao Senhor Merlim.

Celest. Veja como falla no meu credito.

Bigor. Que? arde-lhe? Vossê quer mostrar que quem se queima alhos come?

Celest. Alhos comerá elle para villão ruim.

Bigor. Cuida que lhe não entendo as suas alhadas?

Celest. Isto he cousa que se crêa? Bom anda o meu credito.

Bigor. Bom? nunca eu o vi mais achacado, e peior ha de ser em eu fazendo queixa a ElRei.

Canta Celestina a seguinte Aria, e

RECITADO.

Mofino, porco, sujo, fedorento;
Cara de mono, orelha de jumento,
Oh permitta a fortuna em teus pezares,

Que

Que quando chocalhares,
Ao mover essa lingua mal dizente,
Cada palavra te esmigalhe hum dente,
E que acabes a historia de contado,
Porque fiques de todo desdentado.

A R I A.

Ai de mim que fui fazer!
Eu irada contra ti?
Mas se nisto te offendi,
Já te quero enternecer:
Promette de não fallar,
Se não vê que hei de chorar.
Ai, ai, ai, que não tem dó,
Se te chego a persuadir,
Não me dês mais que sentir,
Olha que to peço eu:
E tu serás sempre o meu
Macaquinho, quinho có.

Sahe Merlim ao bastidor.

Merl. Ora cá estamos todos.

Bigor. Por certo que me tem lastimado as tuas lagrimas, ainda que me tem offendido as tuas iras.

Celest. Has de fazer queixa de mim?

Bigor. Ai amor, que me tens feito o coração n'um crivo.

Celest. Muito me importa que elle não descubra de mim nada. *á part.* Não fallas? não respondes?

Merl.

Merl. Com muito carinho lhe falla, e muito se chega á rapariga.
Bigor. Só o não farei se vossé fizer huma cousa.
Celest. Eu, conforme ella for.
Bigor. Pois he.
Merl. Ora anda.
Bigor. Que tu.
Merl. Ora toma.
Bigor. Queres.
Merl. Aduba.
Bigor. Dár-me.
Merl. Dá-lhe, que dá-lhe.
Celest. Ai, acaba de declarar-te.
Bigor. Eu tenho muita vergonha.
Merl. Boa nova para o pai da criança.
Celest. Com isso te sahes agora?
Bigor. Pois quero que vossé me dê hum abraço muito apertado.
Merl. Isso he muito apertar com os amigos.
Bigor. Pois que dizes?
Merl. Quem calla parece que consente.
Celest. Eu que hei de dizer? Se tu queres, toma-o, mas não to hei de dar, que não tenho confiança para isso.
Bigor. Sou contente: ora eu vou lá.
Merl. Ah pobre Merlim.
Celest. Que? tenha mão para lá, ha de primeiro prometter.
Bigor. Ui, quanto tu quizeres.
Celest. De não dizer nada de mim, nem de Merlim.
Merl. Isto he defender-me, ou aggravar-me?

Bigor.

Bigor. Eu prometto.
Celest. Ora levante o dedo para o ar.
Bigor. Aqui está levantado.
Merl. O homem tem dedo para a cousa; mas logo verá o que lhe succede.
Celest. Ora vem já, antes que venha alguem.
Bigor. Eu vou meu bem; está-me bailando o coração no peito.

Ao querer chegar, no meio dos deus se levantarão muitas chammas, e Celestina se vai por huma parte, e Bigorrilhas quer hir para a outra.

Bigor. Mas ai, ai, ai! que me abrazo! que me queimo! Os favores de Celestina, são fogo viste lingoiça, e eu vou-me com o fogo no rabo.

Sahe hum diabrete.

Diab. Ora venha cá esse abraço.
Bigor. Peior he esta, Senhor diabo deixe-me, assim nosso Senhor lhe dê saude. Ai que me faz deitar o bofe pela boca fóra; olhe que se me matar, que não havemos ser mais amigos.

Vai-se o diabrete, e continúa Bigorrilhas.

Bigor. Vai-te com dous mil demonios, que eu me vou por esta parte.

Sahe hum touro.

Bigor. Ai que encontro tão terrivel! Quem me acode,

acode, que morro nás pontas de hum touro. Lá vão quatro costellas dentro; confissão.

Sahe Merlim.

Merl. Que he isto, Bigorrilhas?

Bigor. Que ha de ser? hum touro, que me tratou desta sorte.

Merl. Essa sorte foi azar.

Bigor. Ai, ai, ai.

Merl. Coitadinho!

Bigor. No diabo não fallo eu.

Merl. Nem isso he cousa em que se falle. Se quererá elle mais abraços? *á part.*

Bigor. Ajuda-me, Merlim, que em sarando, eu deixarei o Palacio, que aqui andão os diabos soltos. Ai!

Merl. Não chores, que isso não he nada.

SCÊNA IV.

Bosque. Sahem Policena, e Celestina.

Celest. NEste sitio, Senhora, onde o Zefiro brandamente respira, causando hum suave rumor nas folhas que move, pódes hum pouco divertir-te, em quanto pará o mesmo effeito vou conduzir a Rosimunda.

Polic. Agradavel retiro para o meu cuidado: aqui o silencio apenas interrompido do brando movimento destes verdes ramos, está convidando a contemplações amantes: aqui parece tem a sua propria habitação a saude.

Celest. Folgo muito que te agrade. E no entanto vou avisar a Floriandro, que já me pagou de antemão o encontro que aqui deseja ter só com ella. *á part.* Fica pois dando allivio ao teu cuidado, e não te ausentes até que eu não torne com a Princeza. *Vai-se.*

Polic. Aqui espero. Notavel inquietação me tem causado a perda do retrato de Polidoro; pois sendo achado, precisamente serei conhecida: desgraças minhas são, e novas ingratidões suas: ouvi bosques as minhas queixas.

SONETO.

Já passa a ser verdade o fingimento
De hum cruel, de hum ingrato na figura;
Pois dar não quiz nos longes da pintura,
Nem por sombras allivio ao meu tormento.
Deixou-me, e não só da arte no portento,
O inanimado dasmentir procura:
As semelhanças que o pincel apura,
Lhe acreditão vital o movimento.
Não sómente no engano colorido,
Com vida o contemplei; mas do seu trato
Hum traslado fiel foi o fingido:
Pois na copia que imita o termo ingrato,
Se ostenta o exemplar mais parecido
Quanto mais de mim foge o seu retrato.

Mas que digo, que novidade he fugir-me hum ingrato a quem amo, hum tyranno a quem busco, se nelle sempre reconheceo tibiezas o meu cuidado? Oh duro rigor!

Quem

Quem sempre ha de desprezar hum amoroso effeito !

Merl. Polidoro. *Dentro.*

Polic. Mas que escuto ! O nome não ouvi de Polidoro ? Ou esta voz foi oraculo do desengano, ou fantazia do desejo. Admirada me tem neste novo acaso. Amor sem duvida toma por sua conta o affligir-me com maior especialidade, talvez castigando com as certezas da ingratidão que sinto, as que injustamente mostro, quando reconheço, que sómente sabe adorar-me.

Rey. Floriandro. *Dentro.*

Polic. Já não póde enganar-me o meu ouvido ; pois segunda vez me responde o verdadeiro oraculo destas selvas. Em rara suspensão me vejo !

Sahe Polidoro,

Polid. A voz de Merlim ouvi, que sem duvida anda buscando-me ; mas como não tornou a chamar-me, perdi o tino, sem saber aonde. Porém que estão vendo meus olhos ? He sonho, ou verdade o que experimento ?

Polic. Que prodigioso acaso ! Darei credito á vista, ou será illusão da fantazia ?

Polid. Policena, he possivel que a ventura me depare, quando menos o esperava, o que ha tanto tempo busco ?

Polic. He possivel que venha a encontrar depois de tantos desvelos, o que tanto tenho desejado ?

Sa-

Sabe Rosimunda ao bastidor.

Rosim. Aqui encoberta destes verdes ramos verei o que passa Floriandro com Policena. Mas que vejo, penas! Polidoro he o que em lugar de Floriandro se acha!

Polic. Não sei como agradeça á sorte o gosto de ver-te: ainda não creio a minha ventura.

Polid. Feliz foi a minha dasgraça, se o naufragio que padeci nessas rochas foi caminho para chegar a esta fortuna. Ai Rosimunda adorada! *á parte.*

Rosim. Ah traidor! Ah falso! E para isto affectaste ciumes, acumulando aggravos a quem só deves finezas?

Polid. Oh quanto ha que te busco para allivio de tantos cuidados que te esperão.

Polic. Bem me tira a duvida, de que são os cuidados seus.

Sabe ao outro lado Floriandro.

Flor. ElRei me anda buscando, pois a sua voz ouvi; porém quero primeiro ver se posso neste sitio ver a causa de meus tormentos. Porém que he isto, pezares! o meu lugar se acha substituido de hum estrangeiro peregrino?

Polid. Socega pois o peito, que já a ventura se nos mostra favoravel.

Polic. Já com a tua vista se allivião as memorias, e saudades que me affligem o coração. Ai Polidoro se me amáras! *á part.*

Flor.

Flor. Ah cruel! ah tyranna! Para isto me mostravas rigores, desprezando o meu nobre amor, se tão depressa te rendes a hum pobre, e derrotado peregrino?

Polid. Socega pois Policena, e dissimula até que eu execute o que tu verás.

Sahe Rosimunda irada.

Rosim. Não verás, infiel, que primeiro verás tu os estragos do meu furor.

Polid. Ha mais infortunios, amor!

Polic. Não tenhas, Senhora, por infidelidade ao meu proceder até que eu o contrario te mostre.

Sahe Floriandro.

Flor. Não me mostrarás, tyranna, antes mostrarei reduzida a cinzas a causa de tanto ardor.

Polic. Não julgues, Senhor, que. . . . . sem vida alento. *á part.*

Polid. Não imagines, Senhora, que. . . . sem alma respiro. *á part.*

Cantão Rosimunda, Floriandro, Polidoro, e Policena o seguinte

RECITADO A 4.

Rosim. Oh mal haja quem fia na lealdade
De quem na fé de amor vive suspeito.
Flor. Oh mal haja o que rende hum firme peito,
A quem tem por firmeza a variedade.
Polid. Oh não tenhas de falso em vil conceito

A quem só se alimenta da verdade.

Polic. Oh não supponhas da inconstancia effeito
O bem que o peito alcança
Que amar a vida nunca foi mudança.

A R I A.

Flor. e Rosim. Oh tyrano Deos Cupido,
Que apurando o teu rigor,
A quem mais se vê rendido
Es injusto, infiel traidor.

Polic. Que feitiços me tens feito
O' Cupido suprior
Que sinto abrazar-me o peito,
E appeteço mais o ardor.

Polid. Leve a vida o sentimento
Que em tal pena, oh Deos de amor,
Será eterno o meu tormento
Se não morro a tanta dor.

Flor. Oh tyranno Deos Cupido
Polic. Que feitiços me tens feito!
Rosim. Es injusto, infiel traidor.
Polic. O' Cupido superior.
Polid. Leve a vida o sentimento
Flor. Es injusto
Polid. Oh Deos de amor.
Polic. Que feitiços me tens feito
Rosim. Es injusto, infiel traidor.

Sahem Merlim ao bastidor.

Merl. Grande rumor aqui se escuta, que será?

Sabe

Sahe ElRei ao outro lado.

Rey. Não sei que vozes confuzas aqui ouço, o motivo saber quero.

Já o Theatro estará com pouca luz.

Rosim. Não sei como tenho soffrimento para não vingar-me desta aleivosa.

Flor. Não sei como não satisfaço a minha cólera neste tyranno.

Sahe ElRei.

Rey. Suspendei os furores, e dizei-me a causa de tanto excesso.

Merl. Aqui he preciso valer-me das minhas habilidades, e tomar differente fórma para livrar a Polidoro. *Vai-se.*

Rey. Floriandro, quem póde ser motivo desta confusão?

Flor. Esse aleivoso que..... Mas diga-o Rosimunda, que a cólera me não deixa expressões para relatallo, quando mais me embaraça o teu respeito. *Vai-se.*

Rey. De ti, Rosimunda, espero a noticia do que cada vez mais ignoro.

Rosim. Esse monstro de traições..... Mas a tua soberana presença me perturba. Diga-o Policena, que ella melhor que todos o sabe. *Vai-se.*

Rey. Declara tu, Policena, este enigma.

Poliç. Pois de ambos he huma a causa, diga-o o Principe Polidoro. *Vai-se.*

Sahe.

Sabe Merlim junto a Polidoro vestido de galego, e diz para Polidoro.

Merl. Com este anel te pódes encobrir, vai-te.
Vai-se.

Rey. Que he o que escuto! O Principe Polidoro! Alguma traição receio. Olá guardas, tragão aqui luzes.

Sabem dous Soldados.

Sold 1. Que nos manda V. Mageftade?
Rey. Segurai-me esse traidor.

Sabe do chão huma véla aceza.

Merl. Não he necessario mandar buscar luzes mais longe.

Sabem por huma parte Bigorrilhas, e Celestina por outra.

Celest. Que bulha será esta?
Bigor. Que motim será este?
Rey. Chegai me essa luz, que aqui tudo são prodigios.

Vai Bigorrilhas a pegar na véla, e dá-lhe hum tremor.

Bigor. Ai! que he isto! Eu estou tremendo por mim.
Rey. Cheguem-me essa luz.
Bigor. Eu não posso: ai, ai, que estou azougado.
Merl. Está galante bule bule.

Rey. Já a minha impaciencia me suffoca.

Celest. Mostra cá essa luz, e vai-te abafar que estás com a sezão.

Bigor. Ahi a tens.

Celest. Ai coitadinha de mim, que me pegou o mal; e eu estou com convulsões.

Merl. Ella ahi em tremuras.

Celest. Quem me tira isto da mão, que já não posso estar mais tempo da-lhe que darás.

Rey. Dai-me essa luz, barbaros. *pega na véla.*

Celest. Ora vejão, e ficou-me a mão toda pingada.

Bigor. Olá, só ElRei não ficou tremulo.

Vai ElRei chegar a Merlim, e voa-lhe a véla.

Rey. Raro assombro! Aqui ha grande traição.

Merl. Adeos luzes.

Bigor. *Bolaverunt*.

Celest. Deixou voar a véla; mas não está mais na sua mão.

Sahem dous guardas com luzes.

Rey. Mas maior assombro he o que admiro, e vejo. Que differente objecto he este do que até aqui imaginava!

Merl. Ora olhem de que se admira.

Bigor. Ui, Senhores; donde veio este pinto calçudo?

Celest. Galante badameco.

Rey. Homem, ou aborto vil destes bosques, dize quem és?

Merl. Eu num estou aborco nestes brosques

capor porque num me bem estar em pé!
! Ai Senhores num me fação mal ai, ai.

Rey. Sem mim estou! Como estás nesta Região?

Merl. Avijam? nome de sovenта hora! Eu num sum avijam nem coiza do oitro mundo.

Rey. Digo quem aqui te conduzio?

Merl. Aqui ninguem me consumio, sómente vossas merces agora he que o faram se quigerem ser serbidos.

Rey. Já perco a paeiencia: homem falla verdade, e responde ao que te pergunto.

Merl. Se eu foiber, eu fallarei a berdade; mas canto ao mais, eu num som táo mal ensinado, que responda a bossa remerencia.

Rey. Quem te mandou a este sitio?

Merl. Nós biemos eu a mais oitros oito camaradas da nossa terrinha pelegrinando se bossa remerencia nos désse huma esmólinha muito bem á máo, se num paciencia.

Rey. E com que intento vieráo.

Merl. Nós num trouvemos jumento nenhum.

Bigor. Eu estou estalando pelas ilhargas.

Celest. Se ElRei náo estivera táo enfadado, eu já tinha soltado a gargalhada.

Sold. 1. Homem vê o que fazes, náo te finjas, e se és o que pareces, dize quem aqui te mandou.

Sold. 2. Se náo vê que ElRei te mandará tirar a vida.

Merl. O Senhor he ElRei? Ora loibado seja Deos, eu cuidaba que ElRei era oitra coisa:

elle

elle tem o mesmo que eu tenho, e tambem anda com as pernas.

Sold. 1. Responde ao que te perguntão, e tem respeito a Sua Magestade. *da-lhe.*

Merl. Ai, ai, ai. A' delRei num ha justiça, num ha quem me acuda, lá bai o mei braço.

Rey. Não chores; vem cá, dize que terra he a tua?

Merl. Eu som nacidiço de Monson, e lá me bem huma Abó das partes de Lugo, num ai num falo eu, que num he para falare: em canto cabidal num hei bergonha de nenhum; porque mei Pai me deixou humas coirelas de binhas, e mais catro bicos muito bons com que passaba muito bem remediado: mas famicas doì ao demo huns amoricos, que tuve com huma cachopa, que se chamaba Madanela, porque por amor della me sahi, e para mor della me derreárão o palaio, e antanees. . . . .

Rey. Basta, basta, que já não ha soffrimento para ouvir-te. Ai de mim! grande mal receio! Soldados, levai esse homem, e prendei-o na torre de Palacio, que á manhã confessará no tormento, o que hoje nega cauteloso. *Vai-se.*

Bigor. Ora criado Senhor Galego, vossé não quer responder a proposito; pois á manhã lho perguntarão. *Vai-se.*

Merl. Num, num hão de fazer mal, má oxa.

Celest. Lá verás quando te chegarem a roupa ao couro. *Vai-se.*

Merl. Boce num ſave com quem falla.
Sold. 1. Ora ande não dê ralhos.
Merl. Digo que num quero.
Sold. 2. O' magano he atrevido ?
Merl. Bá lá dar no diabo ; cuida que nu juſtiça , tome , tome. d.
Sold. 1. O' inſolente , reſiſte , venha aman que ha de ficar prezo a huma corrente.
Merl. Num me corro com iſſo (á mar vereis.) á
Sold. 2. Ande prezó.
Merl. Ora eſcuitem , que ſe me recordou huma coiſa na minha memoria : querem ouvir como ſe canta na minha terra , e bai.

Canta Merlim a ſeguinte

A R I A.

Mei diamante d'azabiche ,
Minha pelora encarnada ,
Minha pedra de abada
Minha rica Madanela
Mais vella ca num ſei que
Num me leixes da linbranſa ,
Porque eu leixar-te num hei.
He , he , he , faſta moreno ,
He , he , he , faſta bragado :
Se nunca havedes probado
D'amor o dulce beneno ,
Por frexa neſſe coſtado
O aguilhon bos chantarei.

Sol

Sold. 1. Isso está muito bom, mas vossé chorará á manhá pelo que hoje cantou.
Sold. 2. Venha prezo.
Merl. Se eu hei de hir prezo, lebem-me boces, que eu pelo mei pé num bou.
Sold. 1. Venha seja como for.
Sold. 2. Vamos.
Merl. Eu som o que bou agora, mas á manhã boces berão o que bai.

ACTO II.

SCENA I.

Sala. Sabem Rosimunda, e Policena.

Rosim. AQui pódes, Policena, proseguir a narração dos teus successos, por não perder a occasião de fallar a ElRei meu Pai, que por este sitio ha de passar á torre de Palacio. Ai Polidoro, que hoje me lastimas prezo, se hontem me offendeste livre! *á parte.*
Polic. Roubada pois que fui, bella Rosimunda, dos Estrangeiros Piratas, fazendo azas das inchadas vélas a inimiga náo, mais ligeira voava que o mesmo vento que a conduzia. Quem duvida que os effeitos da minha pena fazião apressar mais a minha desgraça? pois

com

com os meus olhos dava ao mar novas correntes, e com meus ſuſpiros novo impulſo aos ares. Depois de tantos ſeculos de tormento, quantos elles contaváo dias de viagem, no eſpaço de hum mez, entre varios accidentes, que náo relato, chegámos a aviſtar huma dezerta Ilha, aonde para fazer agoa, tomámos terra. Deſembarcáráo alguns, e com elles para divertir-me, quiz o Capitáo (o qual para maior martyrio meu ſe moſtrava inclinado á cauſa da minha deſgraça) que eu tambem o fizeſſe, o que foi motivo da minha ventura; pois divertido elle no exercicio da caça, deixando a meſma ſolidáo por ſegura guarda da minha peſſoa, ſe apartou de meus olhos: e como eu dos ſeus ſó deſejava auſentar-me eternamente, deparando-me a ſorte huma profunda concavidade, cuja horrivel boca cobrio a natureza de emmaranhadas ramas, antepondo os horrores da morte aos trabalhos de huma penoſa vida, entrei nella penetrando os mais intimos ſeios daquella lúbrega eſtancia. Perdida pois com o meu retiro nos Piratas a eſperança de achar-me, porque a providencia do Ceo lhe encobrio a elles, o que a mim ſó quiz manifeſtar-me, ſe foráo, entendendo ſem duvida, que a minha deſeſperação me tinha precipitado no mar. Sahi daquella eſcura habitação de noite, e no ultimo de tres dias, em que a vida ſe conſervou alimentada de frutos ſilveſtres, dei vozes a huma pe-

queno

quena embarcação, que não longe da terra passava: acolhêrão-me piedosos os navegantes, e como erão vassallos teus, me trasladárão desde os braços da minha instavel fortuna, ao seguro asylo de teus pés, aonde até aqui tinha vivido mais animada dos teus favores, que dos meus alentos, e aonde o Principe Polidoro, mais a impulsos de obediente, que a impulsos de amante me achou impensadamente, sendo o seu naufragio indicio da minha vida; pois quem vive entre desgraças, só se acha pelo caminho dos infortunios.

Rosim. Supposta, Senhora, a verdade dos teus successos (a qual não duvido) acompanhando o credito que se te deve, circunstancias particulares que pondero; duas vezes te peço perdão, huma de não ser até aqui o teu trato medido pelo teu merecimento, e outra pela indignação que contra ti mostrei no passado successo; pois ignorante das causas que me relatas, vendo-te com Polidoro naquelle sitio julguei excesso indecoroso, o que foi natural affecto.

Polic. Ai Polidoro, que quando por ti suspiro, só sinto o que por mim padeces!

á part.

Rosim. Não te afflijas pois, Senhora, que ambas pediremos a ElRei meu Pai, a libardade de Polidoro, o qual será preciso digas que he irmão teu, emendando de algum modo o que dizes chegaste a declarar. Ai Polidoro, que

que ao mesmo tempo me tens zelosa, e lastimada! *á part.*

Sabe ElRei, e dous guardas, e passa sem reparar.

Rey. Hide adiante a franquear-me a entrada da torre, que eu mesmo quero ser o que faça este exame.

Rosim. Divertido passa ElRei, he preciso atalhar-lhe os passos. *Vão-se os Soldados.*

Rosimunda, e Policena se põem de joelhos aos pés d'ElRei, huma de huma parte, e outra da outra.

Polic. Rei Soberano.

Rosim. Pai, e Senhor.

Polic. Se he proprio em hum animo generoso.

Rosim. Se he natural em hum Real peito.

Polic. A clemencia.

Rosim. A piedade.

Polic. Tem, Senhor, compaixão.

Rosim. Tem lastima, Senhor.

Ambas. De huma innocencia opprimida.....

Rey. Levantai-vos, e dizei-me qual he o motivo que a tanto empenho vos move? E tu Rosimunda, como com tal efficacia me rogas? He possivel que haja cousa que a tanto te obrigue? Confuso estou. *á part.*

Rosim. Ai se souberas o que minha alma sente! *á part.*

Polic. Ai se tu viras quanto meu coração padece! *á part.*

Rey

Rey. Falla, Rosimunda, acaba.

Rosim. A rogar com tanto empenho me obriga, Senhor, o grande affecto que Policena tem grangeado em meu peito; e como a amizade nos tem igualado tanto, sendo sua a causa, tambem he minha. Minto que ella he mais minha do que sua. *á part.*

Rey. Com táo poderosa intercessáo, bem póde Policena pretender animosa.

Polic. Pois que tanto me anima o teu favor, mais alentada prosigo. Esse infeliz Estrangeiro, que opprimido dos laços da tua ira, está para ser objecto dos teus olhos, he irmáo meu, que a estas Regióes chegou por hum acaso da ventura; acha-se prezo sem culpa, pois nem huma acçáo obrou, que lhe tirasse a innocencia.

Rey. Espera, náo prosigas. Notavel engano! *á part.* Pois affirmas ser irmáo teu esse infeliz?

Polic. Huma, e mil vezes o affirmarei.

Rosim. Já de toda a verdade de seus successos estou informada; e como tudo condiz com o que desse Estrangeiro já se me contou, náo acho nenhuma razáo em que funde a minha incredulidade.

Rey. Grave damno receio; pois já escrupoliso até da verdade de Rosimunda. *á part.* Sujeito táo indigno he impossivel ser irmáo de Policena.

Rosim. ElRei na sua suspensáo se mostra vacilante. *á part.*

Rey.

Rey. Quero deixar-me enganar para assim descobrir novos enganos. *á part.* Pois qual foi, Rosimunda, a causa que te obrigou a tanto enfado a ti, e a Floriandro, contra elle?

Rosim. Como ignorava, Senhor, o que já Policena tem declarado, estranhava que ella, e esse que agora reconhecemos irmão seu, estiverão em tal sitio sós, e a tal hora; pois nelle julguei algum atrevimento indecoroso ás paredes de teu Real Palacio. Levados pois deste motivo, rompemos eu, e Floriandro no excesso que ouviste.

Rey. E tu como nomeaste em tal occasião ao Principe de Polonia, meu inimigo?

Polic. A natureza, Senhor, formou em meu irmão hum tão vivo retrato do Principe Polidoro, que era na Corte pasmosa admiração de quantos a ambos os admiravão; pois não só erão na fysionomia semelhantes, mas até parece que hum mesmo espirito os anima. Vendo eu em fim que todos contra elle irados se mostravão, quiz defendello com o que mais o arrisquei, dizendo que elle era o Principe Polidoro; mas já vejo que sahio errado o meu discurso, e castigado o meu engano.

Rey. Cada vez vou reconhecendo maior o que me querem fazer. *á part.* Sempre do Principe de Polonia ouvi exaggerar a bizarria, e agora me querem persuadir o que tem semelhanças com hum pobre mendigo.

Rosim. Modéra pois a ira, que contra elle

mos-

moſtras, e ſeja a ſua innocencia motivo da tua piedade.

Polic. Eſpera, que o teu peito mais ſe enternece, e rende ás minhas vozes.

Canta Policena a ſeguinte

ARIA.

Vive izenta a planta humilde,
Pois dos raios a violencia
Só onde acha reſiſtencia,
Executa o ſeu furor.
Aſſim pois no heroico peito
Não conſentirá a piedade,
Que a innocencia, que a humildade
Seja objecto do rigor.

Rey. Quero já expôr aos ſeus olhos na couſa de minhas duvidas, o motivo do meu receio. Olá, trazei á minha preſença livre das prizões que o opprimem, a eſſe infeliz Eſtrangeiro.

Sahem dous Guardas.

Guard. 1. Não ſerá poſſivel, invicto Monarca, cumprir o que nos ordenas; porque com a ſombra notavel de quantos a admirão, abrindo-ſe as portas da ſegura prizão que o guardava, não ſe acha, nem raſto por onde eſcapar pudeſſe.

Guard. 2. E o que mais digno ſe faz de admiração, he que ſe ſoltaſſe de huma groſſa cor-

corrente em que foi posto, deixando-a dividida em miudos padaços.

Rey. Raro assombro! *fica suspenso.*

Polic. Dura pena! *á part.*

Rosim. Mortal ancia! *á part.*

Rey. Sobrenatural parece quanto succede neste Palacio: em notavel confuzáo me sinto. Vós outros parti logo acompanhados de maior numero dos da minha guarda, a ver por diversos caminhos se achais esse traidor fugitivo. *Vão-se os guardas.*

Polic. Sem duvida que com a ancia de livrarse da morte, rompeo difficuldades por ir-se aonde meus olhos o chorassem sem remedio ausente. *á part.*

Rosim. Sem duvida que com o temor de perder a vida, rompeo impossiveis por escapar-se de donde nunca mais seja objecto dos meus olhos. *á part.*

Sabe Celestina por junto de Rosimunda, e fica ao bastidor.

Celest. A dar parte á Princeza venho, de que não he Polidoro o prezo.

Sabe Merlim por junto de Policena, e fica ao bastidor.

Merl. A dar aviso venho a Policena, que não descubra ao Principe, emendando de algum modo o passado erro.

Sabe Bigorrilhas pela parte de fóra, e faz o mesmo.

Bigor. Seja como for, eu hei de dizer a El-Rei, que Merlim he hum fino feiticeiro.
Rey. Táo confuso, e receoso me vejo, que náo sei em que hei de determinar-me. *á p.*
Rosim. Sem alma estou, quando considero a Polidoro ausente. *á part.*
Polic. Sem vida estou, quando ausente de Polidoro me considero. *á part.*

Celestina chega junto de Rosimunda, e logo se retira.

Celest. Senhora.
Rosim. Póde haver maior infelicidade, que ser eu com a minha indignação causa do meu tormento! *á part.*
Celest. Senhora.... *a Polic.*
Polic. Póde haver maior desventura, que pronunciar a minha voz a sentença da minha morte! *á part.*
Merl. Ella está despachando.

Bigorrilhas chega junto a ElRei, e se retira.

Bigor. Saberá V. Magestade, que lhe quero fallar em segredo.
Rey. Aquellas cousas me dicta o receio de futuros damnos. *á part.*
Bigor. ElRei faz ouvidos de mercador.

Chega Celestina a Rosimunda, a qual na acção de quexar-se lhe dá no rosto.

Celest. Bella Rosimunda.
Rosim. Deixa-me, molesta fantasia.
Celest. Ai apello eu! Oh boca que tal disseste Senhora, e não sei que diabo de nome me chamou.

A Merlim succede o mesmo.

Merl. Policena.
Polic. Vai-te pensamento importuno.
Merl. Pensamento importuno se-lo ha ella: fóra com o talho! Ora he a primeira vez que em Palacio me chegárão aos narizes.
Rosim. Vamos a baralhar, cuidados. *Vai-se.*
Celest. Pois não irá só, que serão muitos os contrarios. *Vai-se.*
Polic. Vamos a morrer, desvelos. *Vai-se.*
Merl. Pois eu te vou metter a véla na mão. *Vai-se.*

Chega Bigorrilhas a ElRei, o qual falla entre si.

Bigor. Senhor, eu quero fallar ao serenissimo ouvido de Vossa Realissima Mageštade.
Rey. Que me dizes, coração?
Bigor. Notavel agrado tem este Rei de Ungria: olhem o carinho com que me trata! parece que me namora.
Rey. Falla, falla, vaticina-me os meus males.

Olha

Olha Bigorrilhas para todas as partes a ver se be com outrem.

Bigor. Comigo he: eu chego animoso, pois elle mesmo a fallar me convida. Ora eu cuidei que isto de fallar a ElRei era alguma bicha de sete cabeças.

Chega ao ouvido d'ElRei, e elle torna em si, e se enfada.

Bigor. Senhor, eu.

Rey. Que imentas, atrevido? que ousadia he esta?

Bigor. Digo, que quando, como, já, logo, ao depois, mas eu não sei o que digo: quero dizer, que se acaso.... mas isto não quer dizer nada.

Rey. Falla, ou te mandarei tirar a vida.

Bigor. Oh quem nunca nascêra! Em negra hora me pario minha Mãi! Soltárão-se-me as prezas, e os calções já não pódem com a carga. Digo que se vossa como se chama queira saber as aquellas do aquelle: como he a sua graça?

Rey. Que dizes?

Bigor. Digo, que Merlim, e Celestina, mais eu, mais Celestina, mais Merlim, mais ella, mais elle, mais eu: esta he a pura verdade.

Rey. Não te confundas.

Bigor. Sim Senhor, he feiticeiro.

Rey. Quem.

Bigor. Não Senhor, foi hontem.

Rey. O que?

Bigor. Sim Senhor, eu o vi.

Rey. O medo o confunde.

Bigor. Eu já não estou capaz de estar aqui, porque de necessidade hei de estar dando máo cheiro ao Real nariz de Vossa Magestade. *Vai-se.*

Rey. Até isto que tão mal percebi, me conduz a maiores suspeitas. Ai de mim! grande mal receio!

Sabe Floriandro.

Flor. Senhor.

Rey. Floriandro, que tens de alegria?

Flor. O que a ti te póde dar o maior gosto. Agora junto do Bosque encontrei a esse Estrangeiro a quem desejas achar.

Sabe Polidoro, e ajoelha.

Polid. Senhor, não sei porque culpas me condemnão!

Rey. Dize, Floriandro, em que delinquio Polidoro?

Flor. Pois este não he, Senhor, o que se achou no jardim com Policena?

Merl. Pois sua irmã era alguma pessoa estranha? Não, disso não tinha ella nada, que mui bem se chegava para elle. *á part.*

Rey. Ha maiores confuzões! Com que tu és irmão de Policena?

Polid. Ella, Senhor, confirmará essa verdade, que hontem a vi, quando mais fóra estava de a considerar em Ungria.

Flor.

Flor. Já o meu mal he menor do que cuidava. *á part.*

Merl. Aquelle Galego, que alli hontem appareceo, devia de ser algum grandissimo feiticeiro, pois fez taes enredos. Polidoro, Senhor, diz que quando vio o negocio mal assombrado, se fez desentendido, ou se metteo no escuro, que he o mesmo, e valendo-se das sombras, poz arvores em meio para escapar de tanto rigor.

Rey. Agora com mais razão pódes viver em Palacio, pois nelle se acha tua irmã, e nelle de novo te offereço amparo. Vem, Floriandro. *Vai-se.*

Flor. Já te sigo: tu em mim terás o maior amigo. *Vai-se.*

Polid. Favor he que estimo quanto devo.

Merl. Ora fique-se nas horas de Deos, que desta já está livre; ahi vem Rosimunda, e eu vou a casa de Celestina. *Vai-se.*

Sahe Rosimunda.

Rosim. Polidoro, Senhor, he certo que estou logrando o bem de tua vista?

Polid. Rosimunda, Senhora, he verdade que estás sendo objecto dos meus olhos?

Rosim. Que já sem sobresaltos te vejo?

Polid. Que já sem embaraços te admiro?

Rosim. Já satisfeita estou do que contra ti julgava, pois sei da boca de Policena, que nenhuma inclinação te deve.

Polid. E eu fóra estou do meu ciume, pois

ſei que Floriandro a Policena dedica os ſe
obſequios.

Roſim. Oh que feliz he quem merece os te
affectos!

Polid. Oh que ditoſo he quem ſabe idolatrar-t

A R I A A D U O.

Roſim. Caro bem, gloria de huma alma,
Que por ti vive entre ardores.

Polid. Meu feitiço, meus amores,
Por quem ſinto huma auſencia arde
te.

Roſim. Serás firme?

Polid. Eternamente } te hei de adorar.

Roſim. E eu tambem } até eſpirar. *Am*
Pois em fé de tal promeſſa.

Polid. Pois em fé deſſa lealdade.

Roſim. Deſte mal na ſaudade.

Polid. Deſte bem no ſentimento.

Amb. O viver ſerá violento,
Será doce o acabar. *Vão ſ*

S C E N A II.

*Ante-Sala. Sabe Merlim, e pouco depois B
gorrilhas ao baſtidor.*

Merl. SEnhores, onde poderei eſcapar deſ
duendo, deſte demonio de Bigorri
lhas, que com preſumpções de ſer minh
ſombra, a todas as horas me ſegue, e m
perſegue a todos os inſtantes. Se elle fora di

nheiro,

nheiro, que mais queria eu, se o trazia sempre comigo. Tenho ajustado com Celestina hir vella ao seu quarto, e não sei se o poderei conseguir, porque por não hir á vinha de amor, me poz este trambolho a minha desgraça, se não foi pregar-me o mono andar sempre amarrado a este cepo.

Sabe Bigorrilhas.

Bigor. Hei de vigiar este feiticeiro não me faça algum maleficio a Celestina, se he que ella, e elle me não fez já algum beneficio.

Sabe Celestina.

Celest. Merlim, já não posso passar com saudades; assim venho a buscar-te correndo. Que fazes? por onde andas?

Merl. Pergunta-o a Bigorrilhas, que elle o sabe tambem como eu.

Celest. A esse monstro queres que o pergunte? Esse he o amor que me tens? Tão mal me queres, que me mandas fallar com elle?

Bigor. Tomai lá.

Merl. Porque? elle está escommungado? Ora não o achava vossé tão máo, quando lhe queria dar hum abraço.

Celest. Abra..... que? antes eu fora a baraço pregão pelas ruas publicas.

Bigor. Olhem a patifona.

Merl. Não he o diabo tão feio como o pintão; porque Bigorrilhas he alguma cousa do outro mundo?

Celest. Sim, porque he cousa má.

Merl. Pois olha não te vá arrastar alguma noite.

Bigor. Arrastar-lhe-hei eu a aza, que he o que posso fazer.

Celest. Ai, não me metas medo. Apello eu!

Merl. Tu não pódes negar-me que elle he airoso.

Celest. Elle sim tem ar no corpo, mas he depois que lhe deu hum estupor.

Bigor. E não te dá a ti huma paralysia na lingoa?

Merl. Ora elle não he feio de cara.

Celest. O rosto he huma panella velha com dous olhos de gordura.

Bigor. Ah quem te chegára com hum chicote!

Celest. Agora do nariz cá para traz, que haja algum que lhe chegue á ponta do pé; pois as ventas de proposito as inventou a natureza para elle; porque são taes como os seus narizes.

Bigor. Ah quem te chegára aos teus!

Merl. Tu vas-me puxando pela lingoa; pois sabe que he a boca da noite, e em se pondo nella o Sol da india, faz hum escuro nos dentes, que he metter o dedo pelo olho; e disso deve de nascer o máo cheiro que della sahe, que he tão valente, que a todos chega aos narizes.

Bigor. Eu estou desvanecido de ouvir estes louvores.

Merl.

Merl. Que tal estará a sua alma a estas horas! *á part.* E as mãos?

Celest. São duas mãos de papel pardo, que pelo grande, bem podião ser duas resmas.

Bigor. Oh más balas te passem; já não ha quem tanto soffra. Basta, Celestina, que desta sorte pondes a boca em mim por detraz, assim na minha ausencia tomais na boca a minha pessoa? *sabe.*

Celest. Ui, Deos me livre! Eu havia fazer tal porquidade? antes comer murrões de candêas.

Merl. Meu amigo, quem escuta de si ouve.

Bigor. Desta vez eu farei queixa á Princeza minha Senhora, e ella saberá quem vós sois.

Celest. Basta, Bigorrilhas, que entendias que aquillo era de veras? Não foi senão huma peça, que te quiz fazer, por te ver escondido.

Bigor. Pois eu cá. . . . . he boa historia!

Merl. Andai que não sois capaz de gracejar comvosco.

Bigor. Ora espere: pois eu cá. . . . .

Merl. Por teu respeito me não faz ella mais favor.

Bigor. Ora minha Celestina, aqui para nós, ainda tem valimento para comtigo o teu amor?

Celest. Porque nenhum de vossés se queixe, hei de dar o premio do seu amor a quem para isso me mostrar o maior merito.

Bigor. Pois tenha mão, que eu digo primeiro as minhas boas prendas. Eu sou muito bem nascido.

Merl. Tambem eu nasci muito bem, sem me ficar nenhum pedaço na barriga de minha Mãi: e de mais eu sou muito bem criado.

Bigor.

Bigor. Tambem eu, graças a Deos, eſtou muito bem nutrido: e ſobre tudo tenho tantas forças, que me atrevo a levantar hum falſo teſtemunho por mais pezado que ſeja.

Merl. Eu não fallando nas forças, ſou tão galante, que tenho dado cutiladas ſem numero, e em gente de bigode. Iſto he quando fui barbeiro. *á part.*

Bigor. Eu ainda fiz mais; porque tenho feito mais mortes que cabellos tenho na cabeça. Iſto he quando me cato. *á part.*

Merl. Vá bugiar mentiroſo.

Bigor. Vá elle.

Merl. Não ſeja atrevido, que me diga a mim iſſo.

Bigor. Não ſeja inſolente, que me diga a mim eſſoutro.

Merl. Olhe que lhe hei de dar hum couce nas canellas.

Bigor. Olhe que lhe hei de dar huma cabeçada nos dentes.

Celeſt. Bom! hum tem marradas de boi, e outro manhas de beſtas: boas circunſtancias são as que nelles deſcobri.

Ambos. Pois qual te parece melhor?

Celeſt. Antes beſta, que do mal o menos; mas deixemos iſſo, em que parará a pendencia, vamos a prendas to cantes.

Merl. Eu ſou hum Orfeo de obra groſſa.

Celeſt. E tu?

Bigor. Eu alguma couſa faço por mim, ſem que ninguem me enſinaſſe.

Celeſt.

est. Ora vá, Merlim.
rl. Lá vai.

MINUETE.

Por te dar gosto
Já vou cantando,
E entoando
Fa, re, sol, do,
Vai para lá
Vem tu cá sol
Fa, re, sol, do.
Quem tanto afina
Sabe ser fino,
Mas do mofino
Não tenhas dó.
Oh quem me déra
Ser de teu gosto,
Porque bem posto
Só eu o sou.

st. Agora tu.
r. Lá vou eu.

MINUETE.

Eu tambem quero
Dar-te hum descante,
Ainda que cante
Sem tom, nem som.
Que eu em cantando
Já desafino,
E só dou fino
Pontos de amor,

Pois

Pois nelle eſtou
Sempre de ut,
Re, mi, fa, ſol.

Celeſt. Merlim, quando canta eſpanta os males, tu eſpantas a gente.
Bigor. A moſina em tudo lhe acha geito.
Celeſt. Vá de verſos: lá vai

MOTE.

Eu vou de cá para lá

GLOSA.

Merl. A dama a quem quero bem,
Me foge, e andamos ahi,
Ella dalli para aqui,
E eu cá daqui para álem:
Perſigo-a; e ella tambem
Me faz andar doudo já:
A mim ſempre á poſta eſtá
Paſſa para lá conforme,
Se eu eſtou de cá, mas ſe a porme
Eu vou de cá para lá.

Celeſt. Que? viva, viva. Agora tu.

MOTE.

Amores ſe tu quizeres.

GLOSA.

Bigor. Aqui perco a opinião, que eu não ſou para repentes; mas lá vai.

Filis

Filis se queres, verás
Hum, e dous, e argolinha,
Fica pé de papoulinha,
E o rapaz que jogo faz,
Passarás, sim passarás
Bello páo para colheres
Mal me queres, bem me queres.
Tu que vais, e tu que vens
Dá-me cá os meus vintens
Amores se tu quizeres.

nbos. Qual he melhor obra?
lest. Direi. Merlim faz melhor os versos; mas tu pareces mais Poeta. Ora lá vai a sentença posta por solfa.

A R I A.

Vai-te, vai-te ramelofo,
Não te mostres tão teimoso,
Que he tolice:
Eu comtigo desespero,
Vai-te embora, não te quero,
Já to disse.
Vem tu cá minha doudice,
Que nasceestes para mim
Tu namoras? bom arrocho.
Ai que gosto! ai que nojo!
Eu vomito,
Este sim que he mais bonito,
Gosto muito delle sim.

Lá te espero. *para Merlim Bigor.*

Bigor. Mui bem deſpachado fiquei dos meus ſerviços.

Merl. Os ſeus ſerviços não cheirão bem, ninguem dará real e meio por elles.

Bigor. Por amor de ti me vejo deſvalido.

Merl. A'gora homem, elle em caſa te ha de cahir, que mulheres ſempre eſcolhem o peior.

Vai ſe.

Bigor. Sim vai-te eſgueirando, que eu não vou já nas tuas ancas, e aſſim ha de ſer até te apanhar em alguma diabrura. *Vai-ſe.*

Mutação de apoſento de Celeſtina, e junto ao eſcotilhão huma arca, e ſabe Celeſtina.

Celeſt. Muito tarda Merlim! Elle não devia de poder eſcapar de Bigorrilhas: mas ei-lo que chega.

Sabe Merlim, e depois vem Bigorrilhas.

Merl. Se eſcaparei aqui daquelle maldito? Ora baſta, Celeſtina, que te são bem aceitos os meus rendimentos?

Celeſt. Primeiro quero ſaber a quanto chegão cada anno os teus rendimentos.

Merl. Ah não foras tu lacaia, logo não ſerias intereſſeira.

Celeſt. Ora porque tu não entendas que eu ſou das que querem, porque querem muito; eu te vou buſcar hum mimo de doces, que tenho guardado.

Faz que ſe vai, e diz Policena.

Merl. Para mim?

Bigor.

Bigor. Aquillo.
Polic. Celeſtina. *Dentro.*
Celeſt. Ai meus peccados! Ahi vem Policena: que dirá ſe aqui te vê? Coitada de mim! Eſconde-te neſta arca.
Merl. Eu não hei de eſconder-me.
Celeſt. E a minha honra?
Merl. E o meu valor?
Celeſt. Faze iſſo por mim.
Merl. Iſſo, e tudo o mais farei eu.
Celeſt. Pois não; iſto foi arremedar hum bocadinho de paſſo de Comedia.

Mette-ſe Merlim na arca, e ſahe Bigorrilhas depreſſa, e aſſenta-ſe na arca.

Bigor. Ah velhacos, iſto queria eu ver; agora não me levantarei daqui, ainda que venha ElRei, ſem vir alguem que veja as voſſas tratadas.
Celeſt. Ai pobre de mim!

Sahe Policena.

Polic. Celeſtina.
Celeſt. Senhora. Tantas mercês!
Polic. Que faz aqui o Porteiro?
Bigor. Eu bem ſei o que faço; agora eſtá elle debaixo.
Celeſt. Senhora, he hum louco.
Bigor. Cahio o rato na ratoeira.
Polic. Que dizes?
Bigor. Eu bem ſei o que digo. Agora hei de pôr em publico a ſua tratada.

Polic.

Poliç. Levanta-te, e vai-te. Eu farei, insolente, com que te castiguem.

Bigor. Eu me vou; mas eu tornarei logo. Ora o diabo não tem sono. *Vai rosnando.*

Celest. Ora graças a Deos.

Polic. Celestina, eu quero valer-me de ti para neste teu quarto fallar a meu irmão em cousa particular, por ser parte mais retirada.

Celest. Já elle, Senhora, o sabe?

Polic. Tambem queria que tu o avisasses, e eu ficarei aqui esperando.

Celest. Vou, Senhora, a obedecer-te.

Faz Celestina que se vai, e sabe Bigorrilhas, e Floriandro.

Bigor. Senhor, aqui está nesta arca escondido: eu cá não quero arcas encoiradas: abra-se, e ver-se-ha a minha verdade. Eu mesmo vi esconder a Merlim.

Celest Ai desgraçada de mim, que agora se sabe tudo! *á part.* Póde haver maior falsidade! Aqui está alguem? *chora.*

Flor. Não te afflijas, Celestina, que já conheço devia de ser engano o que elle tanto affirma; pois de ti se não deve escrupulisar; e mais estando nesta casa o sol de Policena, cuja luz he efficaz para desterrar a menor sombra de duvida.

Bigor. Senhor, aqui está. Protesto que se abra a caixa.

Celest. Primeiro a ti te hão de abrir a cabeça.

Polic. Não haverá ninguem, que ponha a

menor

menor duvida na tua verdade; porém para seu castigo faça-se o exame, que em se achando o contrario do que elle affirma, por minha conta fica a remuneração do testemunho.

Bigor. Sim, Senhor, eu tomo sobre mim toda a carga.

Celest. Senhora.

Flor. Diz bem Policena, em teu abono, e seu prejuizo he toda a diligencia: abre tu, Bigorrilhas.

Celest. Desgraçada mulher!

Bigor. Sim, Senhor. Vou como hum Gamo: ora saia cá para fóra, se he homem.

Abre a caixa, e sahe de dentro huma mulher com manto, e toalha.

Merl. Ai se estou mais hum moimento abafo na arca; já me hião dando os meus fratros menencorios.

Bigor Senhores, eu estou fóra de minha Mãi.

Celest. Senhores, eu estou admirada de tal ver.

Flor. Que mulher he esta?

Polic. Este era o homem que viste?

Bigor. Eu não sei o que digo. Este Merlim, não he Merlim, he o diabo.

Celest. Senhora, eu se agora....

Merl. Senhores, eu nunca fui amiga de fantastegas, nem de esquimeras, porque ao ser prove tira o creto; proveza não he vileza, eramos de pescaria. Eu sou Avó desta moça ha muitos annos; e como quiz a perminencia

cia Divina, que ella vieſſe ſervir ao Paço de inRei meu Senhor, enche-ſe toda de vergonha cada vez que me vê táo deſpreſivili, e agora vendo que vinháo Suas Senhorias me eſcondeo neſta arca, porque me náo viſſem.

Celeſt. Aquelle eſcommungado quiz que eu tiveſſe agora eſta afronta.

Polic. Antes deves agradecer-lhe o pezar, pelo goſto de ſe conhecer a tua innocencia, e a ſua maldade.

Flor. Eu me alegro, Celeſtina, de que fique mentiroſo, quem vos fez a vós mais verdadeira.

Bigor. Eu havia de jurar em cem pares do que quizerem, que he verdade o que diſſe. Ainda agora me eſtá parecendo eſta mulher ſer Merlim.

Polic. Que ſimplicidade!

Merl. Que diz o Senhor? que eu pareço jorzelim? Ai filho náo faça eſcarne das velhas, olhe náo o caſtigue Deos, que ainda póde vir a ſer mais velho do que eu ſou.

Bigor. Sim, eſſa praga me caia.

Merl. Ai Deos dê o Ceo a Marta Fragoſa, minha Mái; na grolia eſteja a ſua alma, que foi mulher muito groſſa, tinha hum patrocinio de dinheiro, era táo amiga de todos, que nunca negou o ſeu a ninguem, e por iſſo ſe vio tantas vezes arraſtrada; mas o que mais a deſtruio, foi mei Pai, que pagou grande tirbuto á mocidade, gaſtando todo o cabidal com tanta giribitancia, que

todos

todos ficárão atolicos de tal ver; mas depois que vio huma noite huma avantesma ficou intimidado; mas desde que isso lha soncedeo, compeçou a ser hum esprital de miserias, teve huma manica de achaques; porque elle teve gota armenica, teve dores esferas, teve refeição de oirinas; e quando disto melhorava, tinha na cabeça humas dores de enchaquetas, que andava a tombos, e sendo elle bem carnudo, e bem reposto, veio a pôr-se tão acabado, que parecia hum escarleto vivo, huma escapula de morto: por esta causa não precipitei eu dos seus cabedeis, que vim a tanta proveza, que bem diz lá o ditado, que onde has de hir, não has de mentir.

Polic. Divertida me tem a esquisita fraze desta velha.

Flor. Boa occasião perdi de fallar a Policena com algum descanço.

Bigor. E v. m. foi casada?

Merl. Eu fui casada com hum homem marinho, e muito altorisado, porque era Gardião de huma não; antes de me areceber andava feito hum cambalião, bebendo os ares por mim, e era de tanto respeito na pessoa, que cada vez que me passeava arodiado de todos os seus marujos, parecia o Rei de divina marca com toda a sua comesstiva.

Bigor. A mulher he divertida.

Merl. Ai filho, isto está acabado, no meu

tem-

tempo ninguem me punha o pé adiante; mas depois que tive os meus flatos vitorinos, que he a maior pinsáo do sexo femilino, nunca mais pude bailár, nem cantar.

Bigor. Oh, pela sua vida, vá alguma cousinha.

Celest. Olhe agora o que diz! minha Avó já náo está para isso.

Merl. Ora por dar gosto a estes Senhores quero cantar hum bocadinho.

Bigor. Abençoada sejas.

Canta Merlim a seguinte

ARIA.

Ai! já estou muito acabada,
Náo ha mal que me náo siga,
Cando eu era rapariga
Era muito folgazona:
Antances bailava, aytona
Dous são dous, e tres são tres:
Ai os frautos, ai, hum ai; *arrota.*
Ahi tem vossas merces.
Eis-aqui todo o meu mal.
Pois que vai? eu náo o dixe;
Este frauto escommungado
Em tudo se quer meter,
Como he táo entremetido,
Náo me deixa bem fallar.

Flor. Notavel he o genio da velha, eu prometto favorecer-te por causa de Celestina:

e agora vai tu mesmo; Bigorrilhas, a conduzilla.

Merl. Nosso Senhor lhe pague essa caridade. Ora entrementes, meus Senhores: adeos minha Senhora, nosso Senhor lhe dê huma fortuna muito formosa. Celestina, adeos menina, observai-vos com estes Senhores, não desacrediteis a vossa recendencia.

Bigor. Vamos, Senhora Velha. *Vão-se.*

Celest. De boa me livrou Merlim com suas prodigiosas artes. *á part. e vai se.*

Flor. Meu bem, Senhora, he possivel que seja competidora a minha fineza da tua tyrannia? He possivel que seja tal a tua dureza, que ostente igualdades com a minha constancia? o que a tudo leva excesso, só ache exemplares o meu damno?

Polic. Não ignoro, Floriandro, as circunstancias que concorrem para fazer attendiveis os teus obsequios: este conhecimento seja allivio aos teus pezares. Da minha parte faço o que devo em reconhecer tanto as minhas obrigações, como as tuas perrogativas; se não pago os teus extremos, não me culpes a mim, que te não sou adversa; culpa as estrellas, que te não são propicias.

Flor. Para mim não ha mais estrellas que as dos teus divinos olhos: e já que ellas influem sempre em meu damno, sem que bastem excessos amantes a merecellos propicios a meus decentes obsequios, trocado o soffrimento decoroso em furiosa desesperação,

conseguirá a força o que não póde a brandura, acabará a violencia o que não conseguio a suavidade.

Canta Floriandro a seguinte

ARIA.

Oh bellissima tyranna,
Quem he esse que te engana?
Oh cruel, que me mataste
Desprezando a minha fé!
Se conheces o meu trato,
E esse amante he sempre ingrato,
Ultrajar-te para que?

SCENA III.

Sala. Sahem ElRei, e Rosimunda.

Rey. HE preciso, Rosimunda, que para sustentar o pezo da Coroa, se appliquem mais hombros; pois como o reinar he tão pezado, que quanto mais dura, mais fatiga, já os meus se sentem enfraquecidos; e se lhe não duplico as forças para a segurança, os que hoje se vem opprimidos, cedo se verão prostrados. Já huma vez te dei noticia de que varios Principes te pretendem para esposa; ficaste de resolver-te na eleição, que o carinho antepoz ás leis do teu gosto as razões do meu estado; e como até aqui me não tenhas respondido, agora te mando

tomes a resolução ultima, para o que te concedo sómente o termo de dous dias. Nisto interesso não só o allivio de tanto pezo que me opprime, mas o descanço de tantos cuidados que me desvelão, depois que ouvi nomear o Principe Polidoro, a quem tenho natural aversão.

Rosim. Pai e Senhor, bem reconheço a especial mercê, que me fazes, em permittir que se execute pela minha escolha o que só depende de tua resolução; porém quizera, que me concedesses mais dilatado tempo, para a eleição do que ha de durar toda huma vida. Não sei como embarace a sua resolução, pois a brevidade he tanto contra os meus intentos. *á part.*

Rey. O que tenho dito se execute sem mais demora. Não sei que receia a alma desta repugnancia. *á part.*

Rosim. A' tua disposição responderá a minha obediencia. Toda a alma se enche de sentimento. *á part. e vai-se.*

Rey. A semelhança que me dizem tem este estrangeiro com o Principe Polidoro, me trás inquieto, pois só a sua imagem me offende; e tanto que agora do natural amor que me devia, se trocou em natural aversão que já lhe tenho.

Sabe Merlim pela mesma parte por onde entrou Rosimunda.

Merl. Aonde acharei Polidoro, para lhe dar

o recado que agora me deu Rosimunda? Mas cá está Sua Magestade. Senhor.

Rey. Merlim como te vai em Palacio?

Merl. Entre mal, e bem: ha muito comer, mas ha muito que trabalhar.

Rey. Pois tu tens trabalho? Que occupação he a tua?

Merl. A minha occupação he estar ocioso.

Rey. Isso he descanço.

Merl. Não he tal, que o meu officio he o mais trabalhoso, que ha na casa Real.

Rey. Que officio he o teu?

Merl. Eu, Senhor, sou Sevandija de Palacio: o meu exercicio he fazer rir a todos: vê tu se ha maior trabalho, que viver de graça, aonde o melhor que me succede he tirem-se todos de mim.

Rey. Ha maior fortuna, que ter o dom de fazer rir a todos? Para ti o riso he applauso, não he ludibrio.

Merl. Eu, bem sei que bom he ter esse dom, mas eu antes quizera ter huma Senhoria, que mais me havião de estimar.

Rey. A estimação melhor he a que adquirem as prendas. *Vai-se.*

Merl. Não pegou a labia. Grandes applausos, Senhor Merlim! ElRei favorece-me muito; mas eu não me animo muito diante delle, alguma cousa devo de dever-lhe.

Sahe Polidoro.

Merl. Polidoro, se tu tardavas; a Princeza

Rosa

Rosimunda me disse tinha cousas muito importantes que communicar-te, e que para esse effeito te conduzisse ao pomar, por ser parte mais retirada.

Polid. Pois Merlim, que esperamos? não dilatemos a occasião de fallar-lhe; vamos.

Merl. Segue-me. *Vão-se.*

Mutação de pomar, e huma arvore estará junto aos bastidores de sorte que não embarace a vista do fundo, e sabem ambos por outra parte.

Merl. Aqui esperar póde, em quanto eu vou fazer certa diligencia de gosto.

Vai-se pela banda da arvore.

Polid. Ainda cá não está Rosimunda: cousas devem ser de grande cuidado as que quer communicar-me, pois a obrigão a tal excesso.

Sahe Merlim com huma cadeira, que põem atraz da arvore.

Merl. Deixa-te estar ahi, que a seu tempo servirás.

Polid. A que effeito conduzes, Merlim, para este sitio essa cadeira?

Merl. Has de saber, que segundo a força do meu genio fiz esta cadeira, com tal arte, que quem lhe pozer a mão ficará immovel, e quem nella se assentar adormecerá com hum somno tão profundo, que não acordará, sem que eu lhe toque com a pedra deste

annel:

annel: e tudo isto se encaminha a fazer huma notavel peça a Bigorrilhas.

Polid. Notavel he a tua travessura.

Sabe Rosimunda apressada.

Rosim. Ai Polidoro, morta venho!

Merl. Pois retira-te, que nós não gostamos de cousas do outro mundo.

Polid. Que he, Senhora, o que tanto tẽ afflige?

Merl. Alguma restituição, que deixou de fazer.

Rosim. Tormentos que hei de sentir eternamente.

Merl. Se a pena he eterna; condemnáda está a tua alma.

Polid. Declara-te já, não me dês o veneno com pausas; que quando aos seus impulsos se ha de perder a vida, na brevidade da morte se transforma o rigor em beneficio. Dize, que a tudo o que for allivio teu, acharás disposto o meu animo.

Merl. Es grande devoto das almas do inferno: não vês que já lhe não aproveitão os suffragios?

Rosim. Has de saber, que ElRei meu Pai com rigor inhumano me deu sómente dous dias de prazo, para dentro delles me resolver na eleição de esposo: bem sabes que sendo isto contra o nosso amor, he para mim occasião de maior sentimento.

Merl. Ah! esta padece por cazar: muitas companheiras tem.

Polid.

Polid. Pois, Senhora, agora não he tempo de ponderar o mal, senão de remediar o damno.

Sabe ElRei por junto da arvore, e detraz della se põem junto á cadeira.

Rey. Para aqui vi entrar a Rosimunda apressadamente, e como de tudo tira cuidado o meu receio, quero examinar a causa. Mas aqui Polidoro! Não foi em vão o meu receio. *á part.*

Rosim. Não he necessario, amado Polidoro, certificar este excesso da fineza com que te amo; pois as pessoas como eu, em materias de amor, basta confessallo para encarecello.

Rey. Que he o que escuto, pezares!

Polid. Pois supposta essa verdade, he preciso dar a grande mal, grande remedio. Farás pelo meu amor huma fineza?

Rosim. A' tua disposição estão os meus excessos.

Merl. Ella está por tudo. Não he tão má alma como eu cuidava.

Rey. He certo o que vejo, penas?

Polid. Pois serás minha, a pezar de todo o mundo que te embarace?

Rosim. Palavra te dou de não admittir para consorte meu outro, que não seja o Principe Polidoro, mais que nisto aventure a propria vida.

Rey. Darei credito aos olhos? darei fé aos ouvidos?

Polid. Pois meu bem, já que logro tanta ventura

tura na tua promessa, seja a tua nevada mão, não só fiança da tua palavra, mas principio ditoso de minhas felicidades.

Rey. A cólera me suffoca; pagará com a vida a sua aleivosia, e a minha offensa.

Quer mover-se, e não póde.

Mas que he isto! immovel estou! O susto me embaraça o movimento.

Merl. Ora que lhe ha de fazer, se lha offereceste de esposa, que importa que agora lha dês de antemão? Isto são mãos perdidas, sendo ventura que elle ganha por mão.

Rosim. Seria tão impossivel, que em mim houvesse acção menos modesta, como tornar-se em desertos montes o ameno destricto destes pomares.

Merl. Pois não seja essa a duvida, que já estás na solidão dos montes.

Mutação de montes, e correndo-se a arvore fica ElRei patente.

Rosim. Notavel prodigio!

Rey. Raro assombro!

Polid. Já não pódes negar o favor que solicito.

Rosim. Admirada estou!

Merl. Ai meus peccados! Não te admires disso só; se queres admirar-te mais, olha para teu Pai ElRei.

Rey. Não tenho mais final, que de vivo sentimento que me irrita.

Rosim. Ai de mim! Sem alma estou!

Cahe desmaiada.

Polid.

l. Desmaiada está Rosimunda! Merlim, e hei de fazer?

l. Não te afflijas, que ElRei está immo-l, e eu vou buscar agoa para o desmaio.

Vai-se.

Já desta contínua luta me sinto tão prof-ido, que faltão forças para sustentar-me pé. Aqui tomarei algum descanço. *assen-se.* Mas que nova effuscação de sentidos e opprime! Já vai sepultando-se a luz do a em negras sombras, se não he que a rrivel parca me cerra os olhos em sompi-rna noite. *adormece.*

Canta Pelidoro a seguinte

A R I A.

Ai de mim!
O rigor de meu destino
A tal ancia me condemna:
Se he verdade o que examino,
Basta o susto, basta a pena
Para ser da morte ensaio.
Ai meu bem, no teu desmaio
Meu alento ha de acabar!
Torna em ti
Doce prenda, não me escuta
Bello encanto a triste sorte:
Já o rigor da dura morte
No meu peito se executa;
E acha a parca enfurecida,
Quando em ti me tira a vida,
Novo modo de matar.

Sabe

Sabe Merlim com huma quarta de agua, e torna em ſi Roſimunda.

Roſim. Ai de mim!

Polid. Torna, meu bem, a dar vida a quem de ſentimento eſpira.

Merl. Ora com o favor de Deos não ha de ſer nada: aqui lhe trago huma bilha; mas ella não tem agoa, nem me parece que a teve nunca, porque eſtá ſeca como hum páo; mas já não ſerá neceſſario. Ainda bem.

Roſim. He poſſivel, que ElRei meu Pai, foi teſtemunha dos meus occultos ſegredos!

Polid. Ao ſomno parece que o vejo rendido.

Merl. Aſſentou-ſe na cadeira? pois bem pódem deitar-ſe a dormir, deſcancem que elle não acordará, ainda que lhe toquem tambores aos ouvidos.

Polid. Que havemos de fazer?

Merl. Eu darei remedio a tudo. Agora quero divertillos hum pouco, moſtrando-lhe o que vai pelo mundo. Queres, bella Roſimunda, ver a batalha que ſe eſtá dando entre o exercito Ungaro, e o de Polidoro teu eſpoſo? pois inclina a viſta.

Mutação de campo de batalha, e dentro ſe ouve eſtrondo de armas.

Roſim. Admiração, e horror me cauſa ao meſmo tempo eſta prodigioſa viſta.

Polid Eu eſtimarei, Senhora, ſer o vencido, porque ſejão voſſos todos os triunfos.

Merl. Pois esta vez não será assim, porque já os teus Soldados acclamão victoria.

Dentro. Viva Polonia.

Outros Rendidos somos.

Rosim. Venceste, Polidoro, mas não he novo achares em Ungria rendimentos.

Merl. Ora vejão agora anticipadamento o luzido applauso, com que na Corte se ha de celebrar a victoria as primeiras noites das noticias.

Mutação de Cidade, e as janellas cheias de luminarias.

Rosim. Oh quám plausiveis me são os teus triunfos!

Polid. He porque todos são troféos de tuas plantas.

Merl. Digão o que quizerem, elle sempre está huma galante prespectiva. Quem vir tantas luzes, não ha de dizer senão que são janellas com luminarias. Vem todos esse apparato luzido, pois proveito dos ratos.

Polid. Porque?

Merl. Porque das propinas destas luminarias, elles he que hão de lamber a torcida. Oh Senhores, tem vossas mercês visto? pois adeos luzes.

Corre-se a mutação, e fica de pomar.

Polid. Pois, Rosimunda, já que me promettesle obrar por mim quanto eu dispozesse, tenho determinado levar-te para Polonia roubada.

bada, já que eu comtigo não posso ficar em Ungria; para o que tenho disposto, que huma pequena fragata ao cahír das sombras nos venha a este sitio esperar, para conduzir-nos a huma forte náo, que no mar nos espera. Que respondes, meu bem?

Rosim. A tudo se offerece quem a amar se sujeita. Goze eu da tua companhia, ainda que seja á custa dos maiores perigos.

Polid. Pois, Senhora, com o seguro de tanta felicidade começa a alentar o meu coração. Vamos, que de tarde eu te avisarei por Merlim.

Rosim. Ai amor, a quanto obrigas! *Vão-se.*

Merl. Já lá havião de estar, que tenho aqui que fazer. Ora vamos acordar ElRei, fazendo pedra de toque deste annel. Agora por aqui me sirvo. *Vai-se.*

Rey. Que pezado he este somno! Que sonho tão terrival!

Canta ElRei a seguinte

ARIA.

Triste suspiro,
Louco delirio,
Sem ter socego
Neste pezar.
Ai filha ingrata
Aonde estás?
Sinto, padeço,
Louco endoudeço

De-

Desesperado
Com tanto mal.

Olá, Floriandro, Rosimunda, Criados.

Floriandro, Rosimunda, Celestina, e Bigorrilhas.

Senhor, de que dás vozes?
Que hé, Senhor, o que te afflige?
Que he isto?
ElRei devia ver alguma cousa má.
Floriandro, não viste mudar-se o agreste
montes para este sitio, trocando a agra-
el verdura destas ramas em toscas aspe-
is dos seus penhascos?
Não te entendo; mitiga, Senhor, o sen-
ento.
Não viste que em offensa da minha Real
oa, em parte mais sensivel que a mesma
a, executou os golpes sua aleivosia, o
a maior inimigo.
Que dizes, Senhor? Mitiga hum pouco
aixão.
Elle está louco.
. Queira Deos não andasse por aqui
rlim.
Ai de mim! hide-vos todos, hide-vos da
nha presença.
Já, Senhor, te deixámos. *Vão-se.*
Espera tu, Floriandro.
Que he, Senhor, o que me mandas?
Floriandro amigo, eu estou mortal. Metti-
do

do eſtive até agora em hum profundo lethargo: eu vi que eſtas arvores ſe transformáráo em montes: eu vi, ai infeliz! que o Principe de Polonia eſtava com minha filha Roſimunda, e que em minha offenſa lhe dava ella a máo de eſpoſa, e em meio de tantos pezares me vi ſem forças para caſtigar a injuria, e ſem alento para ſuſtentar a vida.

Flor. Notavel força de melancolia! Senhor, eu me perſuado a que foi ſonho, e náo realidade quanto me referes; porque táo difficil he mudar-ſe os montes, como faltar na Princeza os pundonores de filha tua. Socega, Senhor, a vaga imaginaçáo, e diſcorre com melhor acordo.

Rey. Já concedo, que ſeria ſonhada a cauſa do meu ſentimento; mas porque eſte ſonho náo ſeja prognoſtico da minha deſgraça, eu quero pôr todo o cuidado em evitar a cauſa de tantos ſobreſaltos; e aſſim, Floriandro, eſta tarde quero que diſponhas huma caçada, aonde vá toda a familia de Palacio, e nella determino tirar a vida a Polidoro, attribuindo a erro de algum monteiro a ſua infelicidade. Iſto ha de ſer, de ti me fio, e logo quero que executes as minhas ordens.

Flor. Senhor, a tua vontade he lei da minha obediencia.

Rey. Vamos pois. Ai Roſimunda, quantos deſvelos me cauſas!

Flor. Ai Policena, quanto a tua pena me afflige! *Váo ſe.*

SCE-

SCENA IV.

Sala. Sabem Policena, e Merlim.

Merl. QUeres, Policena, que te torne a dizer o recado para que te não esqueça? Ora lá vai.

Polic. Não, Merlim, não te canses, que já estou muito bem advertida.

Merl. Saiba que na descida dos Aciprestres, junto á fonte que tem cara de Leão de pedra, has de esperar alli á boca da noite; mas não lhe metas o dedo, que te póde morder, ahi te hiremos buscar, não para pôr pés em polvorosa, que em te metendo no mar, não has de ver palmo de terra, mas para metter pé em barco com Polidoro.

Polic. Em fim tornaste a dizer tudo; és teimoso.

Merl. Tenho dado o meu recado; adeos até á tarde. *Vai se.*

Polic. Ainda não creio a minha ventura. He possivel que me hei de tornar a ver em Polonia, e que hei de hir na doce companhia de Polidoro! Oh se quizesse amor, que eu tivesse abrigo em seu peito, para ser completa a minha felicidade!

Sabe Bigorrilhas.

Bigor. ElRei me chama; grande mercê! Eu estou que não caibo na pelle, e isto deve ser porque trago a ElRei na barriga.

Polic.

Polic. Mui divertido vás.

Bigor. Eu já não fallo a todos.

Polic. Porque ? estás com alguns augmentos?

Bigor. Sim, Senhora, não vês como estou gordo.

Polic. Da mesma sorte te vejo.

Bigor. He que me não vês com bons olhos: senão estou gordo, estou inchado.

Polic. Inchado, com' que?

Bigor. Com o favor de ElRei.

Polic. Es agora valído?

Bigor. Antes elle he que se quer valer de mim, pois me chama: eu supponho que isto resultou destes novos namorados.

Polic. De quem?

Bigor. He cá hum certo rum rum, que anda em Palacio.

Polic. Dize-me o que he isso.

Bigor. Ora essa he boa, pois eu havia ser tal, que dissesse huma cousa de tanto segredo? eu havia declarar-te que Polidoro namora a Rosimunda? Boa graça! apello eu por mim!

Polic. Que escuto, adversos fados! Ainda me faltava este tormento que sentir. E dize, como se sabe isso?

Bigor. Ai Senhora, a muito má porta vens bater: da minha boca havia saber-se cousa que defamasse ninguem? isso não; outro fora eu que dissera que ElRei se esbravejou muito, e que disse que vira a Polidoro com a Princeza fallando de amores; que havia fazer, e acontecer; mas eu, Deos me livre. Senhora, fica-te embora, e de mim não esperes saber nada. *Vai-se.*

Polic. Ai de mim! Se haverá mais penas a que me condemne a minha infausta sorte? Polidoro desprezando os meus affectos, me obrigou a sentir ingratidões: o fado desterrando-me de Polonia me condemnou a chorar ausencias, e agora amor apurando os seus rigores me mata com ciumes. Se haverá quem nascesse com menos ventura? Porém se Polidoro me determina levar de Ungria, e elle se ausenta para Polonia, como póde ser certo o que sinto? Piedosos Ceos, dai algum allivio a meus pezares.

Sahe Floriandro.

Flor. Galharda Policena, ainda que o teu rigor faz em mim inutil o merito, hão de competir com as tuas tyrannias as minhas finezas, e recebe por huma das maiores o aviso de que ha quem determina dar morte a teu irmão Polidoro: supposto que esta declaração ponha em grande risco a minha pessoa, quero antes perder por ti a vida, que ver derramado o teu sangue: avisa-o pois que logo se ausente.

Polic. Deitou a fortuna o resto, este he o maior de todos os pezares. *á part.* Sem duvida he certo o que se me disse. Ah ingrato, tyranno, que te expões a morrer, só por tirar-me com a pena a vida.

Flor. Faze o que te digo com todo o segredo, e fica-te embora, que mais me não posso dilatar. Esta tarde serás roubada na mon-

tanha, que já para isso não consegue o rogo. *á part. e vai-se.*

Polic. Vou avisar a Polidoro, e será o conservar-lhe a vida fazer maior a sua ingratidão. Oh quanto te devo, Floriandro! Se forem certos os meus aggravos, protesto corresponder ás tuas finezas.

Mutação de bosque. Sahem ElRei, e Bigorrilhas.

Rey. Vè o que te encarrego, tem cuidado, e tem segredo.

Bigor. Sim Senhor.

Rey. Não percas de vista os Soldados.

Bigor. Não Senhor.

Rey. Se se executar a morte da pessoa que eu disser, vai tu publicando, que por erro matárão os monteiros a Polidoro, hindo a atirar a huma féra.

Bigor. Sim Senhor.

Rey. E vê que em isto se executando, senão deixe passar ninguem para fóra da montanha.

Bigor. Não Senhor.

Rey. Disto darás logo aviso aos Soldados.

Bigor. Sim Senhor.

Rey. Nada te esqueça.

Bigor. Não Senhor.

Rey. Vai agora ver se sahio já a familia de Palacio para a caçada.

Bigor. Sim Senhor. *Faz que se vai.*

Rey. Mas espera.

Bigor. Não Senhor.

Rey. Que dizes?

Bigor. Sim Senhor.

Rey. Homem estás fóra de ti?

Bigor. Não Senhor

Rey. Faze o que primeiro te ordenei. *Vai-se.*

Bigor. Sim Senhor. Ora Senhores, tenha hum homem juizo, ainda que seja hum asno. El-Rei havia dizer que eu sou homem de poucas palavras; pois só duas lhe disse em todo o tempo que lhe fallei.

Sahem dous Soldados.

Sold. 1. São horas de hirmos ao sitio que se nos ordena.

Sold. 2. A' sua ordem vimos.

Bigor. Não he nada, estou feito official de ordens, ainda que melhor fora de matrimonios: já me luzio o valimento. Vamos, Senhores Soldados.

Sold. Vamos. *Vão-se.*

Sahem Polidoro, e Merlim,

Polid. Se me favorece a fortuna, como o pede o meu atrevimento, hoje terá principio a minha felicidade.

Merl. Grande mal nos espera.

Polid. Que dizes?

Merl. Não he quasi nada, não te assustes, que não he mais que estarmos ambos condemnados á morte: esta montaria não he mais que pára nos caçarem.

Polid. Ha mais adversa fortuna!

Merl. Vindo agora em busca de ti encontrei toda a comitiva de Palacio, que acompanhava a Princeza, e passando por junto a mim Policena, me disse com grande dissimulação, que esta tarde estava determinado o tirar-te a vida, que logo te retirasses para a náo, e que eu a conduziria a seu tempo. Pois que te parece?

Polid. He a maior infelicidade que a sorte me tinha guardado. Ai de mim!

Merl. Ora ei-lo vai, não comeces a fazer choradeiras, tu bem pódes hir para a tua terra.

Polid. Antes quero perder a vida, que perder a Rosimunda, que he a alma que me anima.

Merl. Pois eu antes queria hir para Polonia desalmado, que ficar estripado em Ungria.

Polid. Ai amada Rosimunda!

Merl. Coitadinho! Ora não chores, que a tudo te hei de dar remedio.

Polid. Oh Merlim, quanto me tens obrigado! já he pouca a vida para pagar-te, pois tantas vezes ta devo.

Merl. Ora deixa-te de comprimentos, que não estamos agora para isso, toma sentido: para tu passares pelas guardas tens o meu annel que te fará invisivel, e eu, porque será lá precisa a minha assistencia, hirei dissimulado com a fórma de rapaz pequeno, que ninguem me impedirá a passagem.

Polid. Dáme os braços, Merlim, por tão bem disposta traça.

Merl. Irra! guarde para lá: com que eu sou o que lhe faço os beneficios, e eu sou o que lhe

lhe hei de dar de mais a mais os braços; dou-te hum pé para escapares dos perigos, e tu queres ser como o villão, que lhe dão o pé, e toma a mão. Mas espera que alli vem ElRei escondido atraz daquellas matas, espera que não quero que me veja comtigo. *Vai-se.*

Sabe ElRei, e hum Soldado.

Rey. Aqui vai Polidoro, ediantar-me-hei a dar aviso aos Soldados; e tu toma para traz, e em vendo que este Estrangeiro terá passado pelos guardas, que estão junto ao poço, vai dar-me aviso do que succeder.

Vai ElRei para outra parte, e o Soldado vai para onde veio.

Polid. Agora que ElRei passou, hirei buscar a Merlim, que escondido me espera. *Vai-se.*

Apparece o fundo de montes, e junto ao escotilhão hum bocal de poço, e sabe Bigorrilhas, e os Soldados com espingardas, e põem-se Bigorrilhas da parte esquerda, e os Soldados da direita.

Bigor. Ora Senhores Soldados, ponhão-se á lerta, que se cação o tal coelho, esta vez pelos nossos serviços ficaremos com o habito; mas será de algum vicio.

Sold. 1. Em mim não haverá descuido.

Sold. 2. Eu de tudo estou advertido.

Sabe

Sabe ElRei por junto de Bigorrilhas.

Rey. Em se executando o que ordenei, vai logo publicar o que te disse.

Bigor. Sim Senhor.

Rey. Ao primeiro homem, que depois de mim passar, atirareis, e depois o precipitareis na profundidade deste poço.

para os Soldados, e vai-se

Sold. Tudo se executará como ordenas.

Sabem Polidoro, e Merlim de rapaz.

Merl. Vás aqui, Senhor.

Polid. Aqui vou.

Merl. Pois vai afouto, que sendo hum tão grande Principe, me pareces hum ninguem.

Passa Polidoro por Bigorrilhas, e pelos Soldados, e se vai.

Merl Ora vamos debicar hum pouco com Bigorrilhas.

Bigor. Oh pequeno, aonde vás?

Merl. Eu?

Bigor. Pois quem? tu.

Merl. Vou, vou... eu bem sei para onde vou.

Bigor. Guarda-te para lá.

Merl. Apostemos nós que não sabe v. m. para onde eu vou?

Bigor. Pois dize para onde.

Merl. Eu vou aquillo.... vou a.... como se chama? Oh, já sei; vou ver caçar.

Sold. 1. Olhem a curiosidade do rapaz.

Sold. 2. Este não póde ser o que ElRei nos disse.

Sold. 1.

Sold. 1. Porque? elle he Herodes, que mande matar innocentes.

Bigor. Rapaz, vai-te embora para tua casa, não queiras levar alguma dentada de algum porco montez.

Merl. Ora v. m. ha de me deixar hir; que ha de fazer?

Bigor. Guarte lá; que diabo he isto?

Merl. V. m. tem a fralda fóra, surriada, surriada, á, á, á, á. *ri-se.*

Bigor. Vem vossés o rapaz dando-me vaias.

Sold. 1. O maroto he descambado.

Merl. Ora deixe me passar, que eu lhe cantarei huma cantiga bem bonita.

Bigor. Canta lá.

Merl. Ai sam sarram sam sam. *ri-se.*

Sold. O rapaz parece que nos logra.

Bigor. Tu andas na escóla?

Merl. Sim Senhor.

Bigor. E que dás?

Merl. Eu dou beliscões nos rapazes.

Bigor. Soletra lá alguma cousa.

Merl. S. P. qto. cartaxo, f. x. me le o mão de gral.

Bigor. Ora o rapaz he solemne! *ri-se.*

Merl. Quer v. m. que eu lhe cuspa na cara?

Bigor. Não, não, está quieto: que mais sabes fazer?

Merl. Eu sei fazer, e mais sei muitos jogos, e pois? Eu sei fazer o som da caixa, sei a roda dos altos couces, sei a corneta lá vai Luzina, sei o páo manda, o páo fica, e...

Bigor.

Bigor. Basta, basta, rapaz, de não sei que diga.

Merl. Sei dizer sesta baresta; sei dizer ferrolho, ferrolho, o diabo te quebre hum olho; taramella, taramella, o diabo te quebre huma perna.

Bigor. Basta, homem, basta.

Merl. Sei fazer pocinhas de mijo na praia, sei fazer caca por mim, e mais por v. m. e sei fazer assim.

Sold. 1. Oh sim, he bónito!

Merl. Ora deixe-me passar, que eu lhe contarei huma historia.

Bigor. Ora dize lá.

Merl. Era huma vez hum corujo de penedo, que tinha seis cornos tamanhos, e hum rabo tão comprido; com que, Senhor, foi elle, hia passando por huma rua, ouvio chorar hum menino, vai elle que faz? subio pela escada acima para pegar no menino, vai o menino, vai elle, e amance o corujo, vai, e toma o corujo, e o menino: e não sei mais. Ora deixe-me passar.

Bigor. Ora vai-te já com não sei que diga.

Merl. E v. m. deixa-me passar?

Sold. Passa, avia.

Merl. Surriada, que os logrei. *Vai-se.*

Bigor. Ver o desaforo do rapaz!

Sabe hum Soldado.

Sold. Supponho que já terá passado o sujeito, que ElRei disse. Senhores Soldados.

Vai aos Soldados.

Sold. 1.

Sold. 1. Este he sem duvida o que esperamos.
Sold. 2. Pois morra. *Atirão-lhe, e cabe no chão.*
Sold. Morto sou. Ai de mim, triste!
Sold. 1. No poço o precipitemos.
Bigor. Ai que medo! os cabellos se me arrepião! Que tivessem valor dous bonecros para matar hum homem! eu me vou depressa deste sitio. *Vai gritando.* Matárão ao Estrangeiro Polidoro huns monteiros, que hindo matar hum porco, matárão ao moço mais asseado que havia. *Vão-se.*

Corre-se a corrediça do poço, e sabe Celestina.

Celest. Que diacho he isto, que anda neste bosque! Não ouço mais que vozes desconcertadas, tiros horrorosos, e todos em ranchos cochichando huns com outros, Policena assustada, Rosimunda pensativa, ElRei jogando os segredos, eu arrenegada entre tanta confuzão!

Sabe Rosimunda.

Rosim. Ouvi dizer que he morto Polidoro: se isto he certo, que espera a dura parca, que não executa o mesmo rigor!
Celest. Peior he esta!

Canta Rosimunda a seguinte Aria, e

RECITADO.

Oh parca mais cruel, em não matar-me,
Que na gloria que chegas a usurpa-me
Acaba já comigo

Que

Que de húma eterna ausencia na dor forte
A vida he maior mal que a mesma morte.

A R I A.

Mas pois na mortal pena
Sinto as ancias com que aspiro,
Parte esta alma em hum suspiro
A buscar o amado bem.

Sahe Polidoro, e canta a mei a Aria.

Rosim. Eu falleço.
Polid. Ai doce gloria
Não me mates.
Rosim. Que he o que vejo!
He illuzão do meu desejo?
Polid. Não meu bem, he realidade
Amb. Ha maior felicidade!
A lograr esta ventura
Não está a vida mais segura,
Pois mata o gosto tambem.

Polid. Segue-me amade Rosimunda. *Vai-se.*
Rosim. Vem Celestina. *Vai-se.*
Celest. Já te sigo. Queira Deos que pare em bem este enredo. *Vai-se.*

Sahe Policena.

Polic. Aqui me mandou esperar Polidoro, verei se Merlim me vem conduzir aonde disse, e se estará já em seguro a vida deste ingrato, que ainda que offende a minha, e deseja defender a sua.....

Sahem

Sahem dous Soldados, e a tomão no meio, e detraz hirá Floriandro.

Sold. A bufcar-vos vimos com ordem de quem póde mandar-vos: vinde voluntariamente, não feja precifo que com a violencia fe profane o decoro.

Polic. Para que he levar por força, a quem vos fegue por vontade? Efta he fem duvida a traça de Merlim, e a ordem de Polidoro. *á p.*

Levão-na no meio, e detraz vai Floriandro.

Flor. Admirado me tem a pouca repugnancia, com que fe houve Policena: bem me fuccede nos meus amorofos empenhos. *Vai-fe.*

Sahem, Polidoro, Rofimunda, Celeftina, e Merlim.

Polid. Merlim, como havemos vencer efta grande difficuldade? Tomadas eftão todas as fahidas do bofque. Como nos havemos de efcapar defte perigo? Não fellas? não reparas? não refpondes?

Rofim. Merlim, já que nos metefte no empenho, não nos deixes padecer fem remedio. Eftás mudo?

Celeft. Merlim, meu menino, tira-nos defta ratoeira, mais que feja com a mão do gato. Eftás furdo? não me ouves?

Merl. Eu fei cá diffo? Deixem-me aqui: eu cá pari-os? agora me eftão debaixo da mão, todos me rogão, tudo são confumições,

daqui

daqui á manhã háo de me dar dous couces na boca do estomago.

Polid. Que resolves?

Rosim. Que determinas?

Celest. Que intentas?

Todos 3. Merlim.

Merl. Outra vez, Merlim, o diabo da gente háo de me furtar o nome, e eu hei de ficar sem elle. Ora náo se desconsolem, que tudo tem remedio.

Celest. Boas novas te dê Deos.

Merl. Já o bosque se vai cobrindo de huma táo cerrada nevoa, que todos háo de andar ás apalpadellas; e para que aqui náo estejáo dous Principes desaccomodados, já minhas artes fabricáo hum delicioso jardim, aonde nos recebáo dous Satyros amigos, que habitáo nestas salvas.

Mutação de Jardim de caniços, e dous Satyros.

Rosim. Que formosa estancia!

Polid. Bello emprego do meu cuidado, á medida do meu desejo se dispõem tudo o que he agradavel.

Celest. A habitaçáo he boa, mas os hospedes sáo horrendos.

Merl. Ora Senhores Pés de Cabra da Fonseca, cantem vossas mercês alguma cousa triste, que nos alegre.

Cantão os Satyros.

Resoe em doce clamor. amor.
Que levando em tudo a palma alma.
Infunde aos troncos que eleva leva.
A gloria mais superior:
E no encanto apetecido,
Sendo pasmo do sentido,
Doce leva a alma amor.

Diz dentro ElRei.

Rey Entre o grande horror de que se cobre a selva, serve de norte ao ouvido a harmoniosa voz, que a esta parte se escuta.

Rosim. Este he ElRei, que aqui se encaminha.

Polic. A esta parte se percebe claridade; e pois fluctuamos em golfos de sombras, tomemos porto aonde se nos offereça luzes. *Dentro.*

Polid. Esta he Policena, que se nos avizinha.

Merl. Pois he justo que a recebamos em casa, e não em o jardim.

Mutação de Sala de estatuas.

Polid. Que admiração!

Rosim. Que pordigio!

Merl. Agora Polidoro se esconda, que eu quero tornar a ser criança.

Celest. Outra vez?

Merl. Não vês que duas vezes somos meninos.

Reti-

Retira-se Polidoro, e Merlim para sabir de menino, e sabe por huma parte ElRei, e Bigorrilbas, e por outra Policena, e Floriandro.

Rey. He sonho, ou verdade o que admiro?
Bigor. Eu estou tolo!
Flor. He engano da vista o que contemplo?
Polic. Que nova admiração he esta? Mas que vejo! Floriandro he o meu condutor? Engano foi da sombra. Ai de mim!
Rey. Filha Rosimunda, que prodigio he este?
Rosim. Eu, Senhor, na mesma duvida estou.
Rey. Aqui anda impulso sobrenatural. Policena, muito sinto dar-vos a noticia de que vosso irmão he morto, e que hum monteiro o matára por engano, indo a atirar a huma féra; e visto este engano, e ficar impossivel o remedio, quando queirais assistir neste Reino, sereis tratada com grande estimação no meu Palacio; e quando não, me obrigo a mandar-vos conduzir com maior decencia á vossa Patria.
Polic. Ai infeliz, que nasci para representar na minha vida huma continuada tragedia! Pois, Soberano Monarca, já que a fortuna com o maior infortunio quiz apurar a minha desgraça, agora com a maior dita, quero dar principio á minha ventura: e assim com tuà licença darei a mão de esposa a Floriandro, de tantas finezas como lhe devo.
Flor. Toda a ventura será minha, se amor...
Rey. Floriandro, repara que o meu sangue enche

de

de espirito o teu peito, e se deslustra na desigualdade.

Rosim. Grande amor!

Polic. Não julgues, Senhor, que com este consorcio fica deslustrada a tua Soberania; e assim sabe, que o meu nascimento he Real: sobrinha sou de Tsar de Moscovia, que com huma irmãa sua vim ao Reino de Polonia, aonde vivendo no Palacio d'ElRei seu esposo, amei ao Principe Polidoro, ao qual hoje em Ungria derão morte os teus vassallos, fazendo mais sensivel o meu pezar, ser eu a causa da sua desgraça; pois vindo em busca minha, achou a morte neste Reino.

Rey. Notavel desgraça!

Flor. Infeliz tragedia!

Merl. Deixallos lamentar, que elle logo ha de resuscitar. *á part.*

Rey. Grande lastima me causa a morte do Principe.

Bigor. Eu estou arrebentando por dizer, que não era elle o que matárão.

Rey. Se imprudente fui na minha resolução; mas pois ao effeito não ha remedio, daqui não hei de hir, Rosimunda, sem que tu elejas esposo, para logo responder aos Embaixadores dos Principes, que te procurão; e supposto que o de Polonia já he falecido, os demais deixo á tua resolução.

Rosim. Boa occasião. Pois Pai, e Senhor, supposto que o Principe de Polonia he morto...

Merl. Toda a supposição he falsa.

Rosim.

Rosim. Posso eleger o que quizer ?

Rey. Já está empenhada a minha Real palavra.

Rosim. Pois fiada nesse seguro elejo este.

Vai buscar a Polidoro.

Merl. A rapariga tem juizo.

Rey. Logo elle não he morto : que pena !

Flor. Que alegria me causa este successo !

Polic. Que novo extremo de gosto, e pezares !

Sahem Polidoro, e Rosimunda.

Polid. Esta he, Senhora, a minha mão, e esta, Senhor, a minha garganta : se te offende a minha ousadia, tira-me a vida que alento ; pois já me não pódes tirarar a gloria que consigo. *ajoelha.*

Rosim. Senhor.

Rey. Levantai-vos a meus braços, que já trocado o rancor em agrado ; elles mesmos duplicaráõ os laços com que vos unio o amor.

Flor. Mereça eu, Policena, a tua divina mão por premio de minhas finezas.

Polic. Com ella recebe huma alma, que já se empenha a adorar-te.

Celest. Todos cazão, só eu não sei qual he o meu ?

Bigor. Eu estou para hir pédir a ElRei a Celestina, mas tenho tamanha vergonha, como hoje, e á manhã.

Celest. Eu não tenho com quem cazar. Oh menino, quereis vós cazar comigo ?

Merl. Ai v. m. está feita a carouxinha ; dizendo

quem

quem quèr cazer com a carouxinha, que he bonita, e formosinha.

Celest. Pois queres?

Merl. Eu náo sei cazar; mas se v. m. me ensinar, aqui estou.

Bigor. Ha maior desamparo! Isso he huma criança: se queres cazar, aqui estou eu, dá cá essa máo.

Esconde-se o rapaz, e sabe Merlim.

Merl. Tenha máo para lá, que cá estou eu primeiro.

Bigor. Eu te arrenego, já eu estava admirado de tu aqui náo fazeres das tuas.

Merl. Rei invicto, Soberano Monarca, com razáo vos admiráo as cousas sobrenaturaes, que no vosso Palacio, e nestes bosques tem succedido, e agora se está vendo; e assim declaro, que eu tenho sido o author de todas, usando da magica branca, que Pedro de Bayalarde me ensinou em Pariz; porém se disso te dás por offendido, supposto nunca foi esse o meu intento, todos por mim já intercedem.

Todos. Senhor.....

Rey. Basta, perdoado estás.

Merl. Pois na fé deste seguro, repitáo-se alegres vozes, e todos conformes digamos.

Cantão, e representão.

Nobre auditorio, se o affecto assentar
Nestes obsequios, que sabe fazer,
O vosso agrado chegue a merecer,
Pois nunca erra quem quer agradar.

FIM.

INDICE

DAS OPERAS, QUE CONTÉM este quarto Tomo.

CATALOGO.

De alguns Livros que se vendem na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, ao Bairro Alto, na rua da Atalaia.

Operas Portuguezas, que se representárão nos Theatros públicos do Bairro Alto e Mouraria. 4 vol. em 8.º

Historia do Imperador Carlos Magno, e dos Doze Pares de França, 3 Partes em 1 vol. de 8.

Adão Remido por Jesu Christo, Poema Evangelico, em 8. 1 vol.

A Conversão miraculosa da Felice Egypcia penitente Santa Maria, sua Vida e Morte composta em Redondilhas por Leonel da Costa, 1. vol. em 12.

Exercicio Devoto para pedir o Amôr de Deos, e outras Virtudes, pelo Veneravel Padre Fr. Luiz de Granada, 1 vol. em 12.

Luz e Methodo facil para todos os que quizerem praticar o importante exercicio da Oração Mental. Pelo P. Fr. Manoel de Deos Missionario do Varatojo, 1 vol. em 24.

Taboada Geral, ou Noções preliminares da Arithmetica de novo recopilada pelo methodo Socratico, ou Dialogistico, para instrucção da Mocidade Portugueza, com o accrescentamento do valor, e subdivisão de todas as moedas

de

de cambio das principaes Praças da Europa; declarando-se a real correspondencia que as mesmas moedas tem com o curzado velho de Portugal, 1 folheto em 8.

Elementos da Arithmetica, ou Regras da Numeração, e das quatro operações fundamentaes da Arithmetica, para uso das primeiras Escólas, 1 folheto em 8.

Orações para assistir ao Santo Sacrificio da Missa, conforme o Missal Romano, e para antes e depois da Confissão e Communhão; e accrescentado novamente com a *Magnificat* de N. Senhora em Portuguez, 1 vol. em 16.

Taboada Exacta em folha para uso de Meninos, principiantes das Escólas.

Cartilha da Doutrina Christã, ordenada á maneira de Dialogo para instrucção dos Meninos 1 vol. em 16.

Breve Compendio da Doutrina Christã, por methodo claro, e accommodado aos meninos que aprendem. No fim se ensina o modo de ajudar á Missa, conforme o uso Romano, do Carmo, e de S. Domingos.

Manual Devoto para assistir á Missa, accrescentado com varias Orações offerecido a todo o Fiel Christão, para se encomendar cada hum a Deos N. Senhor. Ultima Impressão mais accrescentada, e com estampas.